



ROGÉRIO AUGUSTO SILVA PINTO

A feira agroecológica da UNEB-Campus-X, e suas dimensões formativas na
organização sócio-produtiva da agricultura familiar do território do Extremo Sul da
Bahia

São Paulo - SP
2025

ROGÉRIO AUGUSTO SILVA PINTO

A feira agroecológica da UNEB-Campus-X, e suas dimensões formativas na
organização sócio-produtiva da agricultura familiar do território do Extremo Sul da
Bahia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL), do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como exigência para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (área de Geografia), na área de concentração “Desenvolvimento territorial”, na linha de pesquisa “Território, Educação e Cultura”.

Orientadora: Profa Dra. Maria Nalva Rodrigues de Araujo Bogo.

São Paulo - SP

2025

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais – Biblioteca
Graziela Helena Jackyman de Oliveira – CRB 8/8635

Pinto, Rogério Augusto Silva.

P659 A feira agroecológica da UNEB-Campus-X e suas dimensões formativas na organização sócio-produtiva da agricultura familiar do território do extremo Sul da Bahia / Rogério Augusto Silva Pinto. – São Paulo, 2025.

104 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Maria Nalva Rodrigues de Araujo Bogo.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, São Paulo, 2025.

1. Desenvolvimento rural – Bahia. 2. Agroecologia. 3. Agricultura familiar – Bahia. 4. Agricultura – Exposições. I. Título.

CDD 631.098142

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Espera-se que este trabalho provoque e sensibilize as instituições públicas, a exemplo das Universidades Estaduais e Federais pelo país, para que venham favorecer o surgimento de feiras agroecológicas nos seus espaços, como estratégia pensada para a relação dos processos educacionais dessas instituições com a sociedade. Também se espera que essa estratégia ganhe espaço no âmbito acadêmico, provocando questões ligadas à socioespacialidade do campo nas teses, nas dissertações, nos trabalhos de extensão, nas salas de aula, em rodas de conversa, nas oficinas pedagógicas, sobretudo, nas Jornadas Universitárias em favor da Reforma Agrária.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

It is expected that this study will stimulate and raise awareness among public institutions—such as State and Federal Universities across the country—so that they may encourage the emergence of agroecological fairs within their spaces, as a strategy designed to strengthen the relationship between these institutions’ educational processes and society. It is also expected that this strategy will gain ground in the academic sphere, prompting discussions related to the socio-spatiality of rural areas in theses, dissertations, extension projects, classrooms, discussion circles, pedagogical workshops, and, above all, in the University Journeys in support of Agrarian Reform.

IMPACTO POTENCIAL DE ESTA INVESTIGACIÓN

Se espera que este trabajo provoque y sensibilice a las instituciones públicas, como las Universidades Estatales y Federales del país, para que favorezcan la aparición de ferias agroecológicas en sus espacios, como una estrategia pensada para fortalecer la relación entre los procesos educativos de dichas instituciones y la sociedad. Asimismo, se espera que esta estrategia gane espacio en el ámbito académico, promoviendo reflexiones vinculadas a la socioespacialidad del campo en las tesis, disertaciones, trabajos de extensión, aulas, círculos de diálogo, talleres pedagógicos y, sobre todo, en las Jornadas Universitarias en favor de la Reforma Agraria.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ROGÉRIO AUGUSTO SILVA PINTO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE, DO INSTITUTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS - UNIDADE COMPLEMENTAR - SÃO PAULO.

Aos 29 dias do mês de setembro do ano de 2025, às 9h30min, no(a) Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais - IPPRI, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ROGÉRIO AUGUSTO SILVA PINTO, intitulada **A FEIRA AGROECOLÓGICA DA UNEB-CAMPUS – X E SUAS DIMENSÕES FORMATIVAS NA ORGANIZAÇÃO SÓCIO- PRODUTIVA DA AGRICULTURA FAMILIAR DO TERRITÓRIO DO EXTREMO SUL DA BAHIA**, sob orientação da Profa. Dra. Maria Nalva Rodrigues De Araujo Bogo. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARIA NALVA RODRIGUES DE ARAUJO BOGO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação / UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Profa. Dra. ÂNDREA FRANCINE BATISTA (Participação Virtual) do(a). Universidade Federal do Paraná - UFPR - Setor Litoral, Profa. Dra. LUZENI FERRAZ DE OLIVEIRA CARVALHO (Participação Virtual) do(a) . Universidade do Estado da Bahia -UNEB. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Profa. Dra. MARIA NALVA RODRIGUES DE ARAUJO BOGO

Para meu pai, Humberto A. Pinto (*In memoriam*), autodidata - escritor sexagenário e minha mãe (*In memoriam*) Maria Petrina S. Pinto (artista plástica e exímia arte culinária da Boa cozinha grapiúna). Lembro-me dos estímulos para que eu gostasse da Feira de Itajuípe, onde aos 08 anos de idade, comecei a negociar com livros, panelas, chuchu, pimenta e outras iguarias do nosso quintal e do Armazém Santa Maria, onde, geralmente, aos sábados, se ouvia os cantadores de cordéis, do Pavão Misterioso à Pedro Malazarte, com ouvido de mercador, na praça vereador José Adry.

Para as minhas filhas, Maria Petrina e Ana Paula. E, para Dorinha Arruda e Marcelo Erickson, pelo apoio incondicional, pelo tempo e o espaço disponibilizados na minha acomodação, o que favoreceu, de sobremaneira, ao estudo deste trabalho, como para o meu deslocamento e o meu ócio elegante, nos trechos entre a Bahia e São Paulo.

Dedico as companheiras feirantes da UNEB/Campus-X, com muita admiração, respeito e gratidão por esta convivência social e solidária.

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Nalva Rodrigues de Araújo Bogo, coração de estudante (música de Milton Nascimento), para quem “Há de se cuidar da vida! Tomar conta da amizade!” Para quem circula nas veias e no coração, a seiva original da própria Educação do Campo. Conquanto, para nós, eternos aprendizes, concebemo-nos em sementes, presentes da sua flor, como polens espalhados aos quatro cantos do país, da voz que diz: pela Reforma Agrária Agroecológica, justa, na sua raiz, para que a vida nos traga flores e frutos.

À professora Luzeni Ferraz de Carvalho, é que agora entendi, com a Professora Nalva, formam os ibejis, para iluminar o caminho de tantas, por quantos e para tantas. Formando lideranças e militantes, que fazem o território do extremo sul da Bahia, ter o diferencial, das mulheres da luta, em destaque, em todo o território nacional. São as revolucionárias em rebelde revelia, que plantam sonhos de liberdade à noite, e colhem sementes de esperança ao final do dia. “Deve estar aqui do lado, bem mais perto que pensamos, a folha da juventude é o nome certo pra este amor”.

E, ao professor José Gilberto de Souza, pela cuidadosa atenção dedicada, do seu precioso tempo de educador, na leitura interativa e na correção criteriosa e objetiva desta dissertação. São "alegrias e muitos sonhos espalhados no caminho" de quem se encontra na porta septuária da vida, podendo ser canteiros de mudas, para logo mais, estar expostamente, distribuídas nas feiras-festas solidárias, onde se construam novas formas de viver e existir com o coração! Juventude e Fé.

RESUMO

Este trabalho foi realizado com o objetivo de compreender as dimensões formativas da Feira Agroecológica da Agricultura Familiar e da Economia Solidária da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/DEDC-X), no município de Teixeira de Freitas-BA. Nesse sentido, o referencial teórico que delineou esta pesquisa possuiu como âncora autores como Braudel (1998), Mott (1975), Ferreira (2010), Leão (2019), Araujo *et al.* (2024; 2025). Para isso, a pesquisa combinou abordagens quantitativas e qualitativas, e utilizaram-se como instrumentos para coleta de dados a entrevista, pesquisa documental e a observação participante. Os sujeitos da pesquisa foram as/os feirantes, coordenadoras do projeto de extensão, os frequentadores e monitores. Por conseguinte, os dados revelaram que a realização da feira perpassa a luta pela terra, a organização dos movimentos sociais do campo, a organização coletiva para a produção agroecológica e a economia solidária, pois é um espaço para além da comercialização de produtos. Além disso, a pesquisa evidenciou que a feira constitui um espaço formativo, cultural e comunitário, pois através dela articulam-se práticas agroecológicas, saberes tradicionais e conhecimento científico, arte, cultura, lazer e saúde.

Palavras-chave: Feira agroecológica; Agroecologia; Práticas sustentáveis; Universidade; Desenvolvimento territorial.

ABSTRACT

This work was carried out with the aim of understanding the formative dimensions of the Agroecological Fair of Family Farming and Solidarity Economy at the State University of Bahia (UNEB/DEDC-X), in the municipality of Teixeira de Freitas, BA. In this regard, the theoretical framework that guided this research was anchored by authors such as Braudel (1998), Mott (1975), Ferreira (2010), Leão (2019), and Araujo et al. (2024; 2025). To this end, the research combined quantitative and qualitative approaches, and the instruments used for data collection were interviews, document research, and participant observation. The research subjects were the vendors, the project extension coordinators, the attendees, and the monitors. Consequently, the data revealed that holding the fair intersects with the struggle for land, the organization of rural social movements, and collective organization for agroecological production and the solidarity economy, since it is a space that goes beyond product commercialization. In addition, the research showed that the fair constitutes a formative, cultural, and community space, because through it agroecological practices, traditional knowledge and scientific knowledge, art, culture, leisure, and health are articulated.

Keywords: Agroecological fair; Agroecology; Sustainable practices; University; Territorial development.

RESUMEN

Este trabajo se realizó con el objetivo de comprender las dimensiones formativas de la Feria Agroecológica de la Agricultura Familiar y de la Economía Solidaria de la Universidad del Estado de Bahía (UNEB/DEDC-X), en el municipio de Teixeira de Freitas-BA. En este sentido, el marco teórico que orientó esta investigación tuvo como referencia autores como Braudel (1998), Mott (1975), Ferreira (2010), Leão (2019), Araujo et al. (2024; 2025). Para ello, la investigación combinó enfoques cuantitativos y cualitativos, y se utilizaron como instrumentos para la recolección de datos la entrevista, la investigación documental y la observación participante. Los sujetos de la investigación fueron las/os feriantes, las coordinadoras del proyecto de extensión, los visitantes y los monitores. En consecuencia, los datos revelaron que la realización de la feria atraviesa la lucha por la tierra, la organización de los movimientos sociales del campo, la organización colectiva para la producción agroecológica y la economía solidaria, pues se trata de un espacio que va más allá de la comercialización de productos. Además, la investigación evidenció que la feria constituye un espacio formativo, cultural y comunitario, ya que a través de ella se articulan prácticas agroecológicas, saberes tradicionales y conocimiento científico, arte, cultura, ocio y salud.

Palabras-clave: Feria agroecológica; Agroecología; Prácticas sostenibles; Universidad; Desarrollo territorial.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Extremo Sul da Bahia: redução do bioma mata atlantica.....	24
Figura 02 – Participantes da feira agroecológica.....	29
Figura 03 – Escola do MST.....	32
Figura 04 – Movimento Quilombola.....	32
Figura 05 – Card de divulgação da feira agroecológica.....	46
Quadro 01 – Presença na feira agroecológica em 10/07/2024.....	46
Quadro 02 – Síntese de realização das feiras em 2022.....	49
Quadro 03 – Síntese de realização das feiras em 2023.....	54
Quadro 04 – Perfil das/os feirantes.....	60
Quadro 05 – Síntese do perfil das/os feirantes.....	70
Quadro 06 – Síntese de realização das feiras em 2024.....	78
Figura 06 – Dança Bate-barriga.....	91
Figura 07 – Oficina de alimentação saudável com Dalva.....	92
Figura 08 – Limpeza de ouvido.....	93
Figura 09 – Visita escolar à feira agroecológica.....	95

LISTA DE SIGLAS

ADAB	Agência de Defesa Agropecuária da Bahia
ALVA	Associação Lutar pela Vida em Abundância
ATRAF-CA	Associação dos trabalhadores da Agricultura Familiar da Comunidade de Arara
APRQVM	Associação dos Produtores Remanescentes dos Quilombolas de Volta Miúda
CAR	Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional
CECAF	Central Estadual das Comunidades Tradicionais da Agricultura familiar e Campesina do estado da Bahia
CEPLAC	Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira
COOTAF	Cooperativa dos trabalhadores da Agricultura Familiar
DEDC	Departamento de Educação
EMARC	Escola Média de Agropecuária Regional da Ceplac
ENFF	Escola Nacional Florestan Fernandes
EPAAEB	Escola Popular Agroecológica e Agrofloresta Egídio Brunetto
ESALC	Escola superior de Agricultura Luiz de Queiroz da USP
FTC	Faculdade de Ciência e Tecnologia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFBA	Instituto Federal Baiano
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPPRI	Instituto de Políticas Públicas e relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
JURA	Jornada Universitária de Apoio à Reforma Agrária
MST	Movimento dos trabalhadores Sem Terra
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCIP	Organização Social de Interesse Público
RESEX	Reserva extrativista
SDA	Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado da Bahia
SDT	Superintendência de Desenvolvimento Territorial do Estado de São Paulo
SPGU	Sistema de Planejamento e gestão Universitária

TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho
UFSB	Universidade Federal da Bahia
USP	Universidade de São Paulo
UATI	Universidade Aberta da Terceira Idade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Percurso metodológico	16
1. 2 Percurso seguido pela pesquisa	17
1.3 Instrumentos de coleta de dados.....	18
1.3.1 Entrevista	18
1.3.2 Observação participante	19
1.3.4 Pesquisa documental.....	20
1.3.5 Sujeitos de pesquisa.....	21
1.3.6 Local da pesquisa.....	21
2 CONTEXTUALIZANDO O TERRITÓRIO DO EXTREMO SUL DA BAHIA, ONDE OCORRE A FEIRA DE AGROECOLÓGICA: contexto socioespacial da feira agroecológica da UNEB/DEDC-X.....	23
2.1 O Território de Identidade do Extremo Sul da Bahia.....	23
2.2 Caracterização dos sujeitos, coletivos, movimentos sociais e associativos que compõem a feira agroecológica	29
3 A FEIRA AGROECOLÓGICA DA UNEB/CAMPUS X – TEIXEIRA DE FREITAS	39
3.1 Breve recorrido sobre a feira.....	39
3.2 Caracterizando a feira agroecológica da UNEB – DEDC/Campus X.....	43
3.3 Perfil das/os participantes da feira.....	59
3.4 Os/as frequentadore/as da feira agroecológica da UNEB-DEDC/X	65
3.5 Os monitores de extensão da feira agroecológica e suas aprendizagens	67
3.6 Os/as feirantes entrevistados/as (perfil e percepção da feira)	69
3.6.1 Percepção dos entrevistados sobre a monocultura do eucalipto.....	71
3.6.2 Visão dos entrevistados sobre a feira da UNEB.....	73
4 OS PROCESSOS EDUCATIVOS QUE OCORREM ARTICULADOS À AÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA/DEDC-X	78
4.1 Atividades desenvolvidas na feira em 2024	78
4.2 Os processos educativos articulados à feira agroecológica da UNEB.....	88
4.3 Espaço de Formação e Debate	89
4.4 Mística, Cultura e Arte.....	90

4.5 Oficinas preparo de alimentação saudável.....	92
4.6 Saúde e Bem-Estar	93
4.7 Relação Universidade e Educação Básica.....	93
4.8 Dinâmica social e afetiva da Feira.....	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	102

1 INTRODUÇÃO

O campo brasileiro encontra-se marcado pelas disputas entre dois projetos de desenvolvimento antagônicos, representados pelo agronegócio e pela agricultura camponesa. Neste contexto, os movimentos sociais do campo apresentam alternativas políticas de resistência de lutas e superação do modo de produção vigente, e difundem inúmeras formas de resistências desde a luta pelo território, lutas pelos bens materiais e imateriais bem como formas de produzir e alimentar o povo brasileiro. Assim, questiona-se diversas formas de estruturas políticas, instituindo organizações sócio-formativas que fomentam a produção de alimentos com outra matriz produtiva, contrapondo-se aos modelos hegemônicos.

É no enfrentamento ao modelo hegemônico que os movimentos sociais organizados têm buscado construir o campo da agricultura camponesa agroecológica com uso múltiplo dos recursos naturais, cultivando uma paisagem heterogênea e complexa, um modelo de campo onde se predominam as espécies nativas e da cultura local, primam pela conservação e enriquecimento da diversidade biológica, com uma tecnologia apropriada, apoiada no saber local, com base no uso da produtividade biológica primária da natureza, utilizando o trabalho familiar promovendo a democratização das riquezas e o desenvolvimento do local, num processo de resistência no campo com muita gente, com casa, com escola festa, cultura, arte, memória, ancestralidade (Fernandes, 2004).

Desse modo, são inúmeras as práticas que vinculam agricultura agroecológica, educação alimentar, saúde, arte, diversidade cultural exercitando, refletindo formas de produção e socialização que respeitam a vida em todas as suas dimensões bem como as relações sociais no contexto das contradições capitalistas. Campos (2021), com base no Censo Agropecuário Brasileiro de 2017, adverte que a agricultura familiar produz cerca de 70% da comida dos povos e representa 67% dos empregos gerados na agropecuária do país. Ou seja, mesmo ocupando um percentual infinitamente menor de terras, é a agricultura familiar quem mais produz alimentos de qualidade e livres de agrotóxicos para a mesa do povo brasileiro.

Nesse caminhar, os movimentos sociais do campo não estão sozinhos, contam com parceiras/os no campo e na cidade. Neste ambiente, algumas universidades brasileiras têm se colocado no fronte para contribuir no processo de lutas e divulgação das formas de lutas e produção realizadas pelos movimentos sócio-campesinos. Constituem algumas dessas estratégias, a realização das feiras de agroecologia que se realizam no interior de algumas universidades brasileiras, entre estas, a Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Espaços

como as feiras vêm se destacando como espaços de sociabilidades, resistência, formação, divulgação da produção agroecológica e da valorização do modo de vida camponês. A realização desta atividade reforça o compromisso da universidade com a soberania alimentar, a construção de relações mais justas entre campo e cidade por meio da extensão universitária popular.

O projeto de extensão Feira da Agricultura Familiar Agroecológica e Economia Solidária da UNEB/Campus - X está inscrito no Sistema de Planejamento Gestão Universitária – SPGU/UNEB sob o n.º 19.2025.157, e tem como objetivos:

- 1) Ampliar na universidade o debate sobre a temática do campo brasileiro, no tocante ao acesso à terra, a Agroecologia (como alternativa ao modelo do agronegócio), o conhecimento articulando e fortalecendo essa discussão com o ensino, a pesquisa e a extensão, bem como, implantar e ampliar o debate sobre a Agroecologia no Departamento de Educação/ Campus X da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Fortalecimento à Feira agroecológica no Campus X com vistas, a proporcionar o escoamento e a comercialização da produção agroecológica contribuindo para a geração de renda dos sujeitos da Agricultura Familiar Camponesa (Indígenas, Quilombolas, Ribeirinhos/as, fundo de Pasto, Marisqueiros/as, Pescadores/as, Assentados/as e Acampados/as), grupos esses, já atendidos por outros projetos de extensão da UNEB, contribuindo para constituir um espaço de debates e troca de saberes entre o campo e a cidade;
- 2) (...) oportunizar aos/as agricultoras/es familiares, integrantes da economia solidária um espaço de comercialização de produtos agroecológicos, livres de agrotóxicos, bem como promover estudos, debates sobre a produção e a comercialização de produtos advindos de agricultores/as familiares, derivados de um sistema agrícola de base agroecológica, onde o cultivo é feito de modo sustentável, respeitando a natureza e favorecendo a economia solidária contribuindo assim para a formação de uma consciência socioambiental cidadã aos participantes (acadêmicos e agricultores/as). Busca-se ainda oportunizar à comunidade acadêmica do DEDC-X, bem como aos habitantes do entorno da universidade, um espaço de aprendizagem sobre os princípios da agroecologia e acesso aos produtos agroecológicos (UNEB, 2025, p. 01).

A Feira acolhe agricultoras/os, assentadas/os da Reforma Agrária, quilombolas, pescadoras/os, ribeirinhas/os, mulheres dos municípios de Teixeira de Freitas e Itanhém, organizadas em suas associações, por meio da Economia Solidária. Além das/os participantes/vendedoras(es), a Feira mobiliza também a comunidade interna e externa de Teixeira de Freitas-BA. Geralmente frequentam a Feira como consumidores/as: os/as estudantes, professores/as, técnicos/as administrativos de instituições de ensino municipal, estadual e federal, grupos associativos, artistas, profissionais da comunicação, consumidores comuns em busca de produtos livres de agrotóxicos.

O projeto da feira foi implantado em 2016, e vem sendo, apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), constitui uma ação implementada pelo Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire (CAECDT), que também apoia feiras agroecológicas em outros Departamentos da UNEB. Conforme descrito no citado projeto,

além da sensibilização das comunidades, realiza-se parcerias com associações de produtores da agricultura familiar, associações de Economia Solidária, Prefeitura Municipal, Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, Programa Arboretum de Conservação e Restauração da Diversidade Florestal, Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Instituto Federal Baiano (IFBaiano), Território de Identidade do Extremo Sul da Bahia- CODETER, Coletivos de mulheres, Secretaria de Saúde, Empresas, Igrejas, entre outras parcerias.

Nesse sentido, delimitamos como objeto desta pesquisa a Feira de Agroecologia e Economia Solidária do Departamento de Educação/DEDC - Campus X, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com ênfase na articulação dos processos formativos desenvolvidos nesse espaço. Buscando, portanto, compreender em que medida a realização da Feira tem possibilitado a constituição de espaços de formação organizativa sócio-produtiva e de sociabilidade humana. Nesse contexto, nosso objetivo geral é discutir a realização da feira agroecológica e as dimensões formativas que nela ocorrem no âmbito da UNEB/Campus X, localizada no território do extremo sul da Bahia. Para alcançar esse objetivo, buscamos caracterizar os sujeitos coletivos responsáveis pela produção agroecológica e pela participação efetiva nesta atividade de caráter organizacional; traçar um perfil das(os) participantes que a integram; e sistematizar as ações desenvolvidas nos últimos dois anos, evidenciando suas dimensões formativas tanto no que se refere ao processo de organização socioprodutiva quanto à organização sociopedagógica da Feira Agroecológica da Agricultura Familiar e de Economia Solidária realizada pela UNEB/Campus X, em Teixeira de Freitas.

1.1 Percurso metodológico

Partindo da premissa de que a pesquisa existe para entender a vida, e é precedida de uma concepção da realidade, para conhecê-la é preciso investigar, e para investigar é necessário buscar referencial teórico, atentando para que não é a soma de referencial que faz o pesquisador compreender o real, mas o embate entre eles, e que a totalidade, é o que permite ampliar o entendimento sobre o fenômeno da historicidade de grupos sociais, como categoria da geografia sobre determinada população, no tempo e no espaço, bem como as transformações da paisagem interna e externa dos seus habitantes.

A finalidade da ciência é alcançar o conhecimento, para isso faz-se necessário ter um método, entendendo-o como o caminho que irá ser percorrido para chegar a um fim. Pode-se afirmar que o método científico é um conjunto de procedimentos adotados para que se chegue ao conhecimento de uma realidade. A este respeito, Andery (2014) sintetiza da seguinte forma:

Enquanto tentativa de explicar a realidade, a ciência caracteriza-se por ser uma atividade metódica. É uma atividade que, ao se propor conhecer a realidade, busca atingir essa meta por meio de ações passíveis de serem reproduzidas. O método científico é um conjunto de concepções sobre o homem, a natureza e o próprio conhecimento, que sustentam um conjunto de regras de ação, de procedimentos, prescritos para se construir conhecimento científico. O método não é único nem permanece exatamente o mesmo, porque reflete as condições históricas concretas (as necessidades, a organização social para satisfazê-las, o nível de desenvolvimento técnico, as ideias, os conhecimentos já produzido) no momento histórico em que o conhecimento foi elaborado (Andery *et al.*, 2014, p. 14).

Concordamos com a autora quando diz que o método científico não permanece o mesmo, pois cada sociedade produziu conhecimentos de acordo com o seu tempo histórico. Desse modo, a presente pesquisa adotou os parâmetros teóricos visando o delineamento de fontes, instrumentos e dados que se aproximam da teoria do conhecimento e método histórico-dialético, por exigir do pesquisador uma visão de mundo e da realidade social concreta, o qual está inserido, ciente de que não existe um guia prático de como fazer pesquisa.

Segundo Deslandes (1994), uma pesquisa constitui a síntese de múltiplos esforços intelectuais que se contrapõem e se complementam: de abstração teórico-conceitual e de conexão com a realidade empírica, de exaustividade e síntese, de inclusões e recortes, e, sobretudo, de rigor e criatividade. A mesma autora, ao questionar como pesquisar, argumenta que “é necessário fazer a leitura da realidade partindo da vivência experiencializada como observador-participante, no mesmo lócus da pesquisa” (Deslandes, 1994, p. 46). Segundo a mesma autora, a metodologia, mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, implica, sobretudo, as conexões e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetivos de estudo.

Para Severino, reconhecemos por métodos os procedimentos reconhecidos, voltados para a produção de dados e explicações, como, por exemplo, os métodos, mediante emprego de instrumentos apropriados (Severino, 2002).

1. 2 Percurso seguido pela pesquisa

Os procedimentos metodológicos dessa pesquisa perpassaram fases distintas e, ao mesmo tempo, similares, que se intercalaram entre si. Quanto aos procedimentos técnicos e instrumentos de coleta, o estudo do objeto em investigação ocorreu por meio de estudos bibliográficos, pesquisa documental, entrevistas e pesquisa participante. Sobre os estudos bibliográficos – trabalhamos com a elaboração de sínteses sobre as produções acadêmicas e conclusões que outras obras sobre o assunto abordam. Para tais elaborações, utilizamos fontes

bibliográficas e documentais constituídas por livros, artigos e teses que trataram dos seguintes conteúdos: a) A questão agrária no Brasil e a disputa de projetos no campo; b) A questão da agroecologia: concepções, princípios e as contribuições dos movimentos sociais e sindicais de luta pela terra; c) Ciência e Cientificidade; d) Histórico das feiras no Brasil; e) Feiras de agroecologia nas universidades e outras temáticas como extensão universitária, políticas públicas e outros. É importante ressaltar que a apropriação das referências bibliográficas, a leitura e aprofundamento do material didático e técnico-pedagógico fornecido pelo curso de Mestrado em Geografia da UNESP, da turma Maria Trindade, durante as aulas dos componentes curriculares cursados, foram de grande valia para a compreensão dos conceitos referentes à dimensão da geografia.

1.3 Instrumentos de coleta de dados

Dentre os instrumentos para coleta dos dados, utilizou-se como o instrumento principal, a entrevista (gravadas que posteriormente foram transcritas), com as participantes e outras pessoas apoiadoras/frequentedoras e participantes da Feira da UNEB/Campus X. Ao mesmo tempo em que realizamos as entrevistas, realizamos alguns registros fotográficos da organização espacial da Feira, tendo como sujeitos, as Feirantes Produtoras, como consulta aos documentos e às redes digitais da feira como o Instagram. Nesse ínterim, houve a necessidade de se estender esta pesquisa à coordenação geral da Feira; seus apoiadores, compradores, estudantes e outros visitantes usuais, como forma de completar informações concernentes à história e à estrutura física-administrativa e orgânica-social e produtiva da Feira Agroecológica da UNEB/Campus X, que tem como lema: “Alimentar-se é um ato político, cultural, ambiental, ético e social.”

1.3.1 Entrevista

Na pesquisa, lançamos mão da entrevista, como instrumento principal e balizador deste trabalho, para: “nos permitir a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (André e Lüdtke, 1986, p. 34).

Assim, optamos pela entrevista semiestruturada, pois “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão da sua totalidade tanto dentro de sua situação específica como de situações e dimensões maiores” (Trivinos, 1987, p. 152).

Todas as falas recolhidas por meio das entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para sistematização e análise.

Todas as entrevistas foram realizadas nos dias de realização da Feira, em uma sala de aula, no Campus X da UNEB, na cidade de Teixeira de Freitas, bem como nas visitas às comunidades de: Arara e Assentamento Bela Manhã (Mun. Teixeira de Freitas–BA; Quilombo de Volta Miúda (Município de Caravelas–BA); E, na comunidade Jaci Rocha, onde se localiza a Escola Popular Agroecológica e Agrofloresta Egídio Brunetto, no Município do Prado–BA. As entrevistas contaram com o apoio preparatório da leitura de um questionário, instrumento balizador do roteiro do diálogo entre entrevistador e entrevistadas, servindo para, antes da entrevista, trocar conversas corriqueiras sobre feira e a vida de cada feirante, além de servir como orientação para conhecer o teor da entrevista. Ademais, para esmaecer a timidez das pessoas, uma vez que mais da metade das feirantes participantes não havia sido entrevistadas em outros momentos de suas vidas.

Ao todo, realizamos vinte e uma entrevistas, sendo quinze com produtores/as, duas com as coordenadoras do projeto, duas com monitores e duas com frequentadores da Feira. Dentre o total dos entrevistados, quatorze são do sexo feminino, enquanto sete são do sexo masculino. É importante esclarecer que a feira acolhe o pessoal do campo e também mulheres ligadas à economia solidária que são da cidade. Nossa pesquisa se deu somente com as pessoas participantes da feira que são do campo.

1.3.2 Observação participante

Como demonstrado no memorial, apresentado no texto para exame de qualificação, nossa trajetória é marcada por uma efetiva participação nas feiras livres (desde os oito anos) e também, com outro pé nas lutas dos agricultores familiares, não apenas por aproximação, apoio ou mera observação empírica, mas, sobretudo, como técnico em agropecuária, militante político e social vinculado à luta pela terra, onde isso pode parecer inicialmente que a realidade dos dados aparece transparente aos nossos olhos. Entretanto, Minayo (1992) alerta que essa familiaridade do pesquisador com o objeto pesquisado poderá levá-lo a uma ilusão de que os resultados sejam óbvios à primeira vista. Chama atenção ainda que essa ilusão poderá nos levar a uma simplificação dos dados, conduzindo-nos a conclusões superficiais ou equivocadas.

Outra estratégia de pesquisa utilizada foi a observação participante, uma vez que a participação no processo formativo se deu no sentido de já conviver com o objeto de estudo. Cruz Neto (2000), ao apresentar os aspectos da pesquisa participante, enfatiza que:

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmite o que há de mais importante e evasivo na vida real (Cruz Neto, 2000, p. 60).

Segundo Lüdke e André (1986), uma das vantagens da utilização dessa técnica é a possibilidade de um contato pessoal do pesquisador com o objeto de investigação, permitindo acompanhar as experiências diárias dos sujeitos e apreender o significado que atribuem à realidade e às suas ações.

Como feirante e membro da Coordenação da Feira da UNEB/Campus X, como educador popular, na posição de pesquisador participante, presente nas atividades da feira durante os anos de (2022-2025) a fim de aprofundar a compreensão da organização da Feira Agroecológica da UNEB- Campus- X e a abrangência das dimensões formativas desenvolvidas pelas ações e atividades. Somando as atividades da Feira, realizei visitas às comunidades que participam da feira, fiz anotações em caderno de campo (registros fotográficos), em momentos diversos. As observações estão registradas, em fotografias, também em uma agenda pessoal com anotações programadas das visitas realizadas às áreas onde residem e trabalham as produtoras feirantes da Feira da UNEB/Campus X.

É importante considerar que a vida cotidiana dos sujeitos da pesquisa é rica em significados e em significância. Assim, todo o contexto da convivência com as vivências das pessoas entrevistadas foi de grande valia para o desenvolvimento das atividades da pesquisa.

1.3.4 Pesquisa documental

De acordo com Gil (1996, p. 51), “a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados conforme os objetivos da pesquisa”. Para o autor, a existência de materiais escritos, mesmo sem um tratamento analítico prévio, poderá ser utilizada como fonte de pesquisa.

Desse modo, além do fornecimento de informações, os documentos são resultantes de um determinado processo e, portanto, permitem assimilar o próprio contexto em que foram produzidos.

A feira, como projeto de extensão com uma caminhada de quase dez anos, possui uma gama de documentos. São cartazes, projetos em várias versões inscritos no Sistema de Planejamento e Gestão Universitária - SPGU/UNEB, relatórios, *cards*, mensagens, fotografias e outros. Em nossa pesquisa, valem-nos das consultas aos projetos inscritos, e relatórios e

reportagens publicadas sobre a feira, consulta ao Instagram @agrofeiraunebtx.

1.3.5 Sujeitos de pesquisa

Numa análise singular, do ponto de vista populacional e representativa como participante-observador regular na Feira Agroecológica da UNEB, elegemos como sujeitos da pesquisa, as/os participantes da feira da UNEB/Campus – X, pois as/os mesmas representam, consideravelmente, uma amostragem significativa, à realidade contemporânea da agricultura familiar, do território do extremo sul da Bahia. Ressalvando-se nesse contexto a importância da mulher produtora-feirante, e as suas características multifacetárias, criativa e militante social, bem como, da expressão viva da memória da luta pela terra, pela igualdade de gênero, racial e étnica; presentes na luta de classe no território do extremo sul da Bahia.

É importante ressaltar que, dentre o coletivo desta atividade de extensão acadêmica, participam integrantes da Escola Popular Agroecológica e Agroflorestra Egídio Brunetto do MST-Movimento dos Trabalhadores Sem Terra; e, mais, os assentamentos: Bela Manhã, Jaci Rocha e Edite Xavier, do MST. Acrescenta-se nesse mesmo conjunto a participação da Associação das Mulheres da Comunidade da Arara; da Associação dos Produtores Remanescentes dos Quilombos de Volta Miúda e da Associação dos Moradores da Tapera e Miringaba - AMTM/Marisqueiras de Caravelas. São, portanto, pessoas integrantes de coletivos organizados.

A pesquisa foi realizada entre os anos de 2023 e 2024, tempo em que acompanhamos a realização de todas as edições da feira, tempo em que foram realizadas idas e vindas às comunidades (roças e quintais produtivos) para acompanhamento das atividades socioeconômicas e realização de algumas entrevistas.

1.3.6 Local da pesquisa

Quanto ao local da pesquisa, realizou-se na Universidade do Estado da Bahia-UNEB no Departamento de Educação, campus X, situado em Teixeira de Freitas. É neste Departamento, como enfatizado no decorrer deste trabalho, que ocorre mensalmente a feira de Agroecologia e Economia Solidária. A feira é um projeto da extensão universitária do Campus X da UNEB, criado por iniciativa de um coletivo de mulheres educadoras em parcerias sociais com os movimentos sociais, sindicais e associativos do campo que atuam no território do extremo sul da Bahia.

A opção por este objeto e local se deu porque tenho vínculo desde 1990 com as lutas populares e os movimentos sociais, principalmente na luta pela Reforma Agrária, no território do extremo sul da Bahia. Somando-se a este fato, sou egresso do curso de Pedagogia da turma de 1996 da UNEB /DEDC-X e participante efetivo da feira, comercializando mel e melaço de cacau, mel de abelha, licores oriundos da fruticultura da agricultura familiar e como vendedor de livros (sebo), da referida feira da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus - X.

Para tanto, esta dissertação está organizada em três partes: introdução, capítulo 1 – no qual contextualizamos o território do extremo sul da Bahia, onde ocorre a feira agroecológica, suas contradições e dilemas; o capítulo 2 – no qual apresentamos um breve histórico sobre as feiras no Brasil, além de delimitarmos uma abordagem da feira agroecológica no contexto da UNEB, sobretudo no período pós-pandemia.

No capítulo 3, são apresentadas algumas atividades realizadas pela feira agroecológica no ano de 2024, além de discutimos as suas dimensões formativas. Por fim, nas considerações finais são apontadas as contradições e as possibilidades existentes nas dimensões socioeducativas a feira agroecológica da UNEB/Campus X.

2 CONTEXTUALIZANDO O TERRITÓRIO DO EXTREMO SUL DA BAHIA, ONDE OCORRE A FEIRA DE AGROECOLÓGICA: contexto socioespacial da feira agroecológica da UNEB/DEDC-X

2.1 O Território de Identidade do Extremo Sul da Bahia

O território de Identidade do Extremo Sul da Bahia foi criado no ano de 2007 com 21 municípios. Em 2012, o Território da Costa do Descobrimento foi desmembrado do Território do Extremo Sul, ficando àquele território composto por 8 municípios, enquanto este Território do Extremo Sul da Bahia ficou formado por 13 municípios (Alcobaça, Caravelas, Ibirapuã, Itanhem, Jucuruçú, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Prado, Teixeira de Freitas e Vereda); que possuem características edafoclimáticas semelhantes, tal e qual o seu relevo, mananciais aquíferos, porções do oceano atlântico, praias e vegetação. Assim como suas populações (a migração em massa e rápida do campo para a cidade), e as respectivas expressões e manifestações culturais; comércio e explorações agropecuárias que se assemelham copiosamente; com muita proximidade das propriedades físicas-orgânicas e empreendedoras com iniciativas empresariais induzidas pela alienação do sonho de consumo, da vida farta e de uma riqueza fácil, como no Território da Costa do Descobrimento, assim, também se apresenta o Território do Extremo sul da Bahia. Nessa mesma linha de conhecimento sobre este território, persegue-se direção toada pelo professor Boaventura Santos, que adotou uma concepção de desenvolvimento territorial rural, que ajuda, muito bem, a explicar as mudanças e transformações sofridas pela paisagem original do Território do extremo-sul da Bahia, em menos de um século, para Santos (2008):

A abordagem territorial como referência para uma estratégia de apoio ao desenvolvimento rural se justifica por, ao menos, quatro aspectos. Primeiro, porque o rural não se resume ao agrícola. Mais do que um setor econômico, o que define as áreas rurais enquanto tal são suas características espaciais: o menor grau de artificialização do ambiente quando comparado com áreas urbanas, a menor densidade populacional, o maior peso dos fatores naturais. Segundo, porque a escala municipal é muito restrita para o planejamento e organização de esforços visando a promoção do desenvolvimento. E, ao mesmo tempo, a escala estadual é excessivamente ampla para dar conta da heterogeneidade e de especificidades locais que precisam ser mobilizadas com este tipo de iniciativa. Terceiro, porque na última década e meia tem se acentuado o movimento de descentralização das políticas públicas, com a atribuição de competências e atribuições aos espaços locais. Por fim, em quarto lugar, o território é a unidade que melhor dimensiona os laços de proximidade entre pessoas, grupos sociais e instituições que podem ser mobilizadas e convertidas em um trunfo crucial para o estabelecimento de iniciativas voltadas para o desenvolvimento (Santos, 2008, p. 08).

Segundo dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, SEI¹ (2025), o território do extremo sul da Bahia ocupa uma área de aproximadamente 18.519 km², o que representa 3,3% da área total da extensão territorial do estado da Bahia. Limita-se com o território da Costa do Descobrimento, com os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, e com o Oceano Atlântico.

Dados do censo demográfico (IBGE, 2022) evidenciam que a população do território em estudo totaliza 430.826 habitantes, o que representa 3% da população baiana. Em 2021, o PIB deste território foi de 9,8 bilhões de reais. Correspondendo com a sua participação de 2,8% do PIB do estado, com as atividades econômicas distribuídas entre agropecuárias (37,9%), indústria (23,6%) e comércio e serviços (38,7%), em 2022.

Na sua paisagem, nota-se os 5.264,1 mil metros cúbicos de madeira em tora para papel e celulose que geram USD 541,9 milhões de produto exportado. Tal riqueza restringida ao agronegócio reflete na má distribuição de renda no território e num dado desanimador, de 2010, que é 19,6% de taxa de analfabetismo – maior que a taxa do Brasil de 13,6%.

Malina (2013) afirma que a região extremo sul da Bahia possui um histórico de alta expropriação de terra, exposição a agrotóxicos e produtos químicos, contaminação e escassez de água, entre outros diferentes impactos socioambientais. Desde o período de colonização, sua história é marcada por conflitos permanentes que objetivaram, por parte dos dominadores, a apropriação privada da base material da vida. A Figura 01, abaixo, mostra como a mata nativa foi reduzida drasticamente entre 1945 e 1990.

Figura 01 – Extremo Sul da Bahia: redução do bioma mata atlântica



Fonte: Google imagens (2025).

¹ Disponível em: sei.ba.gov.br.

Dados da Superintendência dos Estudos Econômicos e Sociais da Bahia revelam que, no ano de 2008, a região destinou 21,54% de suas áreas para o plantio de eucalipto, dados estes que vêm crescendo com os altos investimentos privados no setor.

Conforme dados do INCRA (1995), as empresas de celulose ocupam, na região do extremo sul, 145.189 km², isto significa 41% da área total da região, que é de 353.780 km². Pesquisa realizada pelo Centro de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia – CEPEDS, em 2006, mostra que existem 700 mil hectares de eucalipto plantados na região extremo sul da Bahia. Destes, a Veracel² possui quase 147 mil hectares, dos quais 73 mil são de monocultura de eucalipto.

Em relação ao extremo sul da Bahia, existem também fábricas da Suzano Papel e Celulose com beneficiamento da celulose para exportação. Para a construção e montagem da infraestrutura fabril da empresa Veracel no município de Porto Seguro, o investimento foi de US\$ 1,2 bilhão de dólares. Desse total, R\$ 1,5 bilhão foi financiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que é, inclusive, acionista em 12,5% das ações da Aracruz, detentora de 50% das ações da Veracel Celulose.

Todas as ações das empresas se dão a partir de práticas que comprometem o meio ambiente na região, a exemplo do uso abusivo de agrotóxicos (pesticidas e inseticidas) e de adubos químicos usados indiscriminadamente. Tudo isso tem afetado o ecossistema e atingido as populações existentes.

Tais investimentos têm como consequências o aumento da concentração de terra e a diminuição da demanda por mão de obra assalariada, e ainda provocam a extinção de pequenas e médias propriedades.

É neste contexto que o projeto hegemônico de — progresso e de desenvolvimento territorial do campo — se materializa pelo agronegócio das indústrias de eucalipto, papel e celulose, com investimentos públicos.

Além disso, as empresas do agro atuam com um discurso bastante convincente sobre a geração de empregos e tecnologia, geração de riqueza, desenvolvimento, educação e outros, ocultando métodos de destruição da natureza e exploração da classe trabalhadora. Tais estratégias incluem a posituação das ações das empresas afirmadas em propostas educativas ou programas de apoio à educação dos municípios mais impactados.

Trazemos aqui dados do acesso à terra na região extremo sul baiano através da luta e da

² A Veracel Celulose tem como uma das suas principais acionistas (50% das ações) a multinacional Stora-Enso, empresa sueco-finlandesa e uma das maiores no mundo na produção de papel e celulose. Os outros 50% das ações são da Aracruz Celulose S/A.

reivindicação cotidiana desses sujeitos sociais que defendem o seu território de existência no campo, representada pelas comunidades tradicionais e movimentos sociais, tendo nessa região 32 acampamentos e 23 assentamentos vinculados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em 2025, (dados fornecidos pela direção do MST na regional).

Conforme os dados do grupo de pesquisa Geografar /UFBA, com referência ao ano de 2012, às comunidades quilombolas somam 8 áreas que estão separadas e mapeadas, sendo 2 identificadas e certificadas e 6 certificadas com processo aberto no INCRA. Já os povos tradicionais pataxó vivem em 6 terras indígenas que estão divididas em 36 aldeias situadas nos municípios de Santa Cruz de Cabrália, Porto Seguro, Prado e Itamaraju. Essas comunidades tradicionais têm sofrido forte opressão da classe dominante, transformando essa região em uma das áreas de conflito na disputa pela posse da terra no estado da Bahia, como temos debatido durante todo o percurso deste texto.

A região possui uma importância histórica no contexto nacional, uma vez que se configura como uma das áreas mais antigas de ocupação e povoamento da Bahia e do Brasil. Entretanto, o desenvolvimento socioeconômico e a expansão demográfica da região ocorreram de maneira distinta da maioria das áreas litorâneas do território brasileiro, visto que o seu crescimento significativo aconteceu apenas na segunda metade do Século XX. A partir da década de 1970, transformações socioeconômicas significativas ocorreram na região com a abertura da rodovia federal BR 101, a qual integrou à economia estadual e nacional, impulsionando fortemente o desenvolvimento regional sob a ótica capitalista moderna.

A implantação de acessos rodoviários e os incentivos fiscais concedidos pelo governo para reflorestamento, nas décadas de 1970 e 1980, estimularam a expansão da cultura do eucalipto/celulose e a instalação de empresas de papel e celulose, que passaram a atender à demanda do mercado externo. A expansão das atividades florestais e agroindustriais propiciou uma inserção competitiva da região nos circuitos dinâmicos da economia nacional e internacional, criando espaços de modernização e propiciando o crescimento econômico da região. Por outro lado, Koopmans (1997), ao estudar a região, constata que:

[...] até meados do século XX, predominava na região a agricultura de subsistência e familiar, baseada na pequena propriedade. O Extremo Sul se tornou um lugar no qual existiam homens livres em terras livres, oferecendo condições para uma vida decente sem preocupações. Era uma sociedade de pequenos produtores, de posseiro ou de camponeses e pescadores. Era uma economia de subsistência ou tradicional. (Koopmans, 1997, p. 47).

Decorrente desse modelo de desenvolvimento, a concentração de terras se aprofundou. Dados mostram que, em 1970, 72% das propriedades tinham menos de 100 hectares e, em 1990,

mais de 80% eram maiores que 100 hectares (ALMEIDA, 2009). Desse modo, o modelo de ocupação do solo predominante na região é marcado pela concentração da terra, fator responsável pela geração de diferentes conflitos sócio-territoriais. Os problemas sociais se avolumam, como desemprego, êxodo rural, pobreza, etc., acentuando-se os conflitos em torno da disputa pela posse da terra, fortalecendo a emergência de movimentos de luta pela terra, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), movimentos indígenas, quilombolas, extrativistas e outros. Ressalta-se que, até os dias atuais, as comunidades quilombolas existentes no Território têm lutado pelo reconhecimento de seus territórios ancestrais. Por meio da luta e organização coletiva, seis comunidades receberam o reconhecimento do governo federal, cinco delas estão localizadas no município de Nova Viçosa (Cândido Mendes); uma no município de Caravelas (Volta Miúda); e a outra no município de Itanhém (Mota), desintegrada do processo da continuação histórica da luta para o reconhecimento territorial conforme dados e registro fornecidos pela Fundação Palmares (Fundação Palmares, 2007, online).

Somando-se a essas comunidades quilombolas, existem também no território alguns povos indígenas que lutam para permanecer em suas terras. A título de exemplo, podemos citar os povos indígenas das etnias *Pataxó e Pataxó Hã Hã Hãe* que vivem no Extremo Sul do Estado da Bahia, em 36 aldeias distribuídas em seis Terras Indígenas³³, a saber: Águas Belas, Aldeia Velha, Barra Velha, Imbiriba, Coroa Vermelha e Mata Medonha, situadas nos municípios de Santa Cruz Cabralia, Porto Seguro, Itamaraju e Prado.

Os conflitos pela posse da terra também abarcam os movimentos sociais, sendo o MST o maior grupo hoje em confronto com as empresas do agronegócio. Segundo estimativa, realizada em 2010, por Araújo (2010), havia naquele momento cerca de 5.000 famílias em áreas de acampamentos na região, e outras 2.000 acampadas às margens das rodovias (Araújo, 2010).

Conforme dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA (2017), a região possui cerca de trinta assentamentos regularizados, resultado das lutas de vários movimentos sociais Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Movimento dos Trabalhadores da Luta pela Terra (MLT), Federação dos Trabalhadores da Agricultura

³ Os povos indígenas vêm denunciando sistematicamente a escalada da violência contra os povos indígenas e a criminalização das suas lideranças. Casos como o de Vitor Braz, assassinado com disparos de armas de fogo no dia 10 de março, do adolescente Gustavo Pataxó, de 14 anos, morto com um tiro de fuzil na nuca em setembro de 2022, e dos assassinatos de Nawir Brito de Jesus, de 17 anos, e Samuel Cristiano do Amor Divino, de 25 anos, seguem impunes. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/07/10/no-extremo-sul-da-bahia-indigenas-seguem-em-luta-pela-soltura-do-cacique-surui-pataxo/>. Acesso em: 04 de julho de 2025.

(FETAG), entre outros, além de duas reservas extrativistas regularizadas: Corumbau e Cassurubá. A primeira no município de Prado e a segunda, no município de Caravelas. Para esses sujeitos coletivos, o projeto do campo e o projeto do agronegócio não se coadunam, uma vez que são projetos com características e formas opostas e conflitantes de conceber a natureza, os seres humanos e o trabalho, reafirmado o entendimento de Fernandes (1999) quando ele assevera que:

[...] os territórios do campesinato e os territórios do agronegócio são organizados de formas distintas, a partir de diferentes relações sociais. Um exemplo importante é que enquanto o agronegócio organiza seu território para produção de mercadorias, o grupo de camponeses organiza seu território, primeiro para sua existência, precisando desenvolver todas as dimensões da vida. [...] A paisagem do território do agronegócio é homogênea, enquanto a paisagem do território do camponês é heterogênea. A composição uniforme e geométrica da monocultura se caracteriza pela pouca presença de pessoas no território, porque sua área está ocupada por mercadoria, que predomina na paisagem. A diversidade dos elementos que compõem a paisagem do território camponês é caracterizada pela grande presença de pessoas no território, porque é nesse e desse espaço que constroem suas existências, produzindo alimentos. Homens, mulheres, jovens, meninos e meninas, moradias, produção de mercadorias, culturas e infraestrutura social, entre outros, são os componentes da paisagem dos territórios camponeses (Fernandes, 1999, p. 40-41).

São trabalhadoras e trabalhadores, em sua maioria, herdeiras (os) das velhas relações de trabalho agrícola, pastoril e extrativo originadas da crise das duas escravidões que tivemos (Martins, 2003, p. 12). São, ainda, trabalhadoras e trabalhadores camponeses, operários urbanos, meeiros, assalariados do agronegócio desprovidos do direito à saúde, educação, habitação e têm em comum um passado de —descartes sociais e de alternativas de vida não realizadas, de destinos não cumpridos, histórias pessoais truncadas por bloqueios de diferentes tipos oriundos de diferentes causas (Martins, 2003, p. 17). Mas que aprenderam com a vida e com a luta que, no sistema do capital [...] o trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza ele produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão.

Esses diferentes atores que resistem no meio rural têm se organizado em diferentes associações, formas de cooperação visando a união e resistência dos pequenos agricultores, assentados, extrativistas, quilombolas com inúmeros objetivos. Seja na produção, na comercialização, é neste contexto que se situa nosso objeto de pesquisa.

O extremo sul da Bahia, durante cerca de quatro séculos, foi uma paisagem preservada pelos indígenas, pelos povos quilombolas, pelos posseiros e pequenos agricultores da agricultura familiar, pelos marisqueiros e pescadores que também trabalhavam com as lavouras alimentícias, principalmente com o cultivo da mandioca e do feijão. Nesse ínterim, também cuidavam da defesa e da proteção dos mananciais aquíferos e das florestas da mata atlântica. Conviviam, na maior parte do tempo, amistosamente, com os médios e grandes fazendeiros da

cafeicultura e depois da pecuária extensiva, até onde o interesse destes não despertava a ganância pela expansão sobre a terra e a lavoura dos pequenos agricultores.

Com a construção da BR-101, no ano de 1970-1971, inicia-se a implantação do cultivo do Eucalipto, voltado para a produção de papel e celulose, com o apoio irrestrito do governo federal, aos empresários do sudeste brasileiro e de grandes capitais estrangeiros. É nesse período que a demanda entre agricultores familiares e o avanço dos plantios de eucalipto tem, historicamente um papel relevante, onde segundo Padre José Koopmans, — aconteceu uma forte pressão das empresas de eucalipto-celulose para comprar por preço irrisório as terras dos pequenos produtores e expulsar os posseiros das suas terras, lançando-os nas áreas periféricas das cidades, a exemplo de Teixeira de Freitas, o que gerou um alto índice de desemprego, e, o consequente, aumento da pobreza.

Um relatório sobre o extremo sul, de Moema Miranda (1992), citado por Koopmans (1997), descreve este choque entre as duas visões de mundo, ilustrando o que foi o processo de transformação nesta região:

[...] esta entrada massiva na região impôs um choque: visões de mundo antagônicas foram colocadas frente a frente. Em tal situação, as possibilidades de composição são muito remotas. Travou-se assim, uma disputa intensa, uma verdadeira —guerra que terminou com a subordinação de uma visão de mundo contra a outra. Esse processo é por definição violento. Violência empregada não só do ponto de vista físico mas também da perspectiva simbólica. Grande parte dos camponeses foi forçada, por diferentes meios, a sair das terras que ocupava, vendo todo um modo de vida ser destruído. A violência simbólica não foi menor: como vencidos tiveram sua imagem redefinida. Assim, passaram a ser identificados como preguiçosos, fracos, indolentes, desinteressados em progredir. Seus princípios e sua lógica de organização social perdem a legitimidade (Koopmans, 1997, p. 87).

2.2 Caracterização dos sujeitos, coletivos, movimentos sociais e associativos que compõem a feira agroecológica

Figura 02 – Participantes da feira agroecológica na UNEB/Campus X



Fonte: Instagram @agrofeiraunebx (2025).

As desigualdades produzidas pelo modo de produção capitalista transformam-se em problemas sociais e, ao longo do seu desenvolvimento, os problemas não superados transformam-se em dívidas não resolvidas para com as populações presentes e futuras. Mediadas pela práxis da organização coletiva, essas problemáticas vão provocando os seres humanos na busca de saídas e soluções, deixando para trás a crença na resolução dos problemas por iniciativa das elites hegemônicas do país. Como argumenta de forma épica, José de Sousa Martins (1989), quando se refere aos movimentos camponeses, enfatiza que:

Está terminando o tempo da inocência e começando o tempo da política. Os pobres da terra, durante séculos excluídos, marginalizados e dominados, têm caminhado em silêncio e depressa no chão dessa longa noite e humilhação e proclamam, no gesto da luta, da resistência, da ruptura, da desobediência, sua nova condição, seu caminho sem volta, sua presença maltrapilha, mas digna na cena da história (Martins, 1989, p. 12-13).

Não temos aqui a intenção de uma discussão aprofundada sobre os movimentos sociais do campo, no entanto, compreendemos ser necessário, apresentar de forma sintética uma breve descrição dos Movimentos Sociais do Campo da região extremo sul da Bahia, visto que são eles, os sujeitos coletivos que provocam e compõe a Feira agroecológica, nosso objeto de estudo.

Na região, há que se reconhecer a diversidade de organizações e ações existentes por parte dos movimentos e ações coletivas dos sujeitos do campo. Cada uma pessoa vem, ao longo da história, demonstrando diversas maneiras de viver e enfrentar as contradições existentes no campo brasileiro. Embora compondo uma diversidade regional (camponeses, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, assalariados, sem-terra...), os Movimentos Sociais do Campo encontram-se na unidade da luta contra a ofensiva do capital que na região se materializa nas empresas produtoras de papel e celulose.

Como enfatizado anteriormente, as problemáticas sociais presentes na região são gritantes, sobretudo os conflitos na luta pela terra⁴. Ao lado dos povos indígenas, os quilombolas também lutam pela demarcação de suas terras. O MST, por sua vez, realiza ocupações e tensiona o Estado brasileiro para resolver a questão dos acampamentos que se arrastam por mais de uma década. Além disso, os extrativistas também resistem frente às opressões na região com vistas à preservação dos elementos que ainda restam da fauna e flora na região.

O MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, se define como um

⁴ No momento de realização desta pesquisa (2024-2025), há uma intensa batalha entre os povos originários e fazendeiros na região. N estes conflitos, foram assassinados cinco indígenas entre o período de 2022-2025.

movimento de massas, aberto a todos que queiram participar. É norteado por princípios e objetivos, organiza-se em setores e possui uma organização interna envolvendo direções, coordenações e núcleos, conforme exposto por Araújo (2007):

O MST se insere no desenvolvimento da luta de classes e contra o capital, e traz características e peculiaridades nas quais mistura o tradicional e o moderno, enfocando problemas locais e de alcance global. O Movimento tem preconizado, além da conquista da terra, a construção de novas relações sociais e de produção, passando pela distribuição da terra e dos instrumentos de trabalho, pelo estabelecimento de relações cooperativistas de produção e de relações sociais, além do estabelecimento de convivência com a natureza e o meio ambiente. No processo de construção desse patrimônio social, o Movimento foi produzindo características e peculiaridades próprias que o diferenciam dos demais movimentos camponeses existentes na história do Brasil, constatados ao longo de sua construção histórica: extensão nacional, formas de lutas, resistência e combatividade, Formação da Consciência Social de sua base, Construção de uma Nova Ética de convivência com a Terra e o Planeta, Cultivo da Mística (Araújo, 2007, p.135-139).

Por sua extensão nacional, o MST tem atuação na região extremo sul da Bahia. Na região, têm uma longa trajetória de lutas percorrida por seus integrantes. São muitas ações de enfrentamento, como atos, caminhadas, ocupações de latifúndios e órgãos públicos, feiras e outros. Criado em 1985 na região, logo após a realização do primeiro congresso nacional do Movimento, realizado em Curitiba-PR. Os integrantes da organização afirmam que a região foi a porta de entrada do MST na região nordeste do país.

Ainda segundo Araújo (2010), o MST, em sua história na região até o momento de sua análise (2010), se desenvolveu agindo em quatro frentes de ação na região:

- a) no campo confrontacional- a luta contra o agronegócio;
- b) campo organizativo- a reorganização interna em brigadas;
- c) formas de lutas - o recuo das ocupações e a organização de acampamentos nas margens das principais rodovias como tática prioritária;
- d) formação da consciência- a qualificação dos seus militantes e dirigentes através da elevação dos níveis de escolaridade através da educação escolar (Araújo, 2010, p. 17).

Analizando o MST na atualidade, podemos acrescentar uma nova frente surgida pós-análise da citada autora, a questão da produção com bases agroecológicas⁵.

Na atualidade, o MST mantém uma escola popular de agroecologia e agrofloresta que desenvolve projetos formativos, pesquisas e experimentos na região⁶. A instituição é uma parceira da Feira agroecológica da UNEB. Além da escola Popular, o MST participa da feira

⁵ Bogo e Araújo Bogo (2019), ao refletir sobre os limites da agroecologia e o projeto histórico mostram a conjuntura na qual o MST decidiu por assumir a agroecologia como modelo produtivo). Para eles, no ano de 2006, a militância do MST, foi convocada a fazer um mutirão de discussão em todos os assentamentos e acampamentos com um documento síntese dos debates feitos entre 2001-2006, em um documento do MST sobre a reforma agrária necessária: por um projeto popular para a agricultura brasileira, apareceram os limites e as contribuições de experiências agroecológicas já desenvolvidas e apontou para as tarefas a serem desenvolvidas.

⁶Para maiores informações, favor consultar <https://escolapopularagroecologia.wordpress.com/>.

com os assentados e assentadas dos assentamentos que estão situados próximos a Teixeira de Freitas, como evidenciaremos na pesquisa.

Figura 03 – Escola popular do MST



Fonte: www.mst.org.br (2023).

O Movimento Quilombola, segundo o artigo n.º 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, ressignifica o conceito de quilombo quando prevê a titulação das terras para as comunidades remanescentes de quilombos, conforme pode ser observado na Figura 04.

Figura 04 – Movimento Quilombola



Fonte: Facebook @APRQVM (2025).

Tal ato se faz por conta de um conceito que carregava o teor bastante colonial, tipo lugar de escravizados fugitivos. O enunciado do artigo constitucional afirma que aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos. Nesse sentido,

Santos (2012) argumenta que:

[...] Esse dispositivo constitucional vai permitir que as lutas quilombolas sofram uma transformação na percepção que a sociedade tem dos quilombos, efetuandose uma reconfiguração simbólica (com a atribuição de uma dimensão positiva) do ser descendente de escravos na qual se confere relevo à dimensão da resistência à escravidão (Santos, 2012, p. 651).

O mesmo autor acrescenta que a ressemantização do conceito ocorre pela convergência de tradições discursivas (sobretudo aquelas pela Reforma Agrária e antirracismo) que, no bojo da definição dos sujeitos de direitos, promove uma releitura do passado e do presente e da história e das relações sociais que constituem os quilombos.

O Censo Demográfico de 2022 afirmou existir no Brasil 8.441 localidades quilombolas no território brasileiro, associadas a 7.666 comunidades quilombolas declaradas pelos informantes. Brasil tem 1,3 milhão de quilombolas em 1.696 municípios, ou seja, corresponde a 0,65% da população total do país.

Conforme o mesmo censo, a maior concentração de quilombolas do país encontra-se na região nordeste, a Bahia concentra 29,90% do total e o estado do Maranhão concentra 20,26%, de modo que os dois estados concentram 50,16% da população quilombola do país.

No tocante a realidade do Extremo Sul da Bahia, não há como falar das comunidades quilombolas sem se referir ao avanço das monoculturas de eucalipto sobre as terras dos povos originários e quilombolas. Há décadas estes povos vem travando uma luta ferrenha pelo reconhecimento das suas terras e pelo direito de permanecer nelas. É frente a essa situação que encontramos o movimento quilombola da região. Em entrevista ao Boletim WRM, em 2022, Célio Leocádio (2022), liderança quilombola assim se pronuncia sobre as problemáticas enfrentadas pelas comunidades de remanescentes de quilombolas

Quase todas as comunidades quilombolas desse território vivem cercadas pelo eucalipto. As comunidades Mutum e Naiá foram praticamente extintas pela monocultura do eucalipto. Todas as comunidades quilombolas da região estão sendo violadas e massacradas pela monocultura de eucalipto. Não tem comunidade nenhuma, vamos dizer, no seu "conforto". Todas elas hoje estão vulneráveis à mesma questão e, para piorar a situação, as políticas públicas de direito não realizadas (Leocadio, 2022, online).

Neste contexto é que se desenham as lutas do movimento quilombola na região, qual seja, na defesa dos seus territórios, pelo direito de viver em seus territórios, livre das agruras impostas pelo capital na região por meio do agronegócio.

Como já enfatizado no decorrer deste trabalho, no extremo sul da Bahia existem oito comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares: Cândido Mariano, Rio do Sul e Helvécia, no município de Nova Viçosa; Volta Miúda, Mutum e Naiá,

no município de Caravelas; Vila Juazeiro em Ibirapuã e Mota em Itanhém. No entanto, dessas oito, apenas cinco comunidades estão com processo de demarcação territorial aberto junto ao INCRA por mais de uma década.

As lutas quilombolas na região se desenvolvem, Leocádio (2022), em diversas frentes: a primeira e central é a luta pela demarcação dos territórios. Outra frente é a resistência organizada ao avanço do agronegócio materializado na monocultura do eucalipto e suas consequências para as comunidades que teimam em permanecer no campo.

A outra frente é a luta pela preservação da cultura e a ancestralidade: alguns costumes e/ou práticas culturais tradicionais subsistem como a dança de tambor, a capoeira, a dança de bate-barriga, congadas e festas do Mastro de São Sebastião, que preservam culturas introjetadas na era cristã e mouro colonial. Também na agricultura se mantêm tradições como o plantio da maniva (mandioca), do feijão-de-corda, feijão-de-arranque, do feijão andú, do milho, do urucum, da pimenta, do abacaxi, do amendoim, de cabaças, etc., e o extrativismo da produção natural de amêndoas dos dendezeiros, frutos das jaqueiras e coqueirais, atividades que mantêm aspectos de uma cultura de subsistência. Todavia, ainda que de subsistência, tais práticas culturais são também comerciais.

A Associação dos Moradores da Tapera e Miringaba (AMTM), no contexto da reserva extrativista de Cassurubá, tem a sua fundamentação na Constituição Federal de 1988, que reconhece os povos e comunidades tradicionais como grupos culturalmente diferenciados, que se organizam e utilizam territórios e recursos naturais para a reprodução de sua cultura, abrangendo aspectos sociais, religiosos, econômicos e ancestrais (Brasil, 1988). Nesse mesmo sentido, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (Decreto n.º 6.040/2007) reforça a importância de seus modos próprios de organização e da transmissão de conhecimentos gerados pela tradição.

Diegues (2000) destaca que um dos principais critérios para a definição de populações tradicionais é o reconhecimento de pertencimento a um grupo social específico. Tais povos compartilham história, formas próprias de vida, tradições e crenças que os distinguem dos demais (MPP, 2014). Seu conhecimento tradicional, transmitido oralmente de geração em geração, envolve saberes e práticas sobre o mundo natural e sobrenatural (Diegues *et al.*, 2000, online). Entre esses grupos, destacam-se os pescadores artesanais, que integram sociedades tradicionais caracterizadas pelo manejo sustentável do meio ambiente e por modos de cooperação social que asseguram a reprodução histórica de seu modo de vida (Diegues, 2000, online).

Assim, o ser tradicional é compreendido como a afirmação de um modo específico de

viver e de se relacionar com a natureza. A região extremo sul da Bahia conta com duas reservas extrativistas (RESEXs)⁷: a reserva extrativista de Corumbau, institucionalizada pelo Decreto s/n.º de 21 de setembro de 2000 que cria a Reserva Extrativista Marinha do Corumbau, nos municípios de Porto Seguro e Prado, Estado da Bahia. E, a reserva extrativista de Cassurubá em Caravelas, Bahia, criada mediante decreto presidencial s/n.º de 05 de junho de 2009. A Reserva Extrativista de Cassurubá tem por objetivo proteger os meios de vida e garantir a utilização e a conservação dos recursos.

A feira da UNEB desde o seu início, conta com a presença parceira da Associação dos Moradores de Tapera e Miringaba, que reúne moradores/as da RESEX Cassurubá em Caravelas. Por isso, neste trabalho, demos destaque à Associação dos Moradores da Tapera e Miringaba (AMTM) como exemplo de resistência comunitária, territorialidade e sustentabilidade socioambiental e integrante da Feira agroecológica da UNEB. O tópico sobre a AMTM foi construído com base em entrevista realizada com a liderança dessa associação.

A trajetória histórica da AMTM na região evidencia o protagonismo das comunidades tradicionais na defesa do território, na preservação ambiental e na construção de alternativas produtivas sustentáveis. Mais do que uma entidade social, a associação representa um espaço de resistência política, cultural e ecológica frente às pressões do capital.

Conforme entrevista realizada com Rubens Souza (liderança da AMTM), lutar pelo território é lutar pela vida, garantindo a reprodução cultural, a segurança alimentar e a continuidade das práticas tradicionais que sustentam essas populações no extremo sul da Bahia. O entrevistado informa que a AMTM constitui-se como uma organização comunitária formada por populações ribeirinhas e extrativistas da região de Caravelas, Nova Viçosa e Alcobaça, no extremo sul da Bahia. Criada há 18 anos, a entidade agrega aproximadamente 300 famílias, distribuídas em comunidades como Miringaba, Tapera, Sítio Calabouço, Estuncunzeiro e Rio do Lago, em um território de cerca de 100.462 hectares.

Ele afirma que a origem da unidade de conservação remonta às lutas contra práticas predatórias de captura de mariscos e contra o projeto que visava instalar, na região, o maior empreendimento de carcinicultura do Brasil, sem consulta prévia às comunidades locais. Nesse contexto, a AMTM passou a desempenhar papel central na defesa dos territórios tradicionais e na preservação dos ecossistemas costeiros e marinhos.

Segundo Rubens Souza, educador e membro fundador da AMTM, a mobilização

⁷ De acordo com a Lei 9.985/00, as Reservas Extrativistas (Resex) são unidades de conservação de uso sustentável, categoria que tem como objetivo harmonizar a exploração dos recursos naturais renováveis e o bem-estar sócio-cultural das comunidades locais com a conservação da biodiversidade.

comunitária foi decisiva para a criação da RESEX. Ele relata que o processo de implantação foi marcado por intensos embates políticos, nos quais autoridades locais se posicionaram contra, enquanto as comunidades tradicionais e organizações não governamentais defenderam a unidade como garantia da sobrevivência coletiva.

A associação, ao longo de sua trajetória, atuou contra a especulação imobiliária, a expansão da monocultura de eucalipto, a carcinicultura e projetos de mineração. Para os comunitários, tais empreendimentos representam riscos de contaminação da água, introdução de espécies exóticas e destruição de modos de vida tradicionais.

Nesse sentido, Rubens afirma que a AMTM defende um modelo de produção baseado na agroecologia, respeitando os ciclos naturais, como o período de defeso, o que tem contribuído para o aumento populacional de espécies marinhas, especialmente o caranguejo-uçá. A AMTM também desenvolve iniciativas de caráter socioeconômico e cultural, entre as quais o entrevistado destaca:

Delícias do Manguel, voltado à valorização da produção de mariscos e pescados locais;
Fortalecimento Comunitário, com foco na organização social e na economia solidária;
Valorização da Cultura Local, que objetiva preservar práticas culturais e ancestrais das comunidades.
Inserção em eventos acadêmicos e agroecológicos (Entrevista, o autor, 2025).

A AMTM participa da Feira Agroecológica da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus X) em Teixeira de Freitas desde o início em 2016. Nesse espaço, a associação expõe a diversidade de seus produtos e reafirma sua luta por um modelo de desenvolvimento sustentável. Para o entrevistado, a feira constitui uma vitrine de resistência contra o agronegócio e a monocultura do eucalipto, reafirmando a possibilidade de produção de alimentos saudáveis sem o uso de agrotóxicos.

Atualmente, a associação integra o Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Marinha de Cassurubá. A unidade de conservação tem como função principal a proteção dos manguezais, considerados berçários naturais de espécies marinhas, e a promoção do uso sustentável dos recursos pelas populações tradicionais.

Rubens é enfático ao afirmar que para os moradores, lutar pelo território é também lutar pela preservação de sua identidade cultural e pela continuidade de suas práticas ancestrais e relata ainda que as comunidades vinculadas à AMTM:

[...] possuem origem nas etnias indígenas tupinambá e pataxó, somada à forte presença afrodescendente, resultante da fuga de escravizados dos quilombos de Helvécia, Juerana e outros, há mais de 300 anos. Essa miscigenação constitui a base cultural do grupo, marcada por práticas tradicionais transmitidas de geração em geração. Entre as manifestações culturais

destacam-se o samba, a corte de São Sebastião, os festejos de matriz indígena (com a figura do caboclo) e africana (traços nagôs), além da religiosidade sincrética, que reafirma a resistência comunitária (Entrevista, o autor, 2025).

Como exposto na breve caracterização dos sujeitos coletivos que compõem a feira da UNEB, movimentos sociais do campo, associativos, povos tradicionais na região, não apenas reivindicam um pedaço de terra para plantar e viver, mas também buscam construir outro modelo de desenvolvimento rural, centrado nos princípios de defesa da vida e de todos os seres que habitam o planeta. Tais movimentos têm travado, aqui no Território, uma luta incessante em defesa da preservação dos mananciais, dos rios, das florestas e, principalmente, da diversidade cultural do meio rural.

Com o intuito de fortalecer essas/es produtoras/es, a UNEB/Campus X articula e desenvolve o Projeto da Feira de Produtos Agroecológicos no interior do campus, compreendendo que o modelo imposto pelo capitalismo na agricultura afronta e coloca em risco a vida de todas as espécies do planeta. É urgente somar forças comprometidas com a ética, a justiça e a dignidade, para resistir à exploração do trabalho humano, à devastação da natureza, ao envenenamento e à intoxicação dos organismos vivos. Tudo isso em favor de um projeto popular de poder, que envolva, em uma ampla teia democrática e pluri étnica, mulheres, homens, jovens e crianças na busca pela emancipação social e humana (Manifesto Teia dos Povos, 2015).

Sobre isso, a canção “O Pedido” de Elomar Figueira Melo retrata a relação que o povo do sertão mantém com a terra, com o trabalho e com os laços comunitários, revelando um modo de vida pautado na simplicidade, na solidariedade e na valorização da cultura popular.

Pedido - ELOMAR

Já que tu vai lá pra feira traga de lá para mim
 Água da fulô que cheira,
 Um novelo e um carrim
 Traz um pacote de miss
 Meu amigo Ah!
 Se tu visse
 Aquele cego cantador
 Um dia ele me disse
 Jogando um mote de amor
 Que eu havera de viver
 Por este mundo e morrer
 Ainda em flor
 Passa naquela barraca
 Daquela mulé resera
 Onde almoçamo paca,
 Panelada e frigideira
 Inté você disse uma loa
 Gabando a bóia boa

Das casas da cidade
 Aquela era a primeira
 Traz pra mim umas brevidades
 Que eu quero matar a saudade
 Faz tempo que eu fui na feira
 Ai saudade... Ah!
 Pois sim, vê se não esquece
 D'inda nessa lua cheia
 Nós vai brincar na quermesse
 Lá no riacho d'areia
 Na casa daquele homem,
 Feiticeiro curador
 O dia inteiro é homem
 Filho de Nosso Senhor
 Mas dispois da meia noite
 É lobisomem comedor
 Dos pagão que as mãe esqueceu
 Do Batismo salvador
 E tem mais dois garrafão
 Com dois canguim responsador Ah!
 Pois sim vê se não esquece
 De trazê ruge e carmim
 Ah! Se o dinheiro desse
 Eu queria um trancelim
 E mais três metros de chita
 Que é pra eu fazê um vestido
 E ficar bem mais bonita
 Que Madô de Juca Dido, Zefa de Nhô Joaquim
 Já que tu vai lá pra feira
 Meu amigo, tras essas coisinhas
 Para mim

A canção é uma mistura arcaica, barroca na música brasileira, por meio do clássico-popular que expressa os elementos imaginários do cotidiano rural de uma mulher camponêsa. Essa peça musical, como poesia cantada, traz a fusão da realidade e a fantasia, reforçando, através do tom nostálgico e lúdico deste olhar artístico, as tradições ibéricas e medievais. Exemplo, em que o nosso “Ai sôdade”, sentido direto com a saudade do tempo, das pessoas e das experiências que mudaram a vida, observadas como perdido um elo afetivo, que liga o passado com o presente do camponês feirante e da sua companheira, que ficou em casa na espera das riquezas da feira com os seus produtos e bens materiais e imateriais. Assim, por meio da sua lista da “fêra” (feira), escolhendo bens como “fuló” (flor), para se criar uma ligação sinérgica dentro de uma ambiência de intensidade e de pertencimento, de uma realidade ficcionista entre o amor da feirante camponesa pela feira, como espelho de uma fotografia de paisagem do interior do nordeste.

3 A FEIRA AGROECOLÓGICA DA UNEB/CAMPUS X – TEIXEIRA DE FREITAS

3.1 Breve recorrido sobre a feira

A origem da palavra *feira* vem do latim *feria*, que significa *dia de festa*, e nesse sentido mantém uma relação intrínseca com os aspectos festivos presentes nesse tipo de experiência (Barbosa, 2011). A feira livre é feita de encontros de pessoas para vender e comprar, para sobretudo comemorar com alegria o encontro com a vida nas feições do outro.

As feiras se constituem em um acontecimento que vem desde a Antiguidade. Harvey (1981) assevera que, “como mercado de troca, existia desde os tempos remotos e as primeiras cidades foram, entre outras coisas, os locais onde essa atividade estava provavelmente concentrada” (Harvey, 1981, p. 207).

Alguns especialistas (Braduel, 1998; Mott, 1975) afirmam que, em 500 a.C., no Oriente Médio, já eram realizadas atividades semelhantes ao que hoje identificamos como feira. Outros sugerem que essas atividades surgiram na Idade Média, relacionadas a festividades religiosas, durante o Renascimento, período em que as cidades medievais, anteriormente pertencentes aos senhores feudais, foram se desenvolvendo e dando origem à nova classe social da burguesia.

Mott (1975) evidencia que as feiras livres no Brasil se constituem numa instituição que foi importada e copiada daquelas que os colonizadores já conheciam em Portugal. Quanto à origem das feiras no Brasil, não se sabe ao certo a data da primeira feira livre. No entanto, Mott (1975) confirma que a primeira referência ao estabelecimento de uma feira no Brasil data de 1548, quando no Regimento enviado ao Governador Geral, o rei Dom João III, ordenava que nas ditas vilas e povoados sejam feitas feiras em um dia de cada semana, ou mais, se assim fosse necessário.

Tal medida foi tomada para que os nativos pudessem vir, vender seus produtos e comprar aquilo de que necessitavam. Por outro lado, Mott (1975) enfatiza que apesar da determinação para a criação das feiras pelo então rei Dom João III, estas não foram postas em prática de imediato, visto que 40 anos depois do primeiro regimento, foi enviado outro documento ao governador da Bahia que ordenava que se estabelecessem feiras nas povoações das capitanias para que os gentios possam vir e vender o que tiverem e comprar o que houver mister.

Tais evidências levam Mott (1975) a afirmar que o mais antigo registro sobre

existência da feira no Brasil é de 1732, ele faz referência a feira de gado no sítio Capoame⁸, na Bahia. Acrescenta que, outras feiras de que se têm notícia no mesmo período são as da freguesia da Mata de São João, da Vila de Nazareth, de Feira de Santana e da Vila do Conde na capitania da Bahia; de Goiana e Itabaianinha na capitania de Pernambuco; e em muitas vilas e cidades de Sergipe.

Acrescenta ainda que feiras não eram uma novidade absoluta, pois havia práticas similares nas chamadas quitandas ou feiras africanas, que consistiam em mercados ao ar livre, onde vendedoras negras comercializavam uma variedade de produtos. Estes incluíam itens provenientes da lavoura, da pesca e até mesmo mercadorias produzidas artesanalmente em casa.

As feiras representam um fenômeno socioeconômico e cultural proveniente dos aglomerados de pessoas e barracas onde são comercializados diversos tipos de produtos nas ruas, tais como alimentos, roupas, sapatos, acessórios do lar, artesanato, etc. Com o intuito de oferecer mercadorias a preços mais baixos, direto da fonte produtora, sem atravessadores.

A denominação feira livre se deve ao fato de ocupar um espaço público, como ruas, praças, ou mercados municipais, que possibilitem a circulação livre de pessoas, sejam feirantes, vendedores ambulantes, consumidores, frequentadores, transeuntes, diferenciando-se, portanto, dos comércios localizados em espaços privados que corroboram para a lógica de mercado capitalista. Sendo assim, a feira livre emerge como experiência.

Segundo o mapa das feiras, existem atualmente no Brasil 5.119 feiras livres em 1.176 municípios, nos 26 estados e no Distrito Federal, além de 1.331 feiras agroecológicas ou com produção orgânica e 624 municípios (SMA, 2015). As feiras livres se tornaram um canal importante de distribuição comercial e uma forma popular de comercialização. Elas eram caracterizadas pelo encontro periódico de pessoas em algum lugar pré-determinado da cidade, onde vendem produtos para a população ou realizam trocas.

Os portugueses aqui aportados no século XVI trouxeram espelhos, realejos e outras bugigangas para mascatear com os indígenas. Na falta dos minérios (ouro, prata e pedras preciosas), fizeram trocas e escambos com o pau-brasil. Assim, iniciou-se o processo de mercantilização dos produtos que deram origem às pequenas e grandes feiras-livres. As feiras do troca-troca e as feiras do rato. O nordestino se especializou em feiras livres, desde quando, entre o século XVIII e XIX, recebeu uma forte onda de imigrantes, árabes, sírios-libanenses e espanhóis. As cidades cresciam em população e extensão. No campo, a diversificação de

⁸ Disponível em <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/11/7>.

cultivos alimentares se desdobrava em produtos-mercadorias, comercializados nas feiras-livres.

A feira livre se apresenta como uma alternativa frente às formas de concentração de renda, de homogeneização dos espaços de produção insustentável, do trabalho explorado e da lógica mercantil de viver a vida, ainda que seja atravessada pela modernidade. Apesar do poder que o mercado varejista representa na venda de produtos alimentícios, a feira livre resiste com sua forma e conteúdos peculiares.

Nesse espaço mercantil, principalmente no nordeste, se caracteriza como o grande mercado popular, sobrevivem as grandes feiras, com presença marcante dos produtores e das produtoras da agricultura familiar e suas produções agrícolas e, também dos seus produtos agro-industrializados, diversificados, a preços negociáveis, pelo choro e pela barganha, que contém na matemática da economia solidária. É a economia da simplicidade das barracas de lona, das bancas de madeira e dos pisos calçados cobertos por pedaços de tecidos ou encerados de plásticos, que viram balcão de negócios, pelo lado de dentro ou de fora dos balcões de madeiras.

São as ofertas do caixeiro viajante e os ouvidos do mercador, que, com os sorrisos abertos de gente que vem da roça para encantar gente da cidade. Toda cidade do território do extremo sul da Bahia tem uma feira! A cidade de Teixeira de Freitas⁹ é a cidade das Feiras. Existem quatro feiras oficiais: uma na quarta-feira (no bairro Vila Vargas); outra no sábado (Mercadão Municipal); e duas no domingo (nos bairros São Lourenço e Bela Vista). Essas duas últimas, em praças públicas. A estas, somam-se a Feira Agroecológica da UNEB; a feira de Artesanatos e a Feira de Agricultura da Prefeitura. Também, ocasionalmente, são realizadas as feiras na UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia, e a Feira do MST, que ocorre anualmente.

Arruda Pinto (2014) assegura que desde o início, Teixeira de Freitas teve um comércio promissor desenvolvido por poucas famílias que já habitavam a parte urbana da localidade, bem como por algumas famílias que mantinham casas em suas próprias roças, onde tinham lavouras, levando seus produtos para a cidade com fins comerciais.

Ferreira (2010) constatou que o comércio inicial em Teixeira de Freitas tinha o marcado da roça, ou seja, era identificado por comércio dos pretos, visto que quem praticava o comércio eram descendentes de povos escravizados, chamados colonheiros. De acordo com a autora:

A exploração da madeira iniciada no povoado teixeirense na década de 1950 resultou na abertura da estrada de ligação entre Barcelona, distrito pertencente ao município

⁹ Teixeira de Freitas é um município do interior baiano relativamente novo, sua emancipação foi estabelecida pela Lei 4.452 de 9 de maio de 1985. A instalação do novo município se deu em 1º de janeiro de 1986. Atualmente, é considerada a principal cidade do Extremo Sul baiano, é atualmente a 8ª maior cidade da Bahia, com população estimada em 2021, de 164.290 habitantes.

de Caravelas, e Santa Luzia, localidade situada no município de Nova Viçosa - BA. Assim iniciava o comércinho mais tarde denominado de Comércio dos Pretos (Ferreira, 2010, p. 35).

Essas famílias deram origem ao comércio dentro do povoado. Percebe-se que este povoado, através de seu comércio, crescia, ainda que fosse à sua maneira, de maneira tímida, como afirmou a autora. O comércio dos descendentes de colonheiros foi o primeiro comércio da localidade e acabou sendo combustível para o crescimento da futura cidade de Teixeira de Freitas, à época ainda de distrito e povoado.

A supracitada autora constatou em sua pesquisa que, em 1980, muitas famílias que foram pioneiras dentro da cidade, após o início do processo de estabelecimento da cidade, ainda moravam em meio rural, trabalhando nas lavouras. O comércio da cidade crescia, no entanto as vendas a prazo ainda eram anotadas nas cadernetas. Ferreira (2010) afirma que as feiras livres resistiram e continuam em muitas cidades do Brasil, desempenhando papéis fundamentais na geração de renda, na união e reunião de pessoas e na sociabilidade das mesmas, no resgate da "comida de verdade", na preservação da cultura popular, da memória de muitas pessoas, no espaço da agricultura familiar, no espaço de aprendizagens e outros.

Nas últimas décadas, no Brasil, constata-se diversas ações voltadas para a comercialização com base na Economia Solidária e Agricultura Familiar. Nesse contexto, as feiras agroecológicas nas universidades e nas redes de produção de alimentos saudáveis vêm ganhando destaque. Nelas, constrói-se interação entre consumidores e produtores, há uma considerável expressão de solidariedade entre os trabalhadores, onde todos se ajudam e muitas vezes comercializam produtos uns dos outros. As feiras aliam o atendimento da necessidade material com o fortalecimento político dos seus membros, contribuindo para a reestruturação do sistema econômico dominante e principalmente com o consumo de alimentos saudáveis.

Araujo Bogo *et al.* (2025), com base em Leão (2019), mostram que a origem das feiras de agricultura familiar de base agroecológica no Brasil nas universidades está ligada a grupos de pesquisa ou trabalhos extensionistas com a agricultura familiar. O autor traz dados da Secretaria de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SEAD/MDA), em que havia mais de 100 núcleos de pesquisa e extensão em Agroecologia e Produção Orgânica registrados nas Universidades. Acrescenta ainda que, a partir de 2004, houve incentivos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com chamadas públicas para a criação ou fortalecimento da organização desses núcleos de estudos em agroecologia e produção orgânica. De 2010 a 2017,

havia sido lançadas oito chamadas que beneficiaram aproximadamente 300 projetos, 190 *campi* e cerca de 100 instituições de ensino superior envolvidas. (MDA, 2017, p. 10).

Em 2017, a Secretaria de Desenvolvimento Rural do estado da Bahia organizou o I Encontro Estadual de Feiras Agroecológicas do Estado. O citado encontro foi organizado com o objetivo de estimular a instalação e capacitar para a gestão de feiras agroecológicas nos 27 territórios de identidade do estado. Em 2018, foi realizado o II Encontro para estimular e capacitar para a certificação participativa nas feiras existentes, com a realização de oficinas para implantação de Organismos de Controle Social da Conformidade com a Produção Orgânica - OCS e outra para organização de Núcleos de Certificação Participativa, estrutura parte de uma Organização Participativa de Certificação para Conformidade com a produção orgânica - OPAC, todos vinculados ao Sistema Participativo de Garantia da Conformidade Orgânica - SPG/MAPA.

Dados da Secretaria de Desenvolvimento Rural do estado da Bahia¹⁰ revelam que existem no estado 115 feiras agroecológicas em distribuídas em 21 territórios de identidade. Ao estudar as feiras de agroecologia no estado de Pernambuco, Leão (2019), registra que uma das primeiras a realizar se em Recife, foi a Feira de Economia Solidária e Agroecologia, criada em 2006, depois que agricultores propuseram num seminário acadêmico. Além disso, Leão (2019) realiza um levantamento em que mostra como as instituições de ensino superior, em Pernambuco, tem desenvolvido articulações com as organizações de agricultores/as, economia solidária para a realização de feiras naquele Estado.

Araújo *et al.* (2024) revelam ainda que a implantação de feiras de Agroecologia nas universidades acompanham a realização das Jornadas Universitárias em Defesa da Reforma Agrária, a partir de 2015. É neste contexto que se insere a feira de agroecologia e economia solidária da UNEB/DEDC-X. Pois, ela se desenvolve como uma mescla entre três origens principais das formas de organização das feiras no Brasil: as feiras centenárias que antecederam os mercados convencionais e representaram o principal modelo de trocas comerciais da época (Costa e Santos, 2016), as feiras livres e as feiras agroecológicas.

3.2 Caracterizando a feira agroecológica da UNEB – DEDC/Campus-X

O Projeto de Extensão — Feira da Agricultura Familiar Agroecológica e Economia

¹⁰ Disponível em:

https://www.bahiater.sdr.ba.gov.br/sites/default/files/users/user103/FAE_FeirasAgroecologicas_R2.pdf

Solidária, realizada na Universidade do Estado da Bahia (UNEB)¹¹, Departamento de Educação/DEDC-X/Campus X, em Teixeira de Freitas, Território Extremo Sul da Bahia tem sua origem nas práticas extensionistas realizadas na UNEB/DEDC-X desde 2016, como desdobramento da realização da primeira Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA). Naquele momento realizou-se uma Feira de Agricultura Familiar Agroecológica no Campus X da UNEB como parte da programação da Jornada.

Nesse sentido, um grupo de agricultores/as agroecológicos/as vinculados à organizações sociais e políticas de lutas pela terra, solicitou às docentes do DEDC-X, organizadoras da JURA e envolvidas em pesquisa/extensão com as problemáticas sociais do campo, da Educação do Campo e da Agroecologia, a realização regular de uma Feira de Agroecologia para que eles/as pudessem divulgar e vender os seus produtos.

Para implementação da Feira foram reunidos segmentos da UNEB/Campus X, a exemplo do coletivo de docentes, pesquisadores e extensionistas, estudantes, servidores, desta e de outras instituições de ensino superior do município e região, bem como movimentos sociais, associações de economia solidária, organizações da sociedade civil com a finalidade de viabilizar e promover a feira. Conforme uma das coordenadoras expõe em sua entrevista:

A feira começou aqui em 2016, a partir desse evento, já da Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária. De lá pra cá, a gente faz mensalmente, a primeira quarta-feira do mês, então esse encontro aqui, que a gente chama de feira, mas na verdade é um encontro, é um encontro dos professores, é um espaço dos agricultores se encontrarem, é um espaço dos estudantes, é um espaço em que estudantes da escola básica vêm também pesquisar, conversar, conhecer a vida da agricultura. Então, é uma forma da universidade se abrir também para o povo do campo, uma vez que o povo do campo, historicamente em nosso país, nunca teve essa possibilidade de adentrar a universidade (Entrevista, o autor, 2025).

Desde então, a UNEB/Campus X tem organizado, mensalmente, a Feira de Agricultura Familiar Agroecológica e Economia Solidária do Campus X e em eventos do Departamento, a exemplo da realização da SBPC/Educação, os Seminários de pesquisa e extensão do DEDC X- SEPEX, o III Congresso de pesquisa e Extensão da UNEB-III CEU –UNEB, dentre outros.

Conforme descrito no Sistema de Planejamento e gestão –SPGU/UNEB (2023, 2024, 2025), o projeto se justifica:

[...] mediante a necessidade de fortalecimento das comunidades (externa e interna), no que se refere às questões da Agricultura Familiar e Camponesa, dirigidas tanto ao público interno quanto aos (às) moradores (as) do entorno da Universidade, com vistas a proporcionar o acesso destas comunidades tanto à oferta diversificada de alimentos saudáveis a preço justo, quanto à participação nas atividades promovidas pela Feira

¹¹ A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) é a maior instituição pública de ensino superior do Estado da Bahia, fundada em 1983 e mantida pelo Governo Estadual por intermédio da Secretaria de Educação (SEC), está presente geograficamente em todas as regiões baianas estruturada no sistema multi-campi (Disponível em: <portal.uneb.br/a-uneb/> Acesso em: 21 de nov. de 2025).

que esse projeto de extensão tem se tornado relevante (UNEB, 2025, online).

Conforme apresentado anteriormente, o calendário deste evento de extensão acadêmica ocorre uma vez ao mês, geralmente, na primeira quarta-feira de cada mês, envolvendo agricultores e agricultoras (a maioria mulheres), quilombolas, assentados/as, associações rurais e de Economia Solidária da cidade de Teixeira de Freitas, artesãs, associação de pescadores/marisqueiras, Pastoral da Criança etc. A metodologia descrita no projeto da Feira (UNEB, 2025) expõe que o trabalho se organiza pelo princípio da dialogicidade, conforme orientação de Paulo Freire (1987), onde os agricultores/feirantes são sujeitos do processo de construção do que está proposto no projeto de extensão.

Na sequência, o projeto (UNEB, 2025) apresenta os procedimentos metodológicos para realização da feira, ou seja, prima-se pelo acompanhamento direto e continuado das comunidades agrícolas parceiras das atividades, posto que a ação extensionista se situa, entre a prática rotineira e a pesquisa acadêmica, fomentando a agricultura familiar camponesa e capacitação das/os agentes envolvidas/os. Enfatiza que não se restringe apenas a oferta de alimentos saudáveis, mas junto a esta ação acompanha também o método de trabalho, fortalecendo a participação, o papel da reflexão, a necessidade de administração do conhecimento, a ética do cuidado com a terra e o meio ambiente, bem como a sua repercussão na vida dos sujeitos do campo. Como ações metodológicas, o referido projeto ressalta que:

[...] ao organizar mensalmente as feiras agroecológicas no Campus X, desenvolve também concomitante: cursos, minicursos, palestras, oficinas, e discussões na área da Reforma Agrária, educação em agroecologia, Agricultura Familiar, Educação Ambiental, consumo de alimentos saudáveis sem agrotóxicos (UNEB, 2025, online).

A metodologia de organização e desenvolvimento do projeto acontece das seguintes formas: 1) Contato com os/as participantes, cadastro, mediante o atendimento dos critérios de participação; 2) Divulgação da Feira entre a comunidade acadêmica e comunidade externa da UNEB por meio de rádios locais, cartazes e ou *cards* em rede sociais, grupos de *Whatsapp*, acompanhamento das atividades de realização da Feira no dia de sua realização, conforme pode ser observado na Figura 05.

Figura 05 - Cartaz de divulgação da feira agroecológica

Fonte: Instagram @agrofeiraunebx (2025).

A feira mensal tem início com a chegada dos participantes na UNEB/Campus X por volta das 07:00 às 07:30, onde são recebidos/as por uma monitora do projeto ou pelas coordenadoras. Cada feirante ocupa uma barraca, que geralmente já se encontra armada, para expor seus produtos. A finalização da feira acontece no turno vespertino por volta das 15:00. Em cada edição da feira as bolsistas do projeto registram os feirantes presentes, os produtos oferecidos e a comunidade de origem de cada um/a. No Quadro 01, retirado do relatório do projeto (UNEB, 2025), é possível observar a variedade dos produtos expostos na feira no dia 10 de julho de 2024.

Quadro 01 - Presença na feira agroecológica em 10/07/2024

Nome¹² e sexo	Produtos	Comunidade de origem
Feirante 01-F	Cebola, temperos, abóbora cortada.	Teixeira de Freitas.
Feirante 02-F	Artesanato e polpa de cupuaçu.	Teixeira de Freitas.
Feirante 03-F	Almoço (feijoada, galinha caipira, pirão), bolos, farinha, ovo caipira.	Assentamento Bela manhã- Teixeira de Freitas.
Feirante 04-F	Hortaliças, pimenta, plantas ornamentais.	Assentamento Edite Xavier – Alcobaça.
Feirante 05-F	Laranja, feijão verde, limão, abóbora, coco,	comunidade Quilom

¹² Para garantir a preservação de identidade dos feirantes, os nomes foram substituídos por números cardinais.

	Beiju, goma, maxixe, quiabo, abóbora, abacate, manteiga de garrafa, óleo de dendê.	bola Volta Miúda- Caravelas.
Feirante 06-F	Derivados de mandioca, moqueca, beiju, goma, óleo de dendê, óleo de coco, biscoitos artesanais, verduras e legumes.	Comunidade quilombola Volta Miúda- Caravelas.
Feirante 07-M	Licor, chimango, biscoito doce.	Teixeira de Freitas (quintais produtivos).
Feirante 08-M	Amendoim, abóbora, quiabo, feijão, maxixe.	Assentamento Edite Xavier.
Feirante 09-F	Maxixe, feijão, quiabo artesanato, bolo de Aipim, cocada.	Assentamento Edite Xavier.
Feirante 10-F	Abóbora, quiabo, limão, maracujá.	Assentamento Edite Xavier.
Feirante 11-M	Mel de cacau, mel de abelha, mel de cana, Chocolate artesanal, livros.	Teixeira de Freitas.
Feirante 12-F	Aipim, maracujá pimenta, goiaba, bolos, sucos, geleia de hibisco/goiaba, café, caldo de mocotó.	Assentamento Bela Manhã - Teixeira de Freitas.
Feirante 13-F	Doce de leite, coco, geladinho.	Teixeira de Freitas.
Feirante 14-F	Mini bolos.	Teixeira de Freitas.
Feirante 15-F	Hortaliças, milho cozido, tempero, alface, mingau.	Assentamento Bela Manhã.
Feirante 16-F	Artesanato.	Teixeira de Freitas.
Feirante 17-M	Suco integral, artesanato, livros.	Assentamento Jacy Rocha - Prado.
Feirante 18-F	Mamão, abóbora, aipim, churrasquinho, trufa.	Comunidade Arara - Teixeira de Freitas.

Feirante 19-M	Cenoura, beterraba, cheiro verde, coco, aipim.	Assentamento Bela Manhã - Teixeira de Freitas.
---------------	--	--

Fonte: UNEB/DEDC X, Relatório projeto, 2024.

O quadro acima mostra uma diversidade de produtos e de sujeitos representadas/os na feira, os dados expostos mostram mais do que uma simples lista de feirantes e mercadorias. Trata-se de um retrato vivo da riqueza cultural, produtiva e social que a agricultura familiar agroecológica produz na região. Cada item ofertado, desde o alimento cultivado com saberes tradicionais até o artesanato produzido com criatividade e identidade, traz consigo a história, o esforço das comunidades que ainda resistem no campo mesmo com todas as adversidades encontradas. Tais comunidades mostram com sua rica produção que os espaços, além de produzir seus suscetíveis, são também um modo de afirmar sua existência.

Outro dado importante é a predominância feminina entre os feirantes, isso evidencia o papel central das mulheres na economia local e solidária. Elas não apenas cultivam e produzem, mas também transformam e ressignificam práticas tradicionais, contribuindo para a soberania alimentar, a geração de renda e o fortalecimento das comunidades. A partir dos dados, podemos afirmar, que a feira é um território de empoderamento feminino, onde o trabalho da mulher ganha visibilidade e reconhecimento social.

Outro aspecto importante é a diversidade das comunidades de origens como já mostrado neste trabalho: assentamentos rurais, comunidades quilombolas, quintais produtivos e a cidade se entrelaçam, formando uma rede que une o campo e a cidade. Essa interação possibilita não apenas a circulação de produtos, mas também de saberes, práticas e valores, fortalecendo vínculos comunitários e identitários.

Ao realizarmos a leitura do Quadro 01, percebemos que ele representa mais que uma listagem técnica de produtos e feirantes, ele mostra também a expressão da força social e cultural que emerge da agricultura familiar, dos assentamentos e das comunidades tradicionais. Ele revela que, por trás de cada alimento ou objeto artesanal, existe uma rede de histórias, de lutas e de sonhos que alimentam não só o corpo, mas também a esperança de um futuro melhor, mais justo e sustentável.

Como dito anteriormente, a feira agroecológica da UNEB/Campus X desenvolve atividades desde a sua criação em 2016. No entanto, o isolamento social causado pela pandemia provocada pela Covid-19, gerou a suspensão das atividades realizadas no campus X e demais *campi* da UNEB a partir da segunda metade de março de 2020, o que inviabilizou a realização

da feira agroecológica.

Desse modo, as feirantes e frequentadores/as da feira acostumados ao jeito tradicional de fazer feira, presencialmente, de repente, são expostos a desafios para a compra e venda dos produtos. No campus X, foram organizadas duas maneiras para não interromper as atividades: 1) divulgação em um grupo no *WhatsApp*, no qual os fregueses faziam seus pedidos e os feirantes faziam a entrega dos produtos à domicílio, possível graças à associação das marisqueiras que, de certa forma, possuíam infraestrutura para essa modalidade; 2) Também por meio de um grupo no *WhatsApp*, os feirantes organizados no MST ofertavam uma cesta de produtos enquanto os fregueses faziam seus pedidos para retirada presencial, conforme protocolos sanitários, no Campus X, na data estabelecida.

É importante registrar que a pouca familiaridade e a infraestrutura precária de acesso a internet foram desafios para os feirantes, visto que as negociações eram feitas via *WhatsApp*, o que limitou muitos participantes a disponibilizar seus produtos, ou seja, apenas aqueles que faziam parte de uma organização coletiva com infraestrutura puderam disponibilizar seus produtos na feira virtual.

Com o registro de queda nos casos da Covid-19 e a vacinação das feirantes, a freguesia bem como a comunidade acadêmica solicitou a realização da feira presencial na universidade. Assim, a Feira Agroecológica, voltou a ser realizada de forma presencial em maio de 2022, possibilitando compra e venda de produtos, além de um lugar de encontro regular, que proporciona uma integração social mais efetiva da população rural, oportunidades de diversão e socialização, além de permitir contatos mais próximos (Dias, 1978).

Desde 2022 a dezembro de 2024, a feira agroecológica da UNEB/Campus X realizou 26 edições, conforme apresenta o Quadro 02.

Quadro 02 – Síntese de realização das feiras em 2022

Data de realização da feira	Comunidades e organizações presentes	Atividades realizadas	Público estimado
22/05/2022	Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benário, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento Jose Martí, Associação Flores Da Terra – Itanhém, Bahia, Escola Popular De	Exposição de produtos, show musical.	170 pessoas

	Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – Mst; Associação Alva – Mãos Que Criam – Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães, Teixeira De Freitas.		
08/06/2022	Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benario, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento Jose Martí, Associação Flores Da Terra – Itanhém, Bahia, Associação Dos Moradores De Tapera E Miringaba – Resex De Cassurubá, Caravelas, Bahia, Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – Mst; Associação Alva – Mãos Que Criam – Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães, Teixeira De Freitas.	Exposição de produtos e show de forró.	160 pessoas
06/07/2022	Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benario, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento Jose Martí, Associação Flores Da Terra – Itanhém / Bahia, Associação Dos Moradores De Tapera E Miringaba – Resex De Cassurubá – Caravelas / Bahia Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – Mst; Associação Alva – Mãos Que Criam – Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães- Teixeira de Freitas.	Exposição de produtos.	180 pessoas
24/08/2022	Associação Cidadania São José, Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benario, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento Jose Martí, Associação Flores Da Terra – Itanhém / Bahia, Associação Dos Moradores De Tapera E Miringaba – Resex De	Vendas de produtos, oficina de apresentações culturais (violão e sanfona).	180 pessoas

	Cassurubá – Caravelas / Bahia Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – Mst; Associação Alva – Mãos Que Criad – Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães- Teixeira De Freitas.		
14/09/2022	Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benario, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento Jose Martí, Associação Flores Da Terra – Itanhém / Bahia, Associação Dos Moradores De Tapera E Miringaba – Resex De Cassurubá – Caravelas / Bahia Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – Mst; Associação Alva – Mãos Que Criad – Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães- Teixeira De Freitas.	Visita da Pró-Reitora de Extensão, vendas de produtos, roda de conversa, roda de samba, apresentações.	200 pessoas
05/10/2022	Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benario, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento Jose Martí, Associação Flores Da Terra – Itanhém / Bahia, Associação Dos Moradores De Tapera E Miringaba – Resex De Cassurubá – Caravelas / Bahia, Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – Mst; Associação Alva – Mãos Que Criad, Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães- Teixeira De Freitas.	Oficina de educação ambiental na agricultura familiar.	180 pessoas

09/11/2022	Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benario, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento Jose Martí, Associação Flores Da Terra – Itanhém / Bahia, Associação Dos Moradores De Tapera E Miringaba – Resex De Cassurubá – Caravelas / Bahia, Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – Mst; Associação Alva – Mãos Que Criam – Salão da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães- Teixeira De Freitas.	Venda de produtos e animação cultural-musical.	190 pessoas
07/12/2022	Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benario, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento Jose Martí, Associação Flores Da Terra – Itanhém / Bahia, Associação Dos Moradores De Tapera E Miringaba – Resex De Cassurubá – Caravelas / Bahia Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – Mst; Associação Alva – Mãos Que Criam – Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães- Teixeira De Freitas.	Avaliação coletiva do projeto; Almoço de confraternização entre os/as participantes.	200 pessoas

Fonte: Quadro construído pelo autor com base nos cards, relatórios do projeto e consulta ao instagram do projeto @agrofeiraunebx (2025).

As oito edições da feira realizadas ao longo do ano de 2022, configuraram-se como espaços importantes de integração comunitária, comercialização de produtos agroecológicos e fortalecimento cultural no extremo sul da Bahia. A partir da participação de comunidades tradicionais, assentamentos rurais, acampamentos, associações comunitárias e organizações ligadas à agroecologia, esses eventos demonstraram a potência das práticas coletivas e o

protagonismo social das populações locais.

A primeira edição da feira realizada presencialmente pós-pandemia, em maio de 2022, reuniu comunidades como o Assentamento Bela Manhã, a Comunidade Volta Miúda, o Acampamento Olga Benário e outras organizações, além da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto (EPAAEB-MST). O evento contou com a exposição de produtos e apresentações musicais, reuniu aproximadamente 170 pessoas, evidenciando a relevância da feira como espaço de convivência e difusão cultural.

Nas edições seguintes, realizadas em junho, julho e agosto, observou-se a ampliação do público e a diversificação das atividades. As comunidades participantes mantiveram sua presença ativa, enquanto novas associações, como a Associação Cidadania São José, passaram a integrar o processo. Nessas ocasiões, destacaram-se oficinas, apresentações culturais com violão e sanfona, além da comercialização de produtos locais, reafirmando o caráter educativo e cultural das feiras.

A sua edição de 14 de setembro foi especialmente significativa, pois recebeu a visita da Pró-Reitora de Extensão da UNEB. Este encontro fortaleceu a relação entre a universidade e as comunidades, além de promover momentos de diálogo e troca de saberes por meio de rodas de conversa, apresentações culturais, samba e um almoço festivo. A presença de cerca de 200 pessoas nesse evento reforça a dimensão social e política das feiras, evidenciando seu papel como espaço de resistência e valorização das práticas agroecológicas.

Nos meses de outubro e novembro, a programação incluiu oficinas voltadas à educação ambiental na agricultura familiar, reafirmando o compromisso com a formação crítica e a sustentabilidade socioambiental. A última feira do ano, realizada em 7 de dezembro, consolidou o ciclo de atividades, reafirmando a força das parcerias estabelecidas e a relevância desse espaço para a economia solidária e para a valorização da cultura local.

De modo geral, as edições das feiras no ano de 2022 demonstraram que esses eventos vão além da comercialização de produtos. Eles se constituem como práticas de resistência frente ao avanço do agronegócio e às desigualdades sociais, além de possibilitarem a construção de uma rede de solidariedade entre diferentes comunidades e organizações. Ao promover a agroecologia, a cultura e o diálogo entre saberes populares e acadêmicos, as feiras reafirmam a importância do território como espaço de vida, memória e identidade, onde lutar pela terra significa também lutar pela dignidade, pela cultura e pela preservação ambiental.

A seguir é apresentada uma síntese da realização das feiras em 2023, conforme pode ser observado no Quadro 03.

Quadro 03 – Síntese de realização das feiras em 2023

Data de realização da feira	Comunidades e organizações presentes	Atividades realizadas na feira	Público estimado
05/04/2023	Assentamento Edite Xavier- Alcobaça-Ba- Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benário, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento José Martí, Associação Flores Da Terra – Itanhém / Bahia, Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – MST; Prado –Ba; Associação ALVA – Mãos Que Criam – Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães- Teixeira De Freitas.	Vendas de produtos agroecológicos, doces e salgados artesanais; Artesanatos, livros, mel de cacau, show musical	200 pessoas
03/05/2023	Assentamento Edite Xavier- Alcobaça –Ba- Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benário, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento José Martí, Associação Flores Da Terra – Itanhém / Bahia, Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – MST; Prado – Ba; Associação ALVA – Mãos Que Criam – Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães-Teixeira De Freitas.	Exposição de produtos, músicas.	170 pessoas
07/06/2023	Assentamento Edite Xavier Alcobaça, Ba- Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benário, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento José Martí, Associação Flores Da Terra – Itanhém / Bahia, Escola Popular De Agroecologia E	Realização da Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária – JURA.	260 pessoas

	Agrofloresta Egídio Brunetto – MST; Prado – Ba; Associação ALVA – Mãos Que Criam – Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães- Teixeira De Freitas; Associação dos Moradores De Tapera E Miringaba- AMTM – Resex De Cassurubá – Caravelas / Bahia.		
05/07/2023	Assentamento Edite Xavier Alcobaca –Ba- Assentamento Bela manhã, comunidade volta miúda, Acampamento Olga Benário, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento José Martí, Associação flores da terra – Itanhém / bahia, escola popular de agroecologia e agrofloresta egídio brunetto – MST; Prado –ba; Associação ALVA – mãos que criam – salão da igreja católica do bairro ulisses guimarães- Teixeira de Freitas; Associação dos moradores de tapera e miringaba- AMTM – Resex de Cassurubá – Caravelas / Bahia.	Vendas de produtos agroecologicos e salgados artesanais; artesanatos, livros, mel de cacau.	180 pessoas
16/08/2023	Assentamento Edite Xavier- Alcobaca–Ba, Assentamento Bela manhã, comunidade volta miúda, Acampamento Olga Benário, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento José Martí, Associação flores da terra – Itanhém / bahia, escola popular de agroecologia e agrofloresta egídio brunetto – MST; Prado –ba; Associação ALVA – mãos que criam – salão da igreja católica do bairro ulisses guimarães- Teixeira de Freitas; Associação dos moradores de	Vendas de produtos agroecologicos, salgados artesanais; Artesanatos, doces, produtos fitoterapicos; Roda de Conversa; Agroecologia é	211 pessoas

	tapera e miringaba-AMTM – Resex devida: Cassurubá – Caravelas / Bahia.	alimentação saudável livre de venenos – Iara Lopes Rangel - Epaaeb /Mst Presidente do coletivo de mulheres marisqueiras da AMTM, idealizadora do delícia do mangue.	
06/09/2023	Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benario, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento Jose Martí, Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – Mst; Associação Alva – Mãos Que Criam – Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães- Teixeira De Freitas; Assentamento Edite Xavier.	Espaço de diálogo com Felipe Campelo e Camilo Galhardo sobre agrofloresta; Show musical.	200 pessoas
04/10/2023	Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benario, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento Jose Martí, Associação Flores Da Terra – Itanhém / Bahia, Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – Mst; Associação Alva – Mãos Que Criam –	Realizada durante a realização do XI Seminário de Pesquisa e Extensão do Extremo sul da	500 pessoas

	Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães- Teixeira De Freitas; Assentamento Edite Xavier.	Bahia (UNEB/DEDC X); Presença da vice-reitora na feira; Apresentação cultural das mulheres quilombolas com a dança bate-barriga; Oficina de vídeos.	
08/11/2023	Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benario, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento Jose Martí, Assentamento Edite Xavier, Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – Mst; Associação Alva – Mãos Que Criam – Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães- Teixeira De Freitas.	Venda de produtos e animação cultural-musical.	250 pessoas
06/12/2023	Assentamento Bela Manhã, Comunidade Volta Miúda, Acampamento Olga Benario, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento Jose Martí, Assentamento Edite Xavier, Escola Popular De Agroecologia E Agrofloresta Egídio Brunetto – Mst; Associação Alva – Mãos Que Criam – Salão Da Igreja Católica Do Bairro Ulisses Guimarães- Teixeira De	Almoço de confraternização entre os participantes da feira; Roda de conversa sobre certificação orgânica.	250 Pessoas

	Freitas; Associação Dos Moradores De Tapera E Miringaba- AMTM – Resex De Cassurubá – Caravelas / Bahia.		
--	---	--	--

Fonte: *Cards*, relatórios do projeto, Instagram @agrofeiraunebx (2025).

Ao observarmos o quadro referente as feiras realizadas no ano de 2023, constata-se que as edições da feira reafirmaram-se como espaços de encontro, resistência e construção coletiva entre comunidades, assentamentos, acampamentos, associações e organizações populares do extremo sul da Bahia. A cada edição, observou-se não apenas a comercialização de produtos agroecológicos e artesanais, mas, sobretudo, a consolidação de práticas culturais, educativas e políticas que reforçam a agroecologia como um modo de vida, para além de uma alternativa produtiva.

O quadro 03 evidencia que a primeira feira do ano realizada em 05 de abril de 2023, reuniu aproximadamente 200 pessoas e contou com a venda de produtos agroecológicos, doces e salgados artesanais, artesanatos, livros e mel de cacau, além de apresentações musicais. Essa edição marcou o início de um ciclo de atividades que se estendeu até dezembro do mesmo ano, fortalecendo a presença das comunidades locais e a integração com novos participantes na condição de feirantes, bem como de público frequentador.

Nas edições seguintes, realizadas em maio e junho, as feiras deram continuidade à exposição e venda de produtos, associando à programação artística com participação musical e mobilização social. Destaca-se, em junho, a realização da Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA) do Campus X da UNEB que reuniu 260 pessoas e trouxe à tona o debate sobre a luta pela terra e o papel da universidade na construção de uma sociedade mais justa.

Nas edições seguintes, realizadas em maio e junho, as feiras deram continuidade à exposição e venda de produtos, associando à programação artística com participação musical e mobilização social. Destaca-se, em junho, a realização da Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA) do Campus X da UNEB que reuniu 260 pessoas e trouxe à tona o debate sobre a luta pela terra e o papel da universidade na construção de uma sociedade mais justa.

A feira de julho manteve a tônica da diversidade de produtos e da valorização da produção artesanal, enquanto a de agosto trouxe diálogos importantes como a roda de conversa sobre alimentação saudável e a presença do coletivo de mulheres marisqueiras da AMTM, responsáveis pela iniciativa do projeto Delícias do Mangue¹³ preparando o almoço como mariscos e peixes comercializados pelo coletivo das mulheres da AMTM. Esse momento reafirmou o protagonismo das mulheres nos processos de organização comunitária e de valorização dos saberes tradicionais.

Em setembro, o destaque da feira foi a realização do espaço de diálogo sobre agroflorestas, com a participação de convidados externos que somaram reflexões técnicas e políticas ao evento, além de apresentações musicais que reforçaram o caráter cultural do encontro. Na edição do mês de outubro, a feira foi realizada durante o XI Seminário de Pesquisa e Extensão da UNEB/DEDC X. Nessa oportunidade, a feira alcançou uma visibilidade ainda maior, contando com a presença da vice-reitora da UNEB, apresentações culturais quilombolas como a tradicional dança do bate-barriga e oficinas de vídeos. Nesse evento, estima-se que cerca de 500 pessoas circularam pela feira, consolidando-a como um espaço plural de extensão universitária e integração comunitária.

As edições de novembro e dezembro caminharam para o fechamento do ciclo anual com momentos de confraternização e reflexão. O último encontro do ano contou com um almoço coletivo e uma roda de conversa sobre certificação orgânica, apontando para novos horizontes na valorização da produção agroecológica e na construção de alternativas sustentáveis.

Em 2023, a realização das suas nove edições confirmaram seu papel como espaços de fortalecimento da economia solidária, de promoção da agroecologia e de valorização cultural. As realizações das feiras em 2023, não apenas garantiram a circulação de produtos, como também promoveram a troca de saberes, o reconhecimento das identidades locais e o diálogo entre comunidades, universidade e sociedade. Nesse sentido, mais do que eventos pontuais, as feiras se configuram como práticas de resistência, cuidado e esperança em um contexto de desafios sociais, políticos e ambientais.

3.3 Perfil das/os participantes da feira

¹³ Trata-se de um coletivo de mulheres que desenvolvem o projeto que integra o trabalho do grupo Delícias do Mangue, visando otimização da cadeia produtiva de pescados, mais qualidade de vida e facilidade na produção de pescados. O projeto visa ainda, o empoderamento feminino, o fortalecimento da comunidade pesqueira e da renda familiar dos pescadores e marisqueiras

Este projeto de extensão acadêmica projeta, em sua organicidade social, uma busca pela ancestralidade e pelas raízes seculares do modo de produção coletivo e comunitário, dos povos primitivos e tradicionais que vivem da agricultura familiar desenvolvida, através da Agroecologia. E, também, por meio do cultivo dos sistemas agroflorestais e outras formas de produzir alimentos naturais e saudáveis, isentos de agrotóxicos, como cultivos alimentares de ciclo curto, com seus modos de produção e tecnologias próprias, e assimetricamente, diferente das monoculturas, predominância do agronegócio, que continuam ampliando cada vez mais seus negócios, em grandes extensão de área, com um aumento significativo da concentração das terras neste território, em menos de 70 (setenta) anos, até os dias atuais, principalmente para a exploração da monocultura do plantio e industrialização do eucalipto/celulose.

Para construir o perfil dos participantes da feira, buscamos nos arquivos, desde 2016, as inscrições que foram cedidas pela coordenação do projeto. Nas fichas de inscrições iniciais constam 32 participantes inscritos. Destes, foi possível identificar que os sujeitos coletivos continuam os mesmos, no entanto, as pessoas/indivíduos foram alteradas. Apenas a Associação quilombola de Volta Miúda e a Associação dos moradores Tapera e Miringaba (AMTM) permanecem com as mesmas pessoas desde o início do projeto, embora alguns tenham desistido conforme será apresentado pelo Quadro 04, a seguir. Ele foi elaborado com base nos participantes que, constantemente, frequentaram a feira nos últimos dois anos (2023-2024), momento em que esta pesquisa foi iniciada.

É importante salientar que no grupo da Feira no *WhatsApp* constam 52 participantes, sendo 03 coordenadoras, 08 bolsistas, (02 remunerados e 06 voluntários) e 41 feirantes. Destes feirantes, alguns correspondem a coletivos como é o caso da Escola popular de agroecologia e agrofloresta Egidio Brunetto e a Associação dos moradores Tapera e Miringaba (AMTM). Dentre os 41 feirantes membros do grupo do projeto no *WhatsApp*, há alguns feirantes que não são assíduos na feira e, muitas vezes não justificam a ausência. Portanto, para a elaboração do Quadro 04, foram consideradas apenas as pessoas e as organizações sociais que participam da feira com frequência regular, idade, sexo, comunidade de origem e os produtos que eles trazem para vender, conforme sintetizado pelo Quadro 04.

Quadro 04 – Perfil dos feirantes

Nome	Idade	Sexo	Organização ou movimento que integra	Comunidade de origem	Produtos

Douglas Jesus Rocha	30	M	MST	Ass. 4045 - Alcobaça- Ba	Beiju, doce salgado, biscoito voador, paçoca, limão, coco, farinha moreninha, óleo de coco.
Valdete	36	F	MST	Egídio Brunetto (escola popular) Prado-Ba	suco integral, artesanato, livros expressão popular, bandeiras MST, Camisetas MST, bonés, sabonete íntimo, café terra Justa, chocolate terra Justa.
Iriscleide	35	F	Associação Arara	Com. Arara	churrasquinho, mamão, abóbora, aipim, trufa.
Elizabeth Souza Fernandes Lacerda	42	F	Economia solidária	Tx. de Freitas	Doces, coco integral, chá de amendoim, quebra queijo, farinha de coco, doce de leite, doce de café, doce de coco, alho.
Cleide	48	F	Cecaf	Assentamento Bela Manhã	farinha, cachaça, tempero, limão, pimenta, banana da terra, banana da prata, batata doce, cortado de mamão verde.
Simone	28	F	MST	Ass. Edite xavier	abóbora, quiabo, limão, maracujá.
Nildo e (Cleia)	34	M	MST	Ass. Edite xavier	amendoim, abóbora, quiabo, feijão, maxixe.
Lucicleia Silva Mendes	39	F	Economia solidaria	Tx. de Freitas	Temperos artesanais e cebola
Flaviana Silva Mendes	39	F	Economia solidaria	Tx. de Freitas	Bolo, chocolate quente, café, suco, salgados
Maria Dajuda Serafim	56	F	Associação Quilombola Volta Miúda	comunidade Quilombola Volta Miúda- Caravelas	quiabo, coco verde, abobora tapioca, goma, moqueca, beiju, óleo de coco, oleo de

					dendê, ovos caipira
Paulina Joana Quintiliano Santos	52	F	Associação Quilombola Volta Miúda	comunidade Quilombola Volta Miúda- Caravelas	derivados de mandioca, moqueca, beiju, goma, biscoitos artesanais, verduras, manteiga, óleo de Dende, Oleo de coco
Carlos Eduardo	52	M	Quintal produtivo	Tx. de Freitas -Ba	licor, chimango, biscoito doce, hortaliças
Maria da conceição	52	F	NAO	Faz. Nova esperança	cocada, requeijão, cocada no pote, tempero baiano, manteiga.
Renilda Mosque dos Santos	62	F	MST	Ass. Bela manhã	pimenta, cenoura, aipim, , bolos, sucos naturais, hibiscos
Acácio dos Santos	58	M	MST	Ass. Bela Manhã	Cheiro verde, maxixe semente, batata doce , limão japonês cenoura
Ermilza Pereira de Souza	52	F	MST	Ass. Bela Manhã	Abobora, Limão, Milho cozido, Coentro, Tomate, Rúcula, Laranja
Helena B. Apolônio	65	F	Eco. Solidária	Tx. de Freitas	Artesanato em cerâmica
Vilma Barbosa Ferreira	63	F	Associação Flores da Terra	Itanhém	Biscoito, cocada, cocada de cacau, óleo, cachaça, licor, casadinho, doce de jaca
William Ferreira da Silva	30	M	Associação Flores da Terra	Itanhém	Licor, biscoito, pé de moleque, cocada, xarope, banana chip, cachaça, bolos, doces de leite, geleias, coco em pó, rapadura
Rogério Augusto	68	M	Eco. Solidária	Tx. de Freitas	Livro, mel, mel de cacau, melaço

S.Pinto					
Fátima Almeida	60	F	Eco. Solidária	Tx. de Freitas	Chinelos de couro, bonecas de pano artesanais negras
Marines Santos dos Anjos	47	F	MST	Ass. Edite Xavier	Cocada, pão caseiro, limão, goma fresca, goma seca, doces, corante, pimenta
Nayara	47	F	MST	Ass. Edite Xavier	Plantas ornamentais, farinha, abóbora, quiabo
Leia Crochê	58	M	Não informado	Com. Canta Galo – Alcobaça, Bahia	Artesanato em crochê (vestidos, shorts, biquíni)
Lindória Moreira das Virgens	61	F	ALVA	Teixeira de Freitas	Pano de prato, polpa de cupuaçu
Rubens Menezes	49	M	AMTM	Caravelas	Frutos do mar (catado de caranguejo, peixe fresco, camarão)
Eliana Menezes	35	F	AMTM	Caravelas	Frutos do mar (catado de caranguejo, peixe fresco, camarão)
Eleneuda Lopes	50	F	MST	Ass. Bela Manhã	Galinha caipira, ovos, farinha, feijão
Lucimara	36	F	MST	Ass. José Martí	Aipim, jenipapo, galinha caipira

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No total, contabiliza-se um número de 28 feirantes identificados com presença constante na feira, considerando famílias, casais e duplas como uma unidade de participação. Quanto ao perfil dos participantes da Feira Agroecológica da UNEB/DEDC X, o Quadro 04 evidencia a feira como um espaço plural e diverso, integra sujeitos individuais e coletivos como: agricultores familiares, quilombolas, artesãos e pescadores, vinculados a diferentes movimentos sociais, sobretudo o MST e organizações de economia solidária. Nota-se a predominância feminina, o que reforça o papel das mulheres como protagonistas na economia solidária e agroecológica.

Quanto a origem identificação, o Quadro 04 revela que estão entre os/as participantes

da feira: agricultores familiares, assentados da reforma agrária, quilombolas, povos tradicionais e pequenos produtores rurais. A maioria dos feirantes é oriunda de comunidades rurais, embora também haja participantes residentes em áreas urbanas de Teixeira de Freitas, que comercializam produtos artesanais e processados.

Em relação ao gênero e participação, observamos forte presença feminina, predominância (cerca de 70% das participantes), com presença significativa de mulheres agricultoras, artesãs e representantes de movimentos sociais tanto na produção de alimentos agroecológicos quanto no artesanato e preparo de refeições. Essa participação evidencia o papel das mulheres na organização socioeconômica e produtiva dos territórios, reafirmando a centralidade delas nas práticas de cuidado, sustentabilidade e economia solidária. Quanto à idade, observamos uma faixa-etária que varia dos 30 aos 68 anos. Há uma forte presença de adultos (30-50 anos) e também de idosos.

Acerca dos sujeitos coletivos, organizações e/ou movimentos, verificamos a presença do MST, associações quilombolas, associações de economia solidária (Associação Flores da Terra, Associação ALVA – mãos que criam- ALVA, Associação dos moradores de Tapera e Miringaba – Resex de Cassurubá – Caravelas / Bahia- AMTM, Central Estadual das associações das comunidades Tradicionais da agricultura Familiar e campesina do estado da Bahia- CECAF), grupos de agricultura familiar e produtores independentes.

Esses sujeitos coletivos são de comunidades como (Ass. Bela Manhã, Edite Xavier, José Martí, Nova Esperança, etc) situadas em cinco municípios da região: Teixeira de Freitas, Caravelas, Alcobaça, Prado, Itanhém e assentamentos rurais da região). Em conjunto aos assentamentos, destacamos também a participação de comunidades quilombolas (Volta Miúda/Caravelas) e de associações populares, reservas extrativistas/unidade de conservação reforçando vínculos de identidade cultural, territorialidade e resistência social.

Quanto aos Produtos expostos, o Quadro 04 revela uma diversidade expressiva: alimentos in natura (hortaliças, frutas, raízes, temperos, plantas ornamentais), alimentos processados (bolos, doces, farinha, derivados de mandioca, licores, cachaça, mel, café, chocolate, queijos, requeijão), artesanato (crochê, cerâmica, chinelos de couro, panos de prato), além de produtos da pesca (frutos do mar).

Embora não tenha sido contemplado no Quadro 04, em conversa com as participantes sobre a escolaridade e formação de cada um/a, é possível afirmar que predominam os níveis de escolarização básica incompleta ou média, mas com vasto conhecimento empírico sobre práticas agroecológicas. Além disso, foi possível verificar, por meio do grupo da feira no *WhatsApp*, que alguns feirantes não foram alfabetizados e interagem via mensagem de voz com

os outros membros do grupo.

Em síntese, ousamos afirmar que as participantes/feirantes da Feira da UNEB – Campus X não são apenas agricultoras; são guardiãs de um saber ancestral que se renova a cada plantio e a cada colheita, a cada alimento preparado. Suas práticas estão profundamente enraizadas na produção agropecuária voltada não apenas para o sustento de suas famílias, mas também para a nutrição da comunidade, revelando que o alimento, antes de ser mercadoria, é vida partilhada.

3.4 As/os frequentadore/as da feira agroecológica da UNEB-DEDC/X

As pesquisas realizadas no Brasil sobre o perfil dos consumidores de produtos agroecológicos indicam que os consumidores são, em sua maioria, mulheres adultas, com renda média ou alta e escolaridade de nível superior, conforme apontam Barbosa *et al.* (2011), “entre as principais motivações para essa escolha estão os cuidados com a saúde, o sabor diferenciado e a preocupação com a preservação ambiental” (Barbosa *et al.*, 2011). A mesma pesquisa enfatiza que entre as motivações para tal escolha destacam que, além dos aspectos relacionados à saúde, ao sabor e à preservação ambiental, o consumo de alimentos livres de venenos também se associa ao apoio aos pequenos produtores e à valorização da agricultura familiar.

Entre os canais de aquisição estão as lojas especializadas, supermercados e feiras livres. Contudo, segundo Carvalho *et al.* (2017), é nas feiras agroecológicas que ocorre a maior parte das compras desse tipo de produto. Em nossa pesquisa, não conseguimos traçar um perfil do consumidor que frequenta a feira da UNEB/DEDC X. No entanto, foram observados e entrevistados dois frequentadores assíduos da feira em conversas informais com os demais frequentadores.

A partir dos dados, foi possível categorizar inicialmente dois grupo de pessoas: 1) os internos, pertencentes ao quadro de servidores e terceirizados da UNEB, alunos dos projetos de extensão, como por exemplo a UATI/CEVITI; e 2) a comunidade externa, composta geralmente por professores/as da educação básica e superior (UFSB), estudantes da UFSB, integrantes de movimentos sociais, sindicalistas, aposentados, egressos da UNEB, artistas, estudantes da educação básica trazidas por professores/as e outros.

Sobre as motivações para frequentar a feira os entrevistados relacionaram o consumo de produtos agroecológicos com a longevidade e qualidade de vida, em contraste com a monocultura que ocupa grandes extensões de terra. O entrevistado enfatiza ainda que os produtos encontrados na feira produzem:

longevidade e qualidade da vida. Oportunidade de comer melhor, parar de ingerir toneladas alimentos com venenos que eles chamam de agrotóxicos(...) A agricultura familiar brasileira tem essa qualidade. Os alimentos produzidos pela agricultura familiar, apesar do agronegócio estar na moda, é da agricultura familiar que você come. A gente não come soja, não come eucalipto. Então é questão de vida. É um modo de vida bastante diferente e que não precisa esse abraço todo na tecnologia é a simplicidade que a gente precisa. Tudo bem é necessário produzir mais com qualidade. Agora, sem se sacrificar a qualidade de vida da gente (Entrevista, o autor, 2025).

Já o frequentador 02, sindicalista ligado setor florestal, traz uma perspectiva que reforça a legitimidade da feira como espaço de resistência e confiança a sua motivação para frequentar a feira está ligada ao fato de:

[...] mostrar que existe alternativa de produção diferente das propagandas dos meios de comunicação, com produção com agrotóxicos, e a necessidade de ter todo esse consumo de veneno para produzir alimentos. E, ao fazer na UNEB, dá um caráter de confiança para esse modelo agroecológico, e também uma forma de mostrar resistência da universidade pública, que está inserida na realidade da própria comunidade. A universidade está inserida na própria comunidade. Ela faz parte da comunidade. A universidade presente na sociedade (Entrevista, o autor, 2025).

Ao reconhecer a universidade como parte da comunidade, ele enxerga a feira como uma alternativa concreta ao modelo hegemônico, mostrando que é possível produzir sem veneno e cuidar da saúde das pessoas e da natureza.

As duas vozes se encontram na valorização da agricultura familiar como modelo de vida que preserva a natureza, produz alimentos saudáveis e fortalece vínculos comunitários. A feira, nesse sentido, é mais do que espaço de compra: é lugar de educação, de crítica social e de esperança. Ela reafirma que consumir é também um ato político, e que cada escolha feita diante de uma banca agroecológica contribui para a construção de um futuro mais justo e sustentável.

Assim, refletir sobre essas falas dos entrevistados, pode se perceber que a Feira Agroecológica da UNEB – Campus X cumpre um papel que transcende a economia. Ela é espaço de memória, resistência e luta, onde consumidores e produtores se reconhecem como sujeitos de um mesmo projeto: o de defender a vida em sua diversidade e reafirmar que outro modo de produzir e de se relacionar com a terra é possível.

Os dois frequentadores da Feira enfatizam a Valorização da saúde e da qualidade de vida, o frequentador 02 destacam que o consumo de alimentos agroecológicos está diretamente relacionado à saúde. Ele enfatiza que a agroecologia é uma alternativa viável e saudável, tanto para os consumidores quanto para a natureza. O frequentador 01 associa essa escolha à longevidade e à possibilidade de se alimentar sem a ingestão de agrotóxicos, definindo-a como uma oportunidade de parar de ingerir substâncias danosas à saúde.

Os dois frequentadores tecem críticas a monocultura e ao modelo do agronegócio. O

frequentador 01, classifica esse modelo como um desastre, destacando os impactos ambientais de longo prazo, mesmo diante de sua aparente importância econômica, conforme apresenta o excerto a seguir:

É um desastre! Apesar da sua importância financeira apesar de arrecadação de imposto para o estado, de certa forma ela traz um desenvolvimento o plantio de eucalipto so que as terras filé não se planta mais eucalipto nas terras suíças nos vamos pagar essa conta daqui 40 anos (Entrevista, o autor, 2025).

O frequentador 02 também faz críticas contundentes à monocultura do eucalipto, definida como um desastre que gera impactos futuros. Ele alerta ainda sobre o preço social e ambiental que se pagará pela escolha de um modelo econômico centrado no lucro imediato e na degradação dos recursos naturais. Para ele, a monocultura do eucalipto, além de gerar poucos empregos e de baixa qualidade, rompe com a diversidade da vida, deixando sequelas ambientais e sociais profundas.

Ambos convergem na percepção de que esse modelo representa um falso desenvolvimento que compromete recursos naturais e fragiliza as relações sociais. Além disso, os dois entrevistados reconhecem o papel da universidade pública, ao propiciar aos consumidores um espaço dentro da UNEB para realização da feira como símbolo de resistência numa região que majoritariamente é dominada pelo agronegócio por meio da monocultura do eucalipto. O frequentador 02 afirma que a universidade, na região, não atua não apenas como instituição de ensino, mas como agente político e social, quando permite e legitima práticas alternativas ao agronegócio.

Quanto as expectativas e sugestões para aperfeiçoamento da feira, os entrevistados sugerem a inclusão de novos produtos, como coelho e codorna, além de iniciativas culturais, pensando tanto na sustentabilidade econômica dos produtores quanto na ampliação da diversidade de oferta. O frequentador 02 acrescenta ainda que a feira ocorra com maior frequência e seja mais divulgada.

Dessa forma, os consumidores entrevistados reconhecem a feira como lugar de saúde, educação e sociabilidade, ao mesmo tempo em que criticam os impactos da monocultura do eucalipto na região. A valorização da agricultura familiar e da agroecologia reforça a dimensão política do consumo, que se torna um ato de resistência e de afirmação de outro modelo de desenvolvimento para o campo e para a cidade.

3.5 Os monitores de extensão da feira agroecológica e suas aprendizagens

O Artigo 207 da Constituição Federal (Brasil, 1988) assegura às universidades a autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial. Além disso, define como princípio fundamental a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, estabelecendo que essas três dimensões devem desenvolver-se de forma articulada no âmbito das instituições de ensino superior. No contexto universitário, a monitoria configura-se como uma estratégia fundamental para integrar ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para a superação de desafios históricos dessas dimensões acadêmicas.

A universidade, através da Extensão, (como via de mão dupla) influencia e também é influenciada pela comunidade, ou seja, possibilita uma troca de valores entre a universidade e a comunidade. A feira como atividade de extensão universitária conta com um grupo de monitores remunerados e voluntários. Eles/as cumprem um papel fundamental no projeto. São os monitores que armam e desarmam as barracas, recebem as/os feirantes, alimentam o Instagram, fotografam as atividades, agendam os equipamentos necessários para realização da feiras e acompanham todo o processo durante o dia de realização da feira. Nesse sentido, visando compreender a importância da feira para as aprendizagens dos estudantes, foram entrevistados dois monitores, ambos voluntários, que atuam no projeto.

Os estudantes-monitores são um homem e uma mulher com idade de 33 e 35 anos. A monitora foi bolsista em 2022 e permanece atuando como voluntária até o presente momento. Buscamos saber, principalmente, quais as contribuições e aprendizagens que eles perceberam ao atuar na feira como monitores. Os fragmentos das entrevistas revelam a importância desse projeto de extensão para a formação acadêmica, pessoal e cidadã dos estudantes envolvidos, conforme transcrito nos excertos a seguir:

A gente aprende coisas diferentes. Uma coisa que chamou atenção foi a produção dos alimentos, tanto das comunidades quilombolas, como do MST. A maneira como produzem os alimentos saudáveis e sem veneno. Também, aprendendo sobre a soberania alimentar e nutricional e do trabalho na coletividade (Entrevista, o autor, 2025).

[...]

Primeiro, o diálogo entre o campo e a universidade, essa troca que eu tive com os feirantes, essa coisa nova que eu não conhecia, acostumada a comprar coisas de supermercado e não saber de onde vinha o produto. Compreendi a complexidade que envolve o plantio, a colheita e a comercialização de produtos agroecológicos, ao mesmo tempo, os estudos, debates realizados na feira fortaleceu minha postura crítica frente ao agronegócio e à monocultura do eucalipto, presente na região. Além disso, a prática sustentável, a importância do fortalecimento dos laços comunitários (Entrevista, o autor, 2025).

Os monitores entrevistados, apesar de apresentarem trajetórias distintas, convergem no reconhecimento da feira como espaço de aprendizagem, de diálogo entre saberes e de prática transformadora que ultrapassa os limites da sala de aula.

Quanto a motivação inicial para integrar-se como monitor voluntário, esteve ligada ao desejo de compreender a questão da alimentação saudável, livre de agrotóxicos. O Monitor 01 relata que a sua participação na feira contribuiu para desconstruir preconceitos e ampliar sua visão sobre movimentos sociais, em especial o MST, compreendendo-o não apenas como um ator político, mas como sujeito produtor de cultura, resistência e alimentos saudáveis. A feira, nesse sentido, aparece em sua fala como um espaço formativo ampliado, onde a universidade se conecta ao território, realizando sua função social.

Para a monitora 02, a sua inserção na feira possibilitou-lhe uma aproximação com a agricultura familiar e a agroecologia, realidades que antes lhe eram distantes. A experiência extensionista possibilitou-lhe perceber trocas importantes entre o conhecimento técnico-científico e o saber popular dos agricultores e agricultoras.

Dessa forma, as entrevistas revelam que a Feira Agroecológica da UNEB/Campus X vem contribuindo para a formação crítica dos monitores. Nesse sentido, a feira se configura como uma experiência de extensão transformadora, capaz de articular a formação acadêmica com as demandas da sociedade, fortalecendo o compromisso social da UNEB e contribuindo para a formação de cidadãos críticos, comprometidos com a justiça social, ambiental e alimentar. Os excertos das entrevistas realizadas com os monitores revelam que ser monitor da feira constitui uma experiência extensionista que transcende o simples apoio logístico, assumindo papel formativo e político na vida acadêmica e pessoal dos estudantes. Ao mesmo tempo, ambos evidenciam alguns desafios como: ampliação, visibilidade e infraestrutura que precisam ser superados para garantir a sustentabilidade e o crescimento do projeto.

3.6 Os/as feirantes entrevistados/as (perfil e percepção da feira)

Como enfatizado anteriormente, participam da feira como expositoras feirantes tanto camponesas quanto mulheres vinculadas a projetos de economia solidária de Teixeira de Freitas e região. Destacamos que nossa pesquisa entrevistou apenas as/os feirantes do campo. As entrevistas versaram sobre as seguintes questões: comunidade de origem, organização socioprodutiva existentes na comunidade de origem, movimento social que faz parte, tempo de participação na feira da UNEB, representação social da feira da UNEB. Para efeito de exposição, os dados referentes ao perfil serão apresentados no Quadro 05, a seguir, enquanto as representações, serão discutidas por meio de excertos das entrevistas. Para preservar a identidade dos entrevistados seus nomes foram substituídos por letras do alfabeto.

Quadro 05 – Síntese do perfil dos/as feirantes

Entrevistados	Comunidade de origem	Sexo	Organização socio-produtiva existente na comunidade de origem	Movimento social que faz parte,	Ano de início de participação na feira da UNEB
A	Assentamento bela manhã	F	Associação	MST	2018
B	Assentamento bela manhã	M	Associação	MST	2018
C	Assentamento bela manhã	F	Associação	MST	2018
D	Comunidade quilombola volta miuda	F	Associação	MOV. QUILOMBOLA	2016
E	Comunidade quilombola volta miuda	F	Associação	MOV. QUILOMBOLA	2016
F	Assentamento Edite Xavier	F	Associação	MST	2022
G	Comunidade Arara	F	Associação de produtores	ASSOCIAÇÃO	2022
H	Assentamento Jaci Rocha	F	Associação agroecológica	MST	2017
I	José Martí	F	Associação	MST	2019
J	Assentamento Bela manha	F	Associação	CECAF	2024
K	Comunidade Nova Esperança	F	Não	NAO	2017
L	Resex Cassurubá	M	Associação	AMTM	2016

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O Quadro 05 apresenta uma variedade de sujeitos que são oriundos do campo e que compõe a feira: assentados, quilombolas, extrativistas e comunidades rurais. Quanto ao sexo, observa-se que a participação feminina é predominante. Quanto as formas organizativas, predominam as associações como base. Dentre elas, o MST é o movimento social mais expressivo, mas também há diversidade de vínculos, o que revela o caráter plural e interseccional das entrevistas realizadas.

O tempo de participação mostra que a feira vem se consolidando com capacidade de atrair novos sujeitos ao longo dos anos como mostrado no item ano início de participação na feira. Quanto a Comunidade de origem dos entrevistados, há predominância de assentamentos da reforma agrária: Bela Manhã (4 entrevistados), Edite Xavier, Jaci Rocha, José Martí, todos vinculados ao MST.

Registra-se também as comunidades tradicionais: Volta Miúda, Arara, Resex Cassurubá, além da comunidade de pequenos produtores Nova Esperança. Isso mostra a diversidade territorial e a presença de diferentes formas de organização do campo (assentamentos rurais, quilombolas, extrativistas).

Quanto a organização socio-produtiva, a maior parte dos entrevistados participa de associações locais, enquanto apenas uma entrevistada declarou não participar de uma organização. Em relação à participação dos/as entrevistados nos Movimentos sociais, constata-se forte presença do MST, seguido do Movimento Quilombola.

Quanto ao tempo de participação na Feira da UNEB, observa-se que os mais antigos participam desde 2016, sendo que a maior concentração de entrada das associações está entre 2017 e 2019, enquanto que entrevistados mais recentes chegaram à feira no período pós-pandemia de 2022 a 2024.

3.6.1 Percepção dos entrevistados sobre a monocultura do eucalipto

Na entrevista, procuramos compreender de forma quali-quantitativa qual a percepção das/os entrevistadas/os sobre a feira da UNEB. Foram elaboradas perguntas nas quais os mesmos pudessem de maneira geral, trazer sua visão sobre a monocultura do eucalipto e o papel que desempenha a feira na contraposição do modelo hegemônico da região. Ao indagarmos sobre a visão dos entrevistados em relação a monocultura obtivemos as seguintes respostas:

- 1) A questão é que para nós que procuramos plantar e fazer a nossa produção orgânica

e natural, a monocultura do eucalipto é ruim pra gente. E a questão da saúde, porque quando a gente tem o eucalipto próximo ou trabalha com o eucalipto, a química do eucalipto prejudica nossa saúde. Nós temos sim o eucalipto vizinho e a gente não se sente bem com presença do eucalipto ali (Entrevistada J).

2) Temos travado uma luta constante contra o agronegócio na região, contra os monocultivos, que invadem as comunidades, esvaziando o campo, que envenenam a terra e os meios naturais, os seres humanos, então é uma luta constante (Entrevistada H).

3) Próximos da gente tem áreas de eucalipto e hoje a área que nós moramos foi ocupada. Na época tinha eucalipto, em 2012. Então nós substituímos eucalipto por alimentos (Entrevistada F).

4) Eu mesmo não entendo quais as coisas. Mas eu tenho informado que eucalipto boa coisa pra nós não trouxe. Porque a gente, antes, nós tudo em volta era fazenda. Hoje nós mora no sítio do eucalipto. Você anda, anda dentro do eucalipto, tem aquela aberturazinha aí de dois ou três moradores aqui de eucalipto até chegar na BR. Sair da BR também, nós tem eucalipto até chegar na cidade. Quer dizer, tem algumas plantas que quando pega chuva de eucalipto, ela não produz. Água? Nós ficou sem água. Então, tudo quer dizer, boa pra nós não é (Entrevistada D).

5) A gente não sabe exatamente quem é, por exemplo a gente escuta falar aqui que as terras é da Suzano, Veracel, mas assim saber de quem é a gente não sabe. [...] O que a gente sabe é que o eucalipto está chegando perto da gente... Você vê caminhos passando, você vê as terras sendo ocupadas... Então o eucalipto ali extremando com o nosso acampamento vai fechando o acesso ao acampamento, por onde a gente passa só vê eucalipto [Entrevistada C] (Entrevista, o autor, 2025).

As visões das pessoas entrevistadas demonstram uma percepção crítica em relação à monocultura do eucalipto, associada a impactos negativos tanto sociais quanto ambientais. Para alguns entrevistados, como a participante J, a presença do eucalipto nas proximidades das comunidades compromete a saúde e afeta o bem-estar, devido aos efeitos químicos atribuídos à espécie.

Já a entrevistada H enfatiza que o monocultivo está diretamente relacionado ao avanço do agronegócio, responsável por invadir comunidades, esvaziar o campo, envenenar a terra e os meios naturais, configurando, assim, uma luta permanente. A entrevistada F destaca a substituição de áreas de eucalipto por cultivos alimentícios, indicando uma resistência prática e um processo de ressignificação do uso da terra.

A entrevistada D que é integrante de uma comunidade quilombola, relata que a expansão do eucalipto modificou radicalmente a paisagem local, substituindo antigas fazendas e dificultando até mesmo o acesso à água, uma vez que a monocultura comprometeu a produção agrícola e a disponibilidade hídrica. A entrevistada não relatou, mas nas nossas visitas a essa comunidade, pudemos visitar o parque arqueológico, onde se encontra os vestígios de uma senzala. Este parque está dentro da área da Suzano que na atualidade, a referida comunidade luta sem trégua pelo território de seis mil hectares. Por fim, a entrevistada C chama atenção para o processo de ocupação territorial pelas grandes empresas de celulose, como Suzano e Veracel, que avançam sobre as áreas de acampamentos, restringindo acessos e impondo um

cenário de isolamento, em que o eucalipto se torna uma barreira física e simbólica para a vida comunitária.

3.6.2 Visão dos entrevistados sobre a feira da UNEB

Ao longo deste trabalho fomos demonstrando como a feira enquanto espaço sócio econômico e cultural tem se desenvolvido. Na Feira da UNEB – Campus X, comércio justo, educação e cultura constituem eixos fundamentais sustentados pelo lema “Alimentar-se é um ato político, cultural, ambiental, ético e social”. O protagonismo das mulheres nesse espaço é central, pois, por meio de práticas artísticas, culturais, saúde e de espiritualidade, fortalecem a organização socioeconômica da feira. A Feira, assim, integra estudo e trabalho, promovendo articulações sociais e políticas que consolidam a mobilização comunitária na luta pela terra e pelos direitos coletivos. Ao indagarmos aos feirantes provenientes do campo sobre a sua visão da feira, obtivemos as seguintes respostas:

- 1) Estou aqui desde que começou a feira, antes para eu vir era uma dificuldade, descia do ponto do ônibus, pegava uma lotação para chegar a universidade e voltava à tarde. Tinha semana que meu lucro era dez reais, tinham mais pessoas comigo, umas 4, tudo desistiu, eu não desisti, eu vinha sozinha, aí com três anos que eu tava trabalhando. A universidade falou, arruma mais uma pessoa que o carro vai te buscar. Aí eu convidei Dajuda, estamos continuando até hoje (Entrevistada D).
- 2) Para mim a feira é um espaço para além da comercialização, é também um espaço de formação política, é um importante espaço para a gente se relacionar com a sociedade, de criar outras relações (entrevistada I).
- 3) Estamos como Movimento desde o início da feira. Não me lembro exatamente. É um espaço onde a gente consegue fazer muita relação com a sociedade, consegue conhecer diversas pessoas maravilhosas que vêm para a feira justamente acessar nossos materiais e produtos que são diferenciados (entrevistada H).
- 4) Para mim essa feira é maravilhosa, acho que é uma das melhores que eu já participei... boa demais, povo acolhedor, nossos produtos.. bom demais que a gente tras, tudo que a gente traz a gente vende, eu sou muito grata a tudo isso aqui (entrevistada G).
- 5) Sim, amo participar dessa Feira, fui convidada pela primeira vez, e me sinto muito mal quando não posso vir. É uma feira muito boa, saudável, social e educativa. Está de parabéns a faculdade UNEB, o projeto dessa feira tem que se expandir mais, se unir mais e nos fortalecer. Amo participar da feira (entrevistada J).
- 6) Primeiro eu fico muito contente a vocês da UNEB, que apoia nós da zona rural, ainda mais o Movimento Sem Terra. Nós sem terra. Porque muitos falam que sem terra é preguiçoso. Eu tenho muito orgulho de ser sem terra. Precisa resolver a questão do transporte se não resolver, aí não dá para continuar (entrevistado B).
- 7) É muito bom que a UNEB está conosco, do movimento da zona rural, às vezes para a sociedade, certa sociedade, nós do Movimento Sem terra, para a gente receber um apoio dentro da cidade, é muito gratificante [Entrevistada A] (Entrevista, o autor, 2025).

Ao analisar os fragmentos dos depoimentos sobre as visões das/os entrevistadas/os sobre a sua participação na feira pudemos constatar percepções que revelam desde persistência, orgulho, pertencimento, formação política, até o papel da universidade em apoio aos

movimentos sociais do povo do campo.

O depoimento da entrevistada D evidencia o esforço individual e a resiliência necessária para participar da feira. Inicialmente enfrentando dificuldades de transporte e baixo lucro, a entrevistada não desistiu, mantendo-se na feira por anos e expandindo sua participação com a ajuda de outra pessoa. Esse relato demonstra que a feira não é apenas um espaço econômico, mas também um cenário de construção de trajetórias de resistência e protagonismo pessoal no meio rural.

Os depoimentos das entrevistadas I e H destacam que a feira vai além da comercialização de produtos: é um espaço de interação social, construção de redes e formação política. Os participantes percebem a feira como um ponto de encontro que possibilita visibilidade para seus produtos e também para os movimentos sociais aos quais pertencem, reforçando laços comunitários e fortalecendo o engajamento.

As entrevistadas G e J expressam satisfação e gratidão em relação à feira, ressaltando aspectos como acolhimento, saúde, socialização e aprendizagem. Para esses participantes, a feira representa uma oportunidade de fortalecimento pessoal e coletivo, além de garantir que os produtos da agricultura familiar alcancem a sociedade, sendo valorizados economicamente e culturalmente.

Os depoimentos dos entrevistados B e A destacam o papel da UNEB como mediadora e apoiadora da participação dos trabalhadores/as que veem da zona rural e do Movimento Sem Terra. Esse apoio institucional é percebido como reconhecimento do trabalho dos camponeses e das camponesas, fornecendo legitimidade e visibilidade em um espaço urbano, além de atender necessidades práticas, como transporte, essenciais para viabilizar a participação.

O entrevistado B evidencia o fortalecimento da identidade do Movimento Sem Terra, contrapondo estereótipos negativos sobre trabalhadores rurais sem terra. A feira, nesse sentido, não apenas oferece um espaço de comercialização, mas também contribui para a valorização social e política dos sujeitos rurais, reforçando autoestima e senso de pertencimento coletivo.

Em síntese podemos afirmar que os depoimentos revelam que a Feira da UNEB funciona como um espaço multifacetado, que articula economia, educação, cultura e política. Ela não apenas permite a comercialização dos produtos da agricultura familiar, mas também possibilita o fortalecimento da organização comunitária, a mobilização social e a visibilidade dos movimentos rurais. Além disso, proporciona experiências de aprendizagem, valorização da identidade sócio-cultural, resiliência frente a dificuldades estruturais, como transporte e preconceitos urbanos.

Nesse sentido, com a composição musical "Feirante", de autoria de Marcílio Menezes,

interpretada pelo artista João Alexandre, pretendo em nome dos feirantes da Feira Agroecológica da UNEB-Campus X, homenagear a todos os feirantes do Brasil.

Feirante

Arruma a cangalha na cacunda
Que a rapadura é doce mas não é mole não
Arruma a cangalha na cacunda
Que a rapadura é doce mas não é mole não

E genipapo no balaio pesa
Anda, aperta o passo pra chegar ligeiro
Farinha boa se molhar não presta
Olha lá na curva a chuva no lagedo

E quem foi que te disse
Que a vida é um mar de rosas?
Quem foi que te disse
Que a vida é um mar de rosas?

Rosas têm espinhos, e pedras no caminho
Daqui até a cidade é pra mais de tantas léguas
Firma o passo, segue em frente
Que essa luta não tem trégua

Fica na beira da estrada
Quem o fardo não carrega
A granel felicidade
Não custeia o lavrador

Vamos embora que a jornada é muito longa
E não há mais tempo de chorar por mais ninguém
Lá na feira a gente compra, a gente vende
A gente pede, até barganha aquilo que comprou

E te prometo que depois no fim de tudo
Na Quitanda da Esperança
Eu te compro um sonho de açúcar mascavo
Embrulhado num papel de seda azul

Pra te consolar oh
Pra te consolar oh
Pra te consolar oh
Pra te consolar oh

Arruma a cangalha na cacunda
Que a rapadura é doce mas não é mole não
Arruma a cangalha na cacunda
Que a rapadura é doce mas não é mole não

Genipapo no balaio pesa
Anda, aperta o passo pra chegar ligeiro
Farinha boa se molhar não presta
Olha lá na curva a chuva no lagedo

E quem foi que te disse
Que a vida é um mar de rosas?
E quem foi que te disse

Que a vida é um mar de rosas?

Rosas têm espinhos, e pedras no caminho
Daqui até a cidade é pra mais de tantas léguas
Firma o passo, segue em frente
Que essa luta não tem trégua

Fica na beira da estrada
Quem o fardo não carrega
A granel felicidade
Não custeia o lavrador

Vamos embora que a jornada é muito longa
E não há mais tempo de chorar por mais ninguém
Lá na feira a gente compra, a gente vende
A gente pede, até barganha aquilo que comprou

E te prometo que depois no fim de tudo
Na Quitanda da Esperança
Eu te compro um sonho de açúcar mascavo
Embrulhado num papel de seda azul

Só pra te consolar oh
Pra te consolar oh
Pra te consolar oh
Pra te consolar oh

Arruma a cangalha na cacunda
Que a rapadura é doce mas não é mole não
Arruma a cangalha na cacunda
Que a rapadura é doce mas não é mole não

Este texto poético musicalizado, "Feirante", utiliza, predominantemente, a metáfora e o simbolismo como principais figuras de linguagem, com o objetivo de retratar a vida árdua do Produtor Feirante, em sua dureza e barreiras, presentes na jornada do trabalhador para viver dignamente.

Dessa forma, a composição "Feirante" traz em sua letra a figura do Feirante para expressar o sentido de uma luta que não tem trágua. Mas, sobretudo, acima de todas as dificuldades, a utopia concreta está presente na superação dos entraves encontrados na caminhada do ser humano, onde as "rosas" e os "espinhos" são elementos ultrapassados pela força da fé e da esperança.

No plano mental, reside a espera da recompensa pela sobrevivência ao sofrimento e Do peso nos ombros que os trabalhadores carregam no cotidiano existencial dos que teimam em vencer. Pois, como diz o povo no dia a dia, "a rapadura é doce e não é mole, não!". Se feira significa festa ou encontro festivo de iguais e semelhantes, na "quitanda da esperança" a gente compra um sonho de açúcar mascavo, num papel de seda azul, pra te consolar! Oh! Pra te consolar! Dessa maneira, pode-se afirmar que a canção "Feirante" é também, como a todos

feirantes do nordeste, um retrato fidedigno de todos os produtores e feirantes da Agricultura familiar brasileira.

4 OS PROCESSOS EDUCATIVOS QUE OCORREM ARTICULADOS À AÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA/DEDC-X

Neste terceiro e último capítulo, abordaremos os processos educativos desenvolvidos na feira de agroecologia e economia solidária da UNEB/DEDC-X, descrevendo e analisando as atividades que acompanhamos como feirante e pesquisador em 2023/2024, buscando compreender a dimensão formativa da feira, primeiro apresentamos as atividades realizadas e na sequência descrevemos e analisamos algumas práticas formativas ocorridas na feira no período de 2023-2024. Os dados foram sistematizados partir dos relatórios, dados expostos no Instagram e a observação participante, bem como a análise do conteúdo das entrevistas realizadas com três grupos: feirantes, frequentadores/consumidores/as e coordenadoras da feira. Nesse sentido, a organização da feira agroecológica, enquanto coletivo, desempenha o papel de mediação no processo de educação socioambiental, agroecológica consumo consciente, entre os/as feirantes e fregueses/as, quando oportuniza os encontros entre esses sujeitos.

4.1 Atividades desenvolvidas na feira em 2024

De modo geral, as edições da feira realizadas em 2024 reafirmaram-se como espaços de resistência e de criação de alternativas socioeconômicas. Mais do que momentos de comercialização, configuraram-se como práticas pedagógicas, culturais e políticas, que fortalecem a agroecologia enquanto projeto de vida, promovem a economia solidária e aproximam campo e cidade em torno da sustentabilidade e da justiça social. Em 2024, as atividades do projeto da feira continuaram, conforme apresenta o Quadro 06.

Quadro 06 – Síntese de realização das feiras em 2024

Data de realização da feira	Comunidades e organizações presentes	Atividades realizadas na feira	Público estimado
	Grupos de economia solidária de Teixeira de Freitas, Associação ALVA, Mãos que criam, salão da igreja católica do bairro Ulisses Guimarães – Teixeira de Freitas;	Venda de produtos agroecológicos, cosméticos artesanais, fitoterápicos, doces e salgados artesanais,	160

03/04/2024	Mulheres organizadas nos quintais produtivos, assentamentos Edite Xavier – Alcobaça, BA; Assentamento Bela Manhã; Comunidade Volta Miúda; Comunidade Arara; Assentamento Jaci Rocha; Assentamento José Martí; Associação Flores da Terra – Itanhém, Bahia; Escola agropopular de agroecologia e agrofloresta Egídio Brunetto – MST, Prado, Bahia; Comunidade Nova Esperança – Teixeira de Freitas, Bahia.	peças de crochê, artesanato, livros e objetos usados, mel, cacau, limpeza de ouvido, show musical.	peessoas
08/05/2024	Assentamento Edite Xavier - Alcobaça, Ba; Assentamento Bela manhã; Comunidade volta miúda; Acampamento Olga Benário; Comunidade Arara; Assentamento Jaci Rocha; Assentamento José Martí; Comunidade Nova Esperança; Escola popular de agroecologia e agrofloresta Egídio Brunetto – MST, Prado, Ba; Grupos economia solidária de Teixeira de Freitas; Associação ALVA – mãos que criam – salão da igreja católica do bairro ulisses guimarães- Teixeira de Freitas; Mulheres organizadas nos quintais produtivos.	Vendas de produtos agroecológicos, cosmetics artesanais fitoterapicos, doces e salgados artesanais. Peças de crochê, artesanatos, livros, mel de cacau; limpeza de ouvido realizado pela pastoral da criança com metodo con Sessão terapeutica.	170 pessoas
	Assentamento Edite Xavier- Alcobaça, BA; Assentamento Bela manhã; Comunidade volta miúda; Comunidade Arara; Assentamento	Vendas de produtos agroecologicos, cosmetics artesanais fitoterapicos, doces e	

06/06/2024	Jaci Rocha; Assentamento José Martí; Comunidade Nova Esperança Escola popular de agroecologia e agrofloresta Egídio Brunetto – MST, Prado, BA; Grupos economia solidária de Teixeira de Freitas: Associação ALVA – mãos que criam – salão da igreja católica do bairro ulisses guimarães- Teixeira de Freitas; Mulheres organizadas nos quintais produtivos.	salgados artesanais; Peças de crochê, artesanatos, livros, mel de cacau; Realização da Jornada universitária em defesa da reforma agraria - JURA; Visita da Colegio estadual democratico Rui Barbosa- celebrar dia mundial do meio ambiente; Palestra- agroecologia; Filme- o veneno esta na mesa 1; Plantio de arvores no campus; Distribuição de mudas de plantas da mata atlantica; Exposição do Movimento Sem Terra: MST 40 anos de resistência.	260 pessoas
10/07/2024	Assentamento Edite Xavier- Alcobaça, BA; Assentamento Bela manhã; comunidade volta miúda; Acampamento Olga Benário; Comunidade Arara; Assentamento Jaci Rocha; Assentamento José Martí; escola popular de agroecologia e agrofloresta egídio	Vendas de produtos agroecológico, e salgados artesanais, artesanatos, livros, mel de cacau.	170 pessoas

	brunetto – MST, Prado, BA; Comunidade Nova Esperança; Grupos economia solidária de Teixeira de Freitas: Associação ALVA – mãos que criam – salão da igreja católica do bairro Ulisses Guimarães- Teixeira de Freitas; Mulheres organizadas nos quintais produtivos.		
14/08/2024	Grupos economia solidária de Teixeira de Freitas: Associação ALVA – mãos que criam – salão da igreja católica do bairro Ulisses Guimarães- Teixeira de Freitas; Mulheres organizadas nos quintais produtivos, artesanatos, livros usados, bazar de objetos usados; Assentamento Edite Xavier-Alcobaça-Ba- Assentamento Bela manhã, comunidade volta miúda, Acampamento Olga Benário, Comunidade Arara, Assentamento Jaci Rocha, Assentamento José Martí, escola popular de agroecologia e agrofloresta egídio brunetto – MST; Prado –ba; Associação dos moradores de tapera e miringaba- AMTM – Resex de Cassurubá – Caravelas, BA; Comunidade Nova Esperança;	Vendas de produtos agroecologicos, e salgados artesanais, artesanatos, doces, produtos fitoterapicos; Almoço – galinhada; Sessao terapêutica; Barraca de saude- UFSB; Presença do projeto jardim botanico campus X.	270 Pessoas
04/09/2024	Grupos economia solidária de	Visita das crianças do	

	Teixeira de Freitas: Associação ALVA – mãos que criam – salão da igreja católica do bairro Ulisses Guimarães- Teixeira de Freitas; Mulheres organizadas nos quintais produtivos, artesanatos, livros usados, bazar de objetos usados; Assentamento Bela manhã; comunidade volta miúda, acampamento. olga benario, comunidade arara, assentamento jaci rocha, assentamento jose martí, Escola popular de agroecologia e agrofloresta egídio brunetto – MST; Assentamento Edite Xavier, Comunidade Nova Esperança	Centro Educacional Fonte de Luz; Show musical com integrantes do Projeto Universidade Aberta da Terceira idade – UATI/CEVITI - banda açucena- campus X UNEB; Visita das idosas do projeto uati ceviti.	350 pessoas
09/10/2024	Grupos economia solidária de Teixeira de Freitas: Associação ALVA – mãos que criam – salão da igreja católica do bairro Ulisses Guimarães- Teixeira de Freitas; Mulheres organizadas nos quintais produtivos, assentamento bela manhã; Comunidade Volta Miúda; Acampamento Olga Benario; Comunidade Arara; Assentamento Jaci Rocha; Assentamento Jose Martí; Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto – MST; Associação Alva – mãos que criam – salão da igreja católica do bairro Ulisses Guimarães- Teixeira de Freitas; Assentamento	Mobilização na uneb/campus-X durante a greve dos docentes Apresentações culturais; Roda de conversa: saúde mental em tempos de Greve; Almoço - Baião de dois da Resistencia; Organização comando local de greve e a feira agroecologica; Sessão terapeutica.	300 pessoas

	Edite Xavier, Comunidade Nova Esperança.		
25/10/2024	Assentamento Bela Manhã; Comunidade Nova Esperança; Assentamento Edite Xavier; Assentamento José Martí; Grupos economia solidária de Teixeira de Freitas: Associação ALVA – mãos que criam – salão da igreja católica do bairro Ulisses Guimarães - Teixeira de Freitas; Mulheres organizadas nos quintais produtivos, artesanatos, livros usados, bazar de objetos usados.	Feira realizada no campus da Universidade federal do Sul da Bahia-UFSB; Feirantes da UNEB participaram como convidados.	200 pessoas
06/11/2024	Grupos economia solidária de Teixeira de Freitas: Associação ALVA – mãos que criam – salão da igreja católica do bairro Ulisses Guimarães - Teixeira de Freitas; Mulheres organizadas nos quintais produtivos, artesanatos, livros usados, bazar de objetos usados; Assentamento Bela Manhã; Comunidade Volta Miúda; Acampamento Olga Benario; comunidade arara, assentamento jaci rocha, assentamento jose martí, Assentamento Edite Xavier, Comunidade Nova Esperança; Escola popular de agroecologia e agrofloresta egídio	Oficina de alimentação saudável; Vendas de produtos agroecologicos, cosmeticos artesanais fitoterapicos, doces e salgados artesanais; Peças de crochê, artesanatos, livros, mel de cacau; Sessão terapeutica.	320 pessoas

	brunetto – MST; comunidade arara, assentamento jaci rocha, assentamento jose martí, Assentamento Edite Xavier, Comunidade Nova Esperança; Escola popular de agroecologia e agrofloresta egídio brunetto – MST.		
11/12/2024	Grupos economia solidária de Teixeira de Freitas: Associação ALVA – mãos que criam – salão da igreja católica do bairro ulisses guimarães- Teixeira de Freitas; Mulheres organizadas nos quintais produtivos, artesanatos, livros usados, bazar de objetos usados; Assentamento Bela Manhã; Comunidade Volta Miúda; Acampamento Olga Benario; Comunidade Arara; Assentamento Jaci Rocha; Assentamento Jose Martí; Assentamento Edite Xavier; Comunidade Nova Esperança; Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto – MST.	Almoço de confraternização entre os participantes da feira; Sessão terapêutica; Avaliação do projeto.	200 pessoas

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Observando o quando síntese de realização das edições da feira no ano de 2024, pode-se afirmar que esta atividade vem se consolidando desde a sua retomada presencial em 2022, conforme quadros anteriores exposto no capítulo dois desta dissertação. Neste período, a feira despontou como um processo de fortalecimento e diversificação das atividades realizadas em Teixeira de Freitas envolvendo também o território extremo sul da Bahia, mobilizando

comunidades rurais, movimentos sociais, grupos de economia solidária e instituições de ensino. Ao longo do período, observou-se não apenas a comercialização de produtos agroecológicos, mas também a ampliação das atividades culturais, educativas e de saúde, configurando as feiras como espaços multidimensionais de resistência, formação e convivência.

Desde 2022 quando foi retomada a primeira edição presencial pós pandemia, realizada em maio daquele ano, que vem se destacando a presença de comunidades assentadas, como Edite Xavier, Bela Manhã, Jaci Rocha e José Martí, além de grupos organizados de mulheres, artesãs e iniciativas de economia solidária de Teixeira de Freitas e Itanhém. Observou-se que por ocasião de realização das feiras, permaneceu a venda de alimentos agroecológicos, mas outros produtos entraram na feira como: cosméticos naturais, artesanatos e literatura usada, ainda constata-se práticas de cuidado, como sessões terapêuticas e atividades de saúde popular como limpeza de ouvido. Essas ações conferem a este evento um caráter plural e aponta para o entrelaçamento de dimensões econômicas, culturais e sociais, em que não se reduz apenas ao ato da compra e venda, mas se constitui como espaço de partilha e valorização dos saberes comunitários.

No mês de junho/2024 a realização da Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA) conferiu densidade política ao calendário da feira agroecológica. Constatou-se a realização de atividades como: palestras, exibição de filmes, plantio de árvores e distribuição de mudas que a nosso ver contribuíram para ampliar a reflexão crítica sobre os desafios socioambientais, fortalecendo o vínculo entre a agroecologia, a educação popular e o compromisso universitário com a sustentabilidade. Nesse mesmo período, a exposição sobre os 40 anos do MST reafirmou a dimensão histórica e de luta que atravessa este espaço de mobilização e encontros sociais.

A ampliação da participação de instituições de ensino também merece destaque. Em Junho a participação dos estudantes do Colégio Estadual Rui Barbosa, em setembro, recebeu a presença de crianças do Centro Educacional Fonte de Luz e de idosas vinculadas ao projeto Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI/CEVITI). Tais atividades mostram a ampliação e o alcance intergeracional, que vem se consolidando como espaços de diálogo entre gerações e de promoção da cultura popular.

Conforme exposto no quadro em análise, no mês de outubro, durante o contexto de greve docente na UNEB, a feira foi ressignificada como espaço de mobilização política, com rodas de conversa sobre saúde mental, apresentações culturais e a realização simbólica do almoço com o cardápio “Baião de Dois da Resistência”.

Importante também destacar a inserção dos integrantes da feira UNEB em novos

espaços institucionais, como a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), em outubro, evidenciando a expansão territorial e a capacidade de articulação interinstitucional do projeto. Essa circulação entre diferentes ambientes acadêmicos e comunitários reforça o caráter de rede e a legitimidade social construída pelo projeto da feira agroecológica.

O ano foi finalizado em dezembro com um almoço de confraternização e a avaliação coletiva do projeto, momento que reafirmou o caráter comunitário e participativo da experiência. A presença constante de públicos diversos, variando entre 160 e 350 pessoas ao longo do ano, demonstra o crescente enraizamento da feira na região e a sua relevância como política social não institucionalizada, mas sustentada pela coletividade.

A produção agro familiar deste coletivo feirante oferece produtos saudáveis, de origem agroflorestal e agroecológicos, sem agrotóxicos. Estes produtos se configuram como fonte de renda, através do trabalho direto das produtoras para a feira, com as vendas dos produtos colhidos de véspera ou até mesmo, no dia desta feira à preços acessíveis à classe trabalhadora, especialmente aos funcionários terceirizados da universidade que constitui um público sempre presente nas datas, onde se realizam o evento.

Os produtos comercializados são variados, característica própria da Agricultura Familiar, a saber: mandioca, feijão, coco, maxixe, temperos (verdes e outros), mamão verde, abóbora, laranja, limão, jenipapo, quiabo, banana, beijús de coco, óleo de coco e de dendê, biscoitos de polvilhos, cocadas, bolos, sabonetes artesanais, cachaça, licores, moqueca de tapioca/coco, farinha, galinha, peixes e crustáceos etc.

É nesse esforço, essencialmente pedagógico, considerando o espaço físico-orgânico, onde se movimentam as “personas libres”, na construção desta territorialidade, de troca de saberes da terra. Evidencia-se que seus produtos carregam histórias de vidas especialmente das mulheres agricultoras, sendo muitas lideranças de associações ou de agrupamentos para organizações sociais, coletivas e comunitárias, com forte viés ideológico sócio ambientalista.

É nesse afim que este projeto de extensão acadêmica adquire uma espacialidade de territorialidade caracterizada de múltiplas relações, apresentando materialmente as formas mais simples de comercialização, socialização, convivência direta entre passado, presente e futuro, campo e cidade, feirante e freguês. Sendo um espaço de experiência de resistência e *bem-viver* e apresentando o imbricamento entre a multiplicidade das relações presentes neste espaço festivo, com os elementos de diversidade e da prática cultural, enriquecida pelas experiências pedagógicas-formativas onde se produz os encontros das pessoas, na conformação da territorialidade dos saberes e dos sabores.

Nesse contexto, observa-se para a coordenação da feira, a intencionalidade com a

ampliação das atividades, além da simples venda de produtos para o consumo apenas, mas também mostrar por meio dos processos educativos o significado do consumo consciente, a valorização de outro modo de produção de alimentos. Tornando-se, enquanto espaço de escoamento de produtos também um espaço de atividades educacionais, com metodologias diversas e múltiplas linguagens cognitivas, diretas e objetivas.

A educação como prática da liberdade constitutiva da autonomia dos sujeitos e, portanto, *libertadora*, é uma importante instrumento para a leitura e análise da realidade estudada. Nesse trabalho estamos tomando como referência os escritos Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão no tocante a Educação popular e Roseli Caldart no tocante aos estudos da relação entre Educação do Campo e Agroecologia. Aqui a compreensão da Educação do Campo se faz, como dimensão estratégica para construção de outro projeto de campo pautado na Agroecologia.

Para Carlos Brandão, a Educação popular é um processo político, pedagógico, cultural e social, construído de forma coletiva a partir da realidade vivida pelas classes populares. Nesse sentido, ele afirma que para ser educação popular, precisa ter como ponto de partida a vida concreta das pessoas, reconhecendo os saberes, valores e experiências das comunidades; necessita ser um ato político, voltado à transformação social e à superação das desigualdade; ter como princípio fundamental a participação ativa dos sujeitos, em que educadores e educandos aprendem juntos, em uma relação de horizontalidade; ter como finalidade a emancipação humana, tendo como extrategia para esse alcance a formação da consciência crítica e a organização popular. Assim a educação popular é sempre uma prática coletiva, realizada com o povo e não “para” o povo, fortalecendo a a resistência e a luta por direitos. Por sua vez, Saviani (2007) assevera que a

[...] a Educação Popular assume, então, o sentido de uma educação do povo, pelo povo e para o povo, pretendendo-se superar o sentido anterior, criticado como uma educação das elites, dos grupos dirigentes e dominantes, para o povo, visando a controlá-lo, manipulá-lo, ajustá-lo à ordem existente (Saviani, 2007, p. 315).

Os princípios que sustentam a Educação Popular, tomam a realidade como referência para a ação pedagógica, busca na consciência crítica uma maneira de ver o mundo, em diálogo consigo e com o outro. Esses princípios continuam a fomentar iniciativas de educação contra hegemônica, desenvolvida e defendida pelos diversos movimentos sociais nas cidades e no campo brasileiro.

De acordo com Caldart (2012, p. 257), a educação do campo constitui um “fenômeno da atual realidade brasileira” e é compreendida como uma “categoria de análise” das práticas

e políticas voltadas à formação de trabalhadores e camponeses em seus territórios. Para a autora, os processos intensos de luta protagonizados pelos movimentos sociais do campo, os embates diante da ofensiva neoliberal instaurada no país a partir da década de 1990, bem como as experiências educacionais inovadoras, representam fundamentos essenciais para o avanço da construção coletiva do paradigma da educação do campo.

Aqui, tomamos a educação do campo para além da dimensão escolar, apoiando-se em conceitos da Agroecologia e da Educação do Campo, parte-se da perspectiva de uma educação nascida das lutas por terra, trabalho e melhores condições de vida no campo. Uma educação que promove e articula os processos educativos junto aos camponeses. Não somente no sentido de como plantar e colher ou de como fazer o beneficiamento de um determinado produto. Mas, sobretudo, na leitura da realidade do processo de luta dos trabalhadores e trabalhadoras visando sua transformação. Para os movimentos sociais do campo signitários da educação do campo, atividade formativa acontece de diversas formas, desde uma ocupação de terra, um curso, um encontro, uma mobilização coletiva, uma assembleia até uma conversa entre os próprios feirantes, os fregueses da feira, estudantes, docentes, participação nas rodas de conversa, oficinas e o curso de extensão e outros. Nos tópicos a seguir, apresentaremos as atividades educativas desenvolvidas na feira.

É importante destacar que as atividades desenvolvidas nas edições da Feira Agroecológica da UNEB/DEDC-X são detalhadamente registradas nas redes sociais como o Instagram @agrofeiraunebx. Na mídia também pode ser encontradas reportagens sobre a Feira. Também o programa radiofônico “de Fazenda em Fazenda”, transmitido pela- rádio Caraípe-FM, sob a animação do Locutor Luiz Carlos, vem anunciando a programação da Feira na semana que antecede este evento, e convidando os admiradores e amantes da agroecologia, para se fazer presente, neste dia.

4.2 Os processos educativos articulados à feira agroescológica da UNEB

Não constitui novidade afirmar que a função principal da universidade é o seu caráter formativo, orientado para a produção de ciência e cultura em benefício da sociedade, em consonância com os princípios que historicamente sustentaram sua constituição por meio do ensino, a pesquisa e a extensão universitária.

Entre essas funções, as práticas desenvolvidas no interior da universidade encontram-se os projetos extensionistas desenvolvidos junto a sociedade enfrentando os desafios nos jogos de forças e tensões próprias do seu modelo dentro de um sistema capitalista neo-liberal.

Nesse contexto, a os processos formativos não se restringem ao ensino uniformizados pelos cursos de graduação muitas vezes com seus currículos fechados em grades, mas, por meio da extensão é possível

expressar a heterogeneidade própria da instituição, manifestando-se em movimentos de consonância, contradição, negação e ambiguidade, resultantes da ação dos sujeitos em seus embates com forças sociais, políticas e ideológicas, tácitas ou expressas nas adversidades e contradições, resultando, sobretudo, de grande desigualdade de rendas no Brasil.

A Feira da UNEB/DEDC X vem se consolidando ao longo do tempo como um espaço formativo, um lugar de encontro, de memória e de luta. Um território de afirmação de que outro modo de viver e produzir é urgente e necessário: um modo que valoriza a terra como mãe, o alimento como direito, e a coletividade como princípio de vida. Assim, mediante as catalogação das atividades desenvolvidas na feira já expostas em quadro síntese anteriores foi possível organizar alguns itens que a nosso ver corresponde as ações formativas que ocorrem nesta ambiência de organização sócio-produtiva e educacional formativa.

4.3 Espaço de Formação e Debate

Conforme a síntese das atividades realizadas nas edições das feiras, no ano de 2022, 2023 e 2024, evidenciou que ela configura-se como um espaço de formação e debates, no qual a comercialização de produtos saudáveis e sustentáveis se articula a processos educativos e sociopolíticos. Para além da dimensão econômica, a feira tem realizado atividades que promovem a troca de saberes entre agricultores, estudantes, professores e comunidade em geral, favorecendo a construção coletiva de conhecimentos sobre agroecologia, soberania alimentar e sustentabilidade. Esse ambiente formativo possibilita a realização de oficinas, rodas de conversa e atividades culturais que estimulam a reflexão crítica sobre os desafios do campo e da cidade, fortalecendo, assim, a educação popular e a participação social. Nesse sentido, foram desenvolvidas rodas de conversa, oficinas e atividades de formação que abordaram temáticas centrais para a agroecologia e para a agricultura familiar, como: fundamentos da agroecologia; políticas públicas de apoio à agricultura familiar; alimentação viva; serviços ecológicos prestados por polinizadores; riscos do uso de agrotóxicos. Essas ações evidenciaram o compromisso da feira com a difusão de saberes críticos e com a reflexão acerca da sustentabilidade, da reforma agrária e da soberania alimentar e nutricional.

4.4 Mística, Cultura e Arte

De acordo com Bogo (2012), a palavra mística é a representação de mistério. O autor afirma que usa-se geralmente a palavra “mistério” para designar coisas inexplicáveis ou coisas indecifráveis, mas neste caso não é. Mistério para a mística é saber a razão porque na luta as coisas extraordinárias acontecem. Acrescenta que muito embora a palavra *Mysteriön* seja oriunda da língua grega, que descende de outra palavra *múien*, “quer dizer a busca de entender o que está escondido nas coisas” (Bogo, 2012, p. 01), a mística é a procura de explicações e ao mesmo tempo o incentivo para viver o inexplicável.

Ainda de acordo com o supracitado autor (2012) a Mística é a motivação que nos faz viver a causa até o fim. É aquela energia que temos e que não nos deixa dizer não, quando nos solicitam ajuda. É a vontade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, de querer ajudar e realizar coisas que façam a luta ser vitoriosa.

Segundo João Pedro Stédile “O MST incorporou a mística como uma prática social que faz com que as pessoas se sintam bem em participar da luta” (Stédile e Mançano, 1999). Portanto, é na mística, também, que se dão os princípios organizativos. Já para Roseli Caldart: “O MST trata da Mística como sendo o tempero da luta ou a paixão que anima os militantes. não é simples explicá-la, exatamente porque sua lógica de significação não se expressa tanto em palavras mas muito mais em gestos, em símbolos, em emoções” (Caldart, 2011).

Bogo argumenta que a Mística nasce da vida, das formas de trabalhar, e organizar, conviver, lutar etc. Para ele, foi nessa compreensão que os movimentos sociais resgataram o sentido político e filosófico da mística e o trouxeram para a prática política e formação da consciência social e política. O Autor afirma que os Movimentos populares admite a mística pela fundamentação filosófica, assim, “compreendem a mística como expressões da cultura, da arte e dos valores como parte constitutiva da experiência edificada na luta pela transformação da realidade social, indo em direção ao *topos*, a parte realizável da utopia” (Bogo, 2012, p. 476).

A mística, entendida como prática cultural importantes para formação da consciência social e política, desempenhou papel relevante nesse espaço. Foram realizadas declamações de poemas, cantos, leituras de textos agroecológicos e encenações simbólicas que representaram a luta do povo pela terra, utilizando elementos como bandeiras, cartazes, frutos da terra e ferramentas agrícolas como símbolos da resistência camponesa.

A feira constituiu também um espaço de vivência da mística e valorização cultural. O repertório musical privilegiou a Música Popular Brasileira (MPB), com ênfase em

composições de cunho regional e nordestino, como as obras de Luiz Gonzaga, Dominginhos, Gilberto Gil, Gonzaguinha, Milton Nascimento, Clara Nunes e Cazuza, além de canções ligadas à luta pela terra, compostas por artistas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Destacaram-se em 2024 as apresentações da Banda Açucena (Projeto UATI), do jornalista e animador Franedir Góes, que também produziu documentário sobre a feira, e de artistas locais como Jonatan, Rogério Augusto S. Pinto, Dágui Oliver e Carlos, além de grupos culturais como o Bate-Barriga¹⁴ e o grupo de capoeira da comunidade quilombola de Volta Miúda, conforme pode ser observado na Figura 06.

Figura 06 – Dança Bate-Barriga



Fonte: Instagram @agrofeiraunebx (2025).

¹⁴ Para maior aprofundamento sobre a dança bate barriga , consultar SANTOS, Valdir Nunes Dos. As manifestações culturais em Helvécia no Estremo Sul da Bahia: a dança bate-barriga como fabricante de performances afrodescendentes. Dissertação de Mestrado UNIRIO/ 2007. disponível em : <https://bctb.eca.usp.br/obra.php?cod=17742>

4.5 Oficinas preparo de alimentação saudável

Figura 07 – Oficina de alimentação saudável com Dalva



Fonte: Instagram @agrofeiraunebx (2025).

A feira se projeta como expressão de uma organicidade social que resgata a memória coletiva dos povos tradicionais. Nela, ecoa a herança dos modos comunitários de produzir, que se sustentam na solidariedade e no cuidado com a terra. Por meio da agroecologia, dos sistemas agroflorestais e de outros modos sustentáveis de cultivo, em sua grande maioria são as mulheres que reafirmam a agricultura que se opõe ao esquecimento, preservando não apenas a saúde alimentar, mas também a dignidade cultural de suas comunidades.

Entre as atividades formativas, destacou-se a oficina de Alimentação Saudável, ministrada pela professora Dalva, membro da Pastoral da criança. A oficina abordou o aproveitamento integral dos alimentos, especialmente cascas e talos de frutas e hortaliças, enfatizando a soberania alimentar e nutricional e práticas sustentáveis de preparo culinário.

A oficina desenvolveu um cardápio variado de alimentação com produtos existentes nas comunidades de origem dos feirantes, bem como sucos e doces tais como: Sucos de miolo de abóbora com limão, Suflê de repolho, Strogonoff de carne de soja, Muqueca de maxixe, Torta de aipim, Mingau de banana verde, Mingau de abóbora, Feijão temperado com legumes, Arroz enriquecido. Ao servir os alimentos, a coordenadora foi explicando as propriedades e as formas de fazer para os presentes.

Além disso, em algumas edições da feira, alguma feirante preparam almoços para vender aos frequentadoras/es da feira. Esses almoços coletivos servidos no restaurante de uso comunitário da universidade tem primado por fortalecer a tradição da culinária

regional, com pratos típicos como galinha caipira, feijoada, pescados, buchada e dobradinha, reforçando o vínculo entre ancestralidade afrodescendente e práticas alimentares do presente.

4.6 Saúde e Bem-Estar

Ainda no século V a.c, Hipócrates já havia afirmado a importância de aliar o alimento a saúde ao afirmar "Que o teu alimento seja o teu remédio e que o teu remédio seja o teu alimento". Tal frase traduz a relação entre o saúde e a agroecologia. Nesse sentido, constou das atividades realizadas na feira em 2024 algumas práticas de saúde natural, destacando-se a medicina fitoterápica, com a venda e o uso de própolis, xaropes naturais, mel e ervas medicinais. A Pastoral da criança teve participação expressiva nesse espaço. Entre as práticas alternativas, foram desenvolvidas a limpeza auricular com cone hindu e massagens relaxantes, visando o alívio de dores musculares e da ansiedade. É importante registrar que entre as/os feirantes há vendas de sabonetes íntimos como o “xoxota feliz” desenvolvidos por estudantes de uma escola agroecológica do MST, outros tipos de artesanais, mel, xaropes, purificadores de ar naturais, xampus etc.

Figura 08 – Limpeza de ouvido



Fonte: Instagram @agrofeiraunebx (2025).

4.7 Relação Universidade e Educação Básica

A UNEB é uma universidade criada na década de 80 do século XX com objetivo de formar professores no estado da Bahia e o DEDC X como campus da UNEB cumpre esse papel na região extremo sul do estado. Portanto desde a sua genese a UNEB/ DEDC X tem

fortes vínculos com a educação básica.

Além de atividades de estágios nas escolas, atividades extensionistas, pesquisa, formação inicial e continuidade de professores desenvolvidas pelo campus, esse vínculo se estende as atividades da feiras como espaço de interação entre a universidade e a educação básica.

Destaca se aqui as visitas de escolas da educação básica à feira promovidas por seus professores a fim de visitar e conhecer a universidade, seus espaços, visita a feiras com atividades que as vezes integram aos estudos curriculares dos estudantes. Em 2024 a feira recebeu Estudantes do ensino médio de escolas públicas de Teixeira de Freitas que também participaram ativamente das atividades da Jornada universitária em defesa da Reforma agrária-JURA/2024. A visita guiada à feira possibilitou aos estudantes conhecer os produtos, dialogar com os produtores sobre práticas agroecológicas, registrando informações e discutindo posteriormente em sala de aula segundo informações do docente e a coordenadora pedagógica da escola que os acompanhavam no momento. Essa interação possibilitou o fortalecimento das relações entre teoria e prática, entre conhecimento científico e saberes populares.

Outras visitas se realizaram em 2024, como a escola de educação infantil do Centro educacional Fonte de Luz. Em conversa informal com a educadora responsável pela visita, a mesma informou que a visita teve como objetivo estudar com as crianças a produção e circulação dos produtos no comércio, discutir sobre o dinheiro como mediador das mercadorias. A educadora informou ainda que muitas crianças tinham dúvidas sobre a origem dos produtos como fruto do trabalho humano, então a ideia também foi conscientizá-las sobre a importância do trabalho para produção da existência.

Essas ações com estudantes da educação básica são importantes, pois possibilitam as crianças e a juventude o contato direto com práticas de sustentabilidade, ampliando a compreensão sobre agroecologia e estimulando a formação de uma consciência crítica desde cedo. A interação entre os diferentes sujeitos (educadores da universidade, estudantes, do ensino superior e da educação básica nos diversos níveis, as/os agricultoras, reforça o caráter pedagógico da feira quando possibilitam a interação entre saberes tradicionais, conhecimento científico, relações sociais diversas fortalecendo a autonomia produtiva e comunitária.

Figura 09 – Visita escolar à feira



Fonte: Instagram @agrofeiraunebx (2025).

4.8 Dinâmica social e afetiva da Feira

A feira caracteriza-se como espaço de encontro, integração e celebração comunitária. O ambiente festivo e acolhedor envolve feirantes, servidores, estudantes, professores e visitantes externos, que interagem em torno da comercialização, da troca e doação de produtos agroecológicos.

A feira, em sua essência, é muito mais que um espaço de trocas comerciais. Ela se revela como um encontro de vidas, tradições e afetos. Nos dias que antecedem sua realização, no grupo de *WhatsApp* já é possível perceber o clima de festa que se anuncia: a ansiedade prazerosa das integrantes da feira. Aquelas que vêm de comunidades rurais mais distantes acordam e pegam a estrada ainda na madrugada não apenas para vender seus produtos, mas para compartilhar parte de sua história e dos frutos do seu trabalho. Cada detalhe desde a escolha das roupas coloridas até o cuidado com a disposição dos alimentos nas bancas revela o orgulho de quem, com simplicidade, transforma o ato de vender em uma celebração da vida. Destaco aqui as feirantes quilombolas com seu colorido, suas tranças, e a disposição e organização dos produtos. As integrantes do MST chegam com suas bandeiras vermelhas, identificando as suas barracas, orgulhando ser integrante do movimento que fazem parte.

Cada produto exposto carrega em si mais do que nutrientes: traz histórias, resistências e modos próprios de viver. Diferente das monoculturas do agronegócio – que

concentram terras, expandem fronteiras e impõem uma lógica produtivista marcada pela exploração e pelo monocultivo do eucalipto para a indústria de celulose, a feira se coloca como um espaço de resistência. Ali, o alimento é símbolo de autonomia, diversidade e futuro possível. Cada edição das feiras realizadas, carregam consigo o calor humano dos cumprimentos, dos abraços, dos sorrisos que atravessam os integrantes o dia inteiro junto as suas barracas debaixo do toldo no patio da universidade, cheio de esperança e fartura, somando-se a uma atmosfera de pertencimento que une feirantes e visitantes. O diálogo, o gesto de escolher um produto, de experimentar um sabor, ou mesmo de apenas admirar a diversidade das cores e cheiros, se transforma em um ritual de encontro e de reconhecimento mútuo.

O movimento que cresce como maré, as vozes que se elevam, os pregões cantados, o vaivém das pessoas que chegam de diferentes lugares – tudo compõe uma sinfonia popular que dá vida ao espaço. Ali se misturam estudantes, professores, trabalhadores, aposentados, moradores locais e visitantes ocasionais. Cada um carrega consigo uma razão para estar presente, mas todos compartilham da mesma experiência: a de fazer parte de um evento que transcende o ato de comprar e vender.

E ao final do dia, quando a feira se encerra, o que permanece não são apenas os produtos que circulam entre mãos, sacolas e permutas. O que se leva para casa é também um pedaço dessa vivência coletiva, feita de encontros, de partilhas e de memórias afetivas. As/os integrantes da feira se despedem com abraços, fazem doações dos produtos sobranes, reafirmam promessas de reencontros. O caráter solidário sempre é reforçado por práticas de permuta e doação ao final das atividades, evitando o retorno de produtos às comunidades de origem.

E assim, a cada edição, ela se fecha como uma cortina que não apaga o espetáculo, mas apenas o pausa, até que se erga novamente para dar continuidade a essa celebração tão humana da vida em comunidade. A interação e a solidariedade continua no grupo de *WhatsApp*¹⁵, cada uma enviando sua mensagem afetiva de agradecimento, muitas delas áudios, pois muitas tem dificuldades de escrita.

Ao refletir sobre as atividades educativas realizadas, pode-se perceber que as oficinas realizadas na feira funcionaram como espaços de experimentação prática e construção coletiva do conhecimento, por sua vez as rodas de conversa promoveram a reflexão crítica e o diálogo

¹⁵ O grupo do *WhatsApp* dos/as integrantes da feira poderia ser também uma poderosa fonte de pesquisa, no entanto dado a exiguidade do meu tempo, não consegui fazer um estudo mais apurado dessa fonte de pesquisa.

horizontal entre agricultores, estudantes, professores e comunidade. Além disso, as atividades artístico-culturais somaram na dimensão formativa da feira, pois articulam estética, identidade e resistência cultural, reafirmando a agroecologia como prática de vida e não apenas de produção. Com tais práticas, a Feira de Agroecologia e Economia Solidária da UNEB/ DECX se consolida como um espaço de aprendizagens múltiplas, em que se entrelaçam saberes acadêmicos e populares. É, portanto, um laboratório vivo de educação e resistência, no qual se articulam ciência, tradição e cultura, reafirmando o compromisso com a sustentabilidade, a justiça social e a dignidade humana.

Diante das experiências descritas no decorrer deste trabalho pode-se afirmar que, a Feira da UNEB/Campus-X revela-se como uma prática transformadora, que une produção, educação e cultura em um mesmo espaço apresentando muitas aprendizagens e desafios. No que toca aos desafios, podemos apontar a necessidade de maior institucionalização do projeto, a ampliação da participação da comunidade externa e a superação das barreiras impostas pelo modelo hegemônico da agricultura convencional. A burocracia estatal ainda coloca muitos limites nas ações.

Para que possa alcançar maior impacto social, torna-se necessário ampliar o diálogo com políticas públicas, garantindo apoio institucional e condições estruturais que assegurem sua continuidade. Importante registrar que os produtos expostos na feira ainda não obtiveram nenhum tipo de certificação. Pois, ainda se vende na base da confiança, que afirmam os próprios agricultores/as e os técnicos que fazem acompanhamento das suas produções. Desse modo, esse é desafio a ser superado. Durante o ano de 2024 algumas discussões e oficinas foram organizadas com a representante Rede Povos da Mata¹⁶ a fim de realizar o trabalho para essas certificações, no entanto a rede trabalhava mediante projeto que se encerrou e não houve continuidade em 2025. Outro ponto essencial é fortalecer a participação da comunidade externa, de modo a tornar a feira um espaço de integração entre universidade, escolas, movimentos sociais e sociedade em geral. Nesse sentido, investir em estratégias de divulgação, parcerias interinstitucionais e projetos de extensão pode potencializar sua atuação.

Nesse sentido, este projeto deve ser compreendida não apenas como uma atividade acadêmica extensionista, mas como um projeto político-pedagógico de resistência. Ela aponta para a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável que valoriza a vida, os saberes

¹⁶ A Rede de Agroecologia Povos da Mata é uma articulação dos produtores da agricultura familiar, assentados da reforma agrária, de comunidades indígenas e quilombolas, assim como de seus consumidores (co-produtores) e técnicos. Através do Organismo Participativo da Avaliação da Conformidade Orgânica (OPAC), certifica a unidade produtiva agrícola e agroindustrial orgânica e os produtos de seus associados. Maiores informações em: <https://povosdamata.org.br/>

tradicionais e a justiça social, constituindo-se como uma prática fundamental para pensar e semear futuros mais justos e solidários.

Pode se afirmar que a Feira Agroecológica da Universidade do Estado da Bahia / Departamento de Educação Campus X DEDCX constitui-se como um espaço formativo, pois ultrapassa a lógica de comercialização de produtos, configurando-se como um campo fértil de práticas pedagógicas, trocas culturais e produção de saberes coletivos. Nesse afim, é que se vem pavimentando os espaços coletivos, de articulação e de mobilização social, com uma visão de futuro próximo, visando uma maior adesão popular em torno da luta pela reforma agrária, com uma agricultura agroecológica, imbricada com os princípios da economia solidária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir sobre as dimensões educativas e sociais da feira de agroecologia do DEDC X UNEB, o sentido e a percepção dos envolvidos no processo.

Na primeira parte demonstrou-se os contextos históricos sociais onde emergem as contradições sociais econômicas bem como a questão agrária que situa o objeto da pesquisa. Neste contexto buscou se compreender a questão agrária na região extremos sul da Bahia e os desafios para implantação de um outro modelo de produção baseado numa agricultura agroecológica em contraposição ao que está ocorrendo no meio rural do Brasil atual com a expansão da produção capitalista, o que leva a reconfigurações nas formas de produzir e viver, com as crescentes dificuldades para continuidade de vida no campo para os agricultores de pouca escala produtiva.

No capítulo subsequente, caracterizou o objeto da pesquisa buscando compreender a feira como espaço de resistências, geração de renda, circulação de mercadorias. Caracterizou a feira da UNEB /DEDC X seu percurso histórico, desafios durante a pandemia, seus sujeitos, retomada pós pandemia, desafios encontrados nas vozes dos entrevistados.

No capítulo três demonstrou os dados coletados acompanhados das reflexões e interpretação dos mesmos. A partir dos dados coletados foi possível constatar que Projeto de extensão Feira agroecológica desenvolve suas atividades com um olhar criterioso sobre as questões que envolvem a agroecologia, os desafios encontrados, contribuindo para a formação sócio cultural dos envolvidos neste projeto de extensão acadêmica. Nesse sentido a educação popular colaborou para a consolidar as dimensões formativas da Feira Agroecológica da UNEB/Campus-X.

A partir da pesquisa realizada, os dados foram apontando que esta Feira não pode ser compreendida apenas como um espaço de comercialização de produtos. Pois, ao longo do processo observou-se que ela foi se constituindo, sobretudo, como um território de encontros, formação, de trocas de saberes e de fortalecimento de identidades. O fato de reunir agricultoras/es familiares, mulheres da economia solidaria da cidade de Teixeira de Freitas, artesãs, estudantes, professoras/es e a comunidade em geral, a feira materializa-se numa prática social que vai para além do consumo: reafirma valores éticos, políticos e culturais ligados à preservação da vida, ao respeito à natureza e à construção de relações mais justas e solidárias entre os seres humanos e a vida.

Como enfatizado nos capítulos iniciais desta dissertação, o território do extremo sul, contexto que surge a feira agroecológica, predomina o modelo hegemônico da agricultura

capitalista que insiste em priorizar a monocultura, os agrotóxicos e a lógica do lucro, Assim a feira emerge como contraponto e resistência. Ela revela que é possível produzir alimentos de forma saudável, valorizando a diversidade, os saberes tradicionais e a cooperação comunitária. Nesse sentido, a feira se torna espaço pedagógico, onde se aprende, na prática, que a sustentabilidade não é apenas um conceito, mas um modo de viver e de se relacionar com o planeta.

As edições da Feira Agroecológica da UNEB/DEDC X em 2024 reafirmaram sua relevância enquanto espaço formativo, cultural e comunitário. Através da articulação entre práticas agroecológicas, saberes tradicionais, arte, saúde e educação. Consolidando-se como experiência significativa de extensão universitária, contribuindo para a valorização da agricultura familiar, para a promoção da economia solidária e para o fortalecimento de vínculos sociais entre a universidade e a comunidade local e territorial.

Participar da Feira Agroecológica da UNEB é, portanto, vivenciar um projeto de sociedade baseado na ética do cuidado, na justiça social e na dignidade humana. Trata-se de um convite à reflexão crítica sobre os rumos da agricultura e do desenvolvimento, apontando para alternativas que unem economia, cultura e ecologia. Mais do que uma atividade pontual, aeste projeto representa a possibilidade concreta de semear novas formas de convivência, resistência e emancipação.

Diante das experiências realizadas, a Feira Agroecológica da UNEB/Campus-X, desponta como uma prática transformadora, que une produção, educação e cultura em um mesmo espaço. Contudo, para que possa alcançar maior impacto social, torna-se necessário ampliar o diálogo com políticas públicas, garantindo apoio institucional e condições estruturais que assegurem sua continuidade.

Outro ponto essencial é fortalecer a participação da comunidade externa, de modo a torná-la um espaço de integração entre universidade, escolas, movimentos sociais e sociedade em geral. Nesse sentido, investir em estratégias de divulgação, parcerias interinstitucionais e projetos de extensão pode potencializar sua atuação.

Já próximo de se comemorar, os seus dez anos de existência, podemos afirmar com todas as letras: A Feira Agroecológica da UNEB/Campus-X deu certo! Para confirmar esse dito, categoricamente, basta observar os registros, a regularidade do evento, que de forma sistemática continuada, se repete mensalmente, contando presença que chega, aproximadamente, entre 180 a 350 participantes. Redunda-se em Feira é festa! São encontros de pessoas semelhantes no modo de pensar, viver e existir. Para tanto, o seu grande desafio, é representado pela hora do salto, qualitativo e quantitativo, tanto na sua organização sócio

produtiva, como no seu planejamento estratégico para uma formação política ideológica de caráter sócio ambientalista, como princípio fundamental para a luta de classes. Dessa forma, faz-se necessário, ousar caminhar alguns passos rápidos, certos e previdentes. Começando pelos veículos que transportam os feirantes. Apesar do desempenho da coordenação da Feira e da diretoria do Campus-X, ainda precisa-se de um maior atendimento, visando assegurar a presença de muitas pessoas da agricultura familiar com possibilidade pelo transporte. Segue-se a necessidade de consertos e aquisição de novas barracas e de mais 01 toldo (10x10m) para melhor acolhimento aos participantes deste evento, em cada edição. E, como compromisso de todos os feirantes, para melhorar a comunicação e a divulgação da Feira. Precisa-se verificar, as possibilidades, de se ter veículos motorizados, a fim de atender os anúncios/chamadas, pois nos dias próximos à feira, nos bairros vizinhos da universidade. Também, buscar contatos com algumas rádios mais ouvidas da cidade, para se falar dos benefícios de uma alimentação saudável e agroecologicamente livre de venenos e doenças. Imprimir, maior frequência nas escolas de 2º e 3º graus, com visitas informativas e convidativas para a Feira.

Considerando, os finalmentes, através de uma proposta, para que o coletivo social da Feira, possa se constituir como entidade social, seja uma associação comunitária e/ou uma cooperativa territorial da Agricultura familiar e da Economia Solidária, visando, tanto a educação socio-produtiva de caráter Agroecológica, como a elaboração e acompanhamento/monitoramento dos projetos que deem conta das necessidades ora citadas e, também de novos projetos a exemplo das cozinhas solidárias, sustentáveis integradas as feiras itinerantes-territorial, visando a ampliação avançada deste trabalho e retomar as ações conjuntas com outras feiras da Universidade Federal da Bahia (UFSB), do Instituto Federal Baiano (IFBA), do MST Regional, da Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (ADAB) e da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto (EPAAEB), entre outros, integrados no mesmo esforço de articulação feminista, agroecológica e de economia solidária. Para tanto, o coletivo que compõe esta feira, já demonstrou que tem capacidade suficiente para sustentar por cerca de 10 anos, um trabalho formativo ideológico e de organização sócio produtiva, ousado, de extensão popular, onde no seu lema, preconiza-se: Alimentar-se é um ato político, cultural, ambiental, ético e social!

Por fim, reafirma-se que a Feira Agroecológica da UNEB deve ser compreendida não apenas como uma atividade acadêmica, mas como um projeto político-pedagógico de resistência. Ela aponta para a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável que valoriza a vida, os saberes tradicionais e a justiça social, constituindo-se como uma prática fundamental para pensar e semear futuros mais justos e solidários.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. A. de. A questão agrária na contemporaneidade e os desafios do movimento camponês no Brasil. In: **ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA**, 2009, Montevideu. Anais [...]. Montevideu, 2009.
- ANDERY, M. A. P. A. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- ANDRÉ, M. E. D. A.; LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- ARAÚJO, M. N. R. **As contradições e as possibilidades de construção de uma educação emancipatória no contexto da luta pela terra**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2007.
- ARAÚJO, M. N. R. **Educação do campo: um estudo sobre as mobilizações do MST-BA pelo direito à escola durante a década de 1990**. 2010. Trabalho acadêmico.
- BARBOSA, A. C. S. **Riqueza que mexe com os sentidos: feira livre de Senhor do Bonfim**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Salvador, 2013.
- BARBOSA, M. Narrativas, conversações e alguns ritornelos em meio à feira livre. **Ponto Urbe**, v. 8, 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1766>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- BEINSTEIN, H. **Dinâmicas de classe da mudança agrária: estudos camponeses e mudança agrária**. São Paulo: UNESP, 2011.
- BOFF, L. **Contemplativos de la liberación**. Madrid: HOAC, 1985.
- BOGO, A. **Organização política e política de quadros**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- BOGO, A.; BOGO, M. N. R. A. Processos formativos do MST: desafios e limites históricos. **Trabalho Necessário**, v. 17, n. 33, 2019.
- BOGO, A. Mística. In: CALDART, R. S. et al. **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- BOGO, M. N. R. A. Projeto de extensão feira da agricultura familiar agroecológica e economia solidária do DEDC-X. In: **ENCONTRO BAIANO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA**, 3., 2024, Salvador. Anais [...]. Salvador: UNEB, 2024.
- BOGO, M. N. R. A. A feira de agroecologia UNEB Campus X no contexto de uma práxis extensionista emancipatória: avanços e desafios. In: **CONGRESSO DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**, 3., 2025, Teixeira de Freitas. Anais [...]. Teixeira de Freitas: UNEB, 2025.

BRANDÃO, C. R. Educação pública, educação alternativa, educação popular e educação do campo: algumas lembranças e divagações. **Educação & Sociedade**, v. 42, p. 1–20, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wZq85C8yzypJzZnPwrJfxPq/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Territórios da cidadania: uma nova estratégia de desenvolvimento rural**. Brasília, 2008.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV–XVIII**. v. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, R. S. Pedagogia do movimento. In: CALDART, R. S. et al. **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 546–553.

CAMPOS, M. **5 coisas que você precisa saber sobre agroecologia**. 2021. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/5-coisas-que-voce-precisa-saber-sobreagroecologia/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

CARVALHO, J. P.; SILVA, L. R.; PEREIRA, M. A. Diversificação de produtos em feiras livres: uma análise estratégica. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 13, n. 2, p. 88–103, 2017.

CRUZ, O. N. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DESLANDES, S. F. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERREIRA, S. T. **A vida privada de negros pioneiros no povoamento de Teixeira de Freitas**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

IBGE. **Indicadores 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IBGE. **Censo agropecuário 1995–1996**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

PNUD. **Relatório de desenvolvimento humano: participação popular**. 1993. Disponível em: <https://hdr.undp.org/content/human-development-report-1993>. Acesso em: 29 out. 2023.

UNEB. **Sistema de Planejamento e Gestão Universitária – SPGU**. Salvador: UNEB, 2023.

UNEB. **Sistema de Planejamento e Gestão Universitária – SPGU**. Salvador: UNEB, 2024.

UNEB. **Sistema de Planejamento e Gestão Universitária – SPGU**. Salvador: UNEB, 2025.